

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO/MESTRADO EM HISTÓRIA

GESSICA ALINE SILVA

**ENTRE O “NEW SOCIETY” E O “XILINDRÓ”: DISCURSOS CONSTRUTORES DE
MASCULINIDADES E FEMINILIDADES NA FOLHA DO NORTE DO PARANÁ (1965-
1973)**

Marechal Cândido Rondon/PR

2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO/MESTRADO EM HISTÓRIA

GESSICA ALINE SILVA

**ENTRE O “NEW SOCIETY” E O “XILINDRÓ”: DISCURSOS CONSTRUTORES DE
MASCULINIDADES E FEMINILIDADES NA FOLHA DO NORTE DO PARANÁ (1965-
1973)**

Texto apresentado junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: História, Poder e Práticas Sociais.

Linha de Pesquisa: Cultura e Identidades.

Orientadora: Profa. Dra. Ivonete Pereira.

Marechal Cândido Rondon/PR

2018

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Silva, Gessica Aline

Entre o "New Society" e o "Xilindró" : discursos construtores de masculinidade e feminilidades na Folha do Norte do Paraná (1965-1973) / Gessica Aline Silva; orientador(a), Ivonete Pereira, 2018.
144 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Programa de Pós-Graduação em História, 2018.

1. Masculinidades. 2. Feminilidades. 3. Jornal. 4. Subjetividades. I. Pereira, Ivonete. II. Título.



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

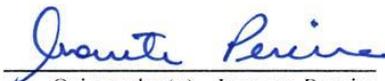
Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000
Marechal Cândido Rondon - PR.



Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE GESSICA ALINE SILVA, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Ao(s) 27 dia(s) do mês de março de 2018 às 9h00min, no(a) Sala de aula PPGH (nº60), realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) Gessica Aline Silva, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Mestrado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Ivonete Pereira, Carla Cristina Nacke Conradi, Yonissa Marmitt Wadi, Georgiane Garabely Heil Vázquez. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Ivonete Pereira, orientador(a) do(a) candidato(a). Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) candidato(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, intitulada: "ENTRE O "NEW SOCIETY" E O "XILINDRÓ": DISCURSOS CONSTRUTORES DE MASCULINIDADES E FEMINILIDADES NA FOLHA DO NORTE DO PARANÁ (1965 - 1973)". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Carla Cristina Nacke Conradi, Yonissa Marmitt Wadi, Georgiane Garabely Heil Vázquez. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. E, para constar, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon, lavra a presente ata, e assina juntamente com os membros da Comissão Examinadora e o(a) candidato(a).


Orientador(a) - Ivonete Pereira

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)


Carla Cristina Nacke Conradi

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000
Marechal Cândido Rondon - PR.



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE GESSICA ALINE SILVA, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Yonissa Marmitt Wadi

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Toledo (UNIOESTE)

Georgiane Garabely Heil Vázquez

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Gessica Aline Silva

Candidato(a)

Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História

Prof. Dr. Marcio Antônio Both da Silva
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em História
Mestrado e Doutorado
Portaria nº 6213/2016-GRE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO/MESTRADO EM HISTÓRIA

GÉSSICA ALINE SILVA

ENTRE O “NEW SOCIETY” E O “XILINDRÓ”: DISCURSOS CONSTRUTORES DE
MASCULINIDADES E FEMINILIDADES NA FOLHA DO NORTE DO PARANÁ (1965- 1973)

Dissertação apresentada como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História pelo
Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Marechal Cândido Rondon, ____/_____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ivonete Pereira – UNIOESTE
(Presidente da Banca Examinadora)

Profa. Dra. Georgiane Garabely Heil Vazquez – UEPG
(Examinadora)

Prof. Dra. Carla Nacke Conradi – UNIOESTE
(Examinadora)

Prof. Dra. Yonissa Marmitt Wadi – UNIOESTE
(Examinadora)

Profa. Dr. Marcos Nestor Stein – UNIOESTE
(Suplente)

AGRADECIMENTOS

Algumas vezes a imagem da pesquisa é associada a uma atividade solitária, o que, em parte, não é uma mentira. Entretanto, para a concretização desta dissertação, ao longo desses dois últimos anos, foram muitos aqueles que contribuíram e marcaram esse processo. Assim, espero que estas pobres palavras de agradecimento cheguem a essas pessoas em forma de abraços preenchidos com gratidão.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha família e amigos, pelo apoio incondicional e por embarcarem em todas as minhas loucuras, mesmo sem entendê-las muitas vezes. Gostaria também de me desculpar com meus dois sobrinhos Miguel e Maria, pelas vezes que tive de negar participar das brincadeiras, ou pela ausência nas festas da escola ou pela saudade imposta pelo meu distanciamento.

Além disso, tenho uma enorme dívida e gratidão aos meus amigos e amigas, companheiros que aliviaram os dias ruins e que trouxeram leveza ao meu cotidiano. Gostaria de nomear, especialmente, minha irmã de luta, Daniela, que, nos últimos anos, se transformou em uma das pessoas mais importantes da vida; a Jéssica, minha amiga de décadas e que, mesmo com as diferenças e o atropelo dos dias, sempre arruma uma maneira de se fazer presente; a Jaqueline, minha companhia nas aulas do mestrado, nos sufocos, desabafos, cervejas e, principalmente, nas inesquecíveis viagens de metropolitano às 6:00 horas da manhã.

Agradeço também à professora Ivonete Pereira – melhor orientadora que eu podia desejar – que, mesmo em um contexto de muitas ocupações e engajamentos, que todos aqueles que conhecem a Ivonete acompanham, se comprometeu com este trabalho. Agradeço as orientações, críticas, comentários, reflexões, conselhos e, em especial, pela paciência com que me ajudou a compor esta pesquisa.

Meus agradecimentos se estendem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro que proporcionou as condições materiais necessárias para o bom desenvolvimento da pesquisa. Ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Unioeste, seus professores e funcionários, por oferecer as contribuições e o acesso, por meio das disciplinas ofertadas, *workshops*, minicursos, palestras e colóquios realizados, a questionamentos e discussões fundamentais para o amadurecimento das reflexões desenvolvidas nesta dissertação.

Agradeço também a banca pela leitura e avaliação do trabalho, nosso diálogo é de extrema importância e riqueza para o aprimoramento e qualidade da pesquisa, por isso meu muito obrigada as professoras doutoras Carla Cristina Nacke Conrandi, Yonissa Marmitt Wardi, Georgiane Garabely Heil Vázquez e ao professor doutor Marcos Stein.

E, por fim, devo um muito obrigado a todos e a todas os/as integrantes do grupo de pesquisa Cultura e Relações de Poder e aos professores Frank Antônio Mezzomo e Cristina Satiê de Oliveira Pátaro, que, desde a minha graduação, me acompanham e ajudam neste processo, que é a dedicação à vida acadêmica. Graças ao nosso trabalho em conjunto, consegui o acesso as minhas fontes digitalizadas, o que viabilizou a construção desta dissertação.

ENTRE O “NEW SOCIETY” E O “XILINDRÓ”: DISCURSOS CONSTRUTORES DE MASCULINIDADES E FEMINILIDADES NA FOLHA DO NORTE DO PARANÁ (1965-1973)

RESUMO

A presente dissertação parte de questões acerca dos limites e fronteiras entre os gêneros, das trocas e negociações que envolvem a constituição dos sujeitos. Dessa maneira, procuramos analisar os modelos de masculinidades e feminilidades apresentadas pela coluna social e a coluna policial do jornal maringaense Folha do Norte do Paraná entre os anos de 1965 e 1973. A partir do referencial teórico dos Estudos de Gênero, pensando na produção de masculinidades e feminilidades, do conceito de performatividade da autora Judith Butler e das colocações de Michel Foucault sobre a constituição dos saberes, poderes e sujeitos, privilegiamos a abordagem de algumas subjetividades que serviam de modelo e referência, sendo enfatizados nos discursos da imprensa. Nesse contexto, as figuras dos “homens de bem”, das “senhoras da sociedade”, das “vadias” e dos “bebuns” eram constituídas de maneira oposta, extrema e complementar entre uns e outros. Por meio dessas dualidades em relação às *performances* masculinas e femininas veiculadas pelo periódico, observamos como se articulava o contexto da cidade de Maringá, na qual o Jornal era produzido, com o seu conteúdo e a produção de sentidos e sujeitos. Ao analisar as construções de gênero presentes no periódico notamos que estas não eram unânimes ou correspondiam diretamente a realidade da região, se configurando, na verdade, como uma das leituras possíveis de sua época, associada e influenciada pelos grupos envolvidos na produção desses sentidos.

Palavras-chave: Masculinidades. Feminilidades. Jornal. Subjetividades.

**BETWEEN THE "NEW SOCIETY" AND "XILINDRÓ": SPEECHES CONSTRUCTION
IN MASCULINITIES AND FEMININITIES AT FOLHA DO NORTE DO PARANÁ (1965-
1973)**

ABSTRACT

The present dissertation starts from questions about the limits and borders between genders, the exchanges and negotiations that involve the constitution of subjects. In this way, we analyzed the models of masculinities and femininities presented by the social column and the police column in the newspaper of the city of Maringá called Folha do Norte do Paraná between the years of 1965 and 1973. From the theoretical reference of Gender Studies, thinking about the production of masculinities and femininities, the concept of performativity of the author Judith Butler and Michel Foucault's positions on the constitution of knowledge, powers and subjects, we focused on the approach of some subjectivities that served as model and reference, being emphasized in the speeches of the press. In this context, the figures of "good men", "ladies of society", "sluts" and "drunks" were constituted in an opposite, extreme and complete way between one and another. Through these dualities in relation to the masculine and feminine performances conveyed by the newspaper, we observed how the context of Maringá was articulated, in which the newspaper was produced, with its content and the production of meanings and subjects. When analyzing the constructions of gender present in the newspaper we noticed that these were not unanimous or corresponding directly to the region's reality, being in fact, one of the possible readings of that time, associated and influenced by the groups involved in the production of these meanings.

Keywords: Masculinities. Femininities. Newspaper. Subjectivities.

LISTA DE IMAGENS

- Imagem 01:** Capa do segundo caderno da Folha do Norte do Paraná, celebrando o Dia do Gráfico. Publicada em 9 de setembro de 1973, apresentava a rotina e o trabalho envolvido para a produção do Jornal.....32
- Imagem 02:** Foto da capa do Jornal Folha do Norte do Paraná mostrando a “alta e boa sociedade” reunida na festa da Noite dos Destacados.....59
- Imagem 03:** Fotos das senhoras da sociedade reunidas no chá mensal do Clube da Amizade publicadas em 13 de janeiro de 1970.....80
- Imagens 04:** Fotografia publicada em 1º de julho de 1968, apresentava a Sra. Oricena como uma personalidade de destaque na sociedade maringaense.....81
- Imagens 05 e 06:** Fotos de apresentação das senhoras que se destacavam no cenário social da cidade publicadas, respectivamente, em 1º e 11 de julho de 1969.....84
- Imagem 07:** Imagem da chamada para a matéria presente na capa da edição 29 de janeiro de 1966, onde, além do destaque das letras da manchete, se sobressai a imagem do Superintendente Policial Haroldo de Castro.....93
- Imagem 08:** Foto de um dos anúncios de cerveja publicado no Jornal em 15 de abril de 1969.....109
- Imagem 09:** Foto de um dos anúncios de cerveja publicado ao lado da coluna social em 11 de fevereiro de 1971.....110
- Imagem 10:** Fotografia dos dirigentes do estabelecimento inaugurado e do gerente bancário conversando. Abaixo, a legenda destacava a inauguração do supermercado em 2 de junho de 1966.....113

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: UM RECUO AS MASCULINIDADES E FEMINILIDADES DE MARINGÁ ENTRE OS ANOS 1960 E 1970.....	14
1 AS PÁGINAS DA FOLHA DO NORTE DO PARANÁ E AS TENTATIVAS DE CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO DE SOCIEDADE.....	32
1.1 Uma apresentação da Folha do Norte do Paraná.....	34
1.2 Maringá e sua sociedade.....	42
1.3 As Colunas Social e Policial como mediadoras sociais	54
2 “MOCINHAS” E “VADIAS”: AS FEMINILIDADES ENFOCADAS	63
2.1 A construção do ciclo da vida social das “mocinhas”.....	64
2.2 A construção das “vadias”, “doidivanas” e “mariposas”	89
3 “BEBUNS” E “HOMENS DE BEM”: A CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES.....	107
3.1 Os “Homens de bem” a constituição de uma masculinidade “ideal”.....	108
3.2 A construção do descrédito dos “bebuns”	122
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS: AFINAL O QUE NOS DIZEM OS HOMENS E MULHERES DE BEM, OS BEBUNS E AS VADIAS?.....	135
REFERÊNCIAS.....	139

Triste louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal

A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina

Só mesmo rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar

Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar

Ela desatinou
Desatou nós
Vai viver só

Eu não me vejo na palavra
Fêmea: Alvo de caça
Conformada vítima

Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar (...).

(Francisco, el Hombre.
Colaboração Larissa Baq, Helena Maria,
Salma Jô & Renata Éssis. *Triste, louca ou má*, 2016)

INTRODUÇÃO: UM RECUO AS MASCULINIDADES E FEMINILIDADES DE MARINGÁ ENTRE OS ANOS 1960 E 1970

Iniciamos esta dissertação com os versos da música *Triste, louca ou má*, cuja letra instiga uma série de reflexões e de questionamentos que nos tocam pessoalmente e intimamente, movendo-nos e levando à construção dos objetivos, da problemática e das análises apresentadas no espaço deste texto. Ademais, a canção nos apresenta algumas caracterizações femininas relacionadas àquelas mulheres que não se encaixam em uma feminilidade enfocada ou “ideal”, recusando a receita ou destino que lhes são socialmente impostos, ou seja, o cuidado e a dedicação ao marido, aos filhos e ao lar, sendo assim condenadas à tristeza, à loucura, à maldade ou a outras tantas maneiras de descrevê-las.

Nesse sentido, a música aponta as dores de tais mulheres que, consciente ou inconscientemente, se recusaram a se restringir ou a se adequar a um destino predeterminado, como nos mostram os versos 6 e 7. Dessa maneira, em seu refrão, o eu-lírico da canção roga para que elas não se deixem ser definidas por homens, casas ou carnes, no sentido de raça ou cor, tomando o comando de suas vidas. Ao mesmo tempo, nas linhas seguintes é reconhecida a solidão, que, muitas vezes, é encontrada em desatar esses nós históricos e culturalmente atados.

Na segunda parte da música, o eu-lírico assume a primeira pessoa, mudando a perspectiva da canção, fazendo-se presente e tomando uma posição, alinhando-se ao lado dessas mulheres. Assim, afirma não se identificar com a construção da palavra “fêmea” enquanto vítima conformada e, em uma atitude de força e empoderamento, decide queimar o mapa, a receita e se reinventar. Todo o processo delineado nesses versos parece envolver a vida de muitos sujeitos que, a pesados fardos, não se encaixam, não se restringem a discursos e a normativas dominantes relacionados a como deveriam guiar as suas vidas, os seus comportamentos, as suas formas de vestir, de se comportar e de amar.

A partir desses aspectos, algumas questões são levantadas, como: –Qual seriam as normativas pra construção das masculinidades e das feminilidades? –Essas normativas de fato existiam? –Quando foram formuladas? –Quem as escrevera? –E, quanto aos sujeitos, qual seriam os seus papéis e em que momento se inseriam ou eram afetados?

Em busca de nos aproximarmos desses discursos que fundam masculinidades e feminilidades, recuamos até os homens e as mulheres que circulavam na cidade interiorana de Maringá entre os anos 1960 e 1970. Assim, por meio da imprensa local, especificamente do Jornal

Folha do Norte do Paraná, procuramos identificar os padrões, as repetições e as contradições das *performances* masculinas e femininas desse contexto.

Para tanto, partimos de reflexões sobre os limites e as fronteiras entre os gêneros, sobre o que é, de fato, ser menino ou menina, homem ou mulher, masculino ou feminino, sobre as receitas e os destinos designados para esses sujeitos. Além disso, pensamos nas trocas e nas negociações que os indivíduos operaram durante a constituição de suas *performances* sociais. Dessa feita, deparamo-nos com algumas questões, como o que, como, quando e por quem eram definidas tanto as feminilidades como as masculinidades, observando a contraposição entre “senhoras da sociedade” e “vadias”, “homens de bem” e “bebuns” na coluna social e na coluna policial do Jornal Folha do Norte do Paraná.

A partir desses pontos, procuramos identificar e comparar as temáticas, os valores, os comportamentos, os papéis sociais e os espaços subjacentes aos modelos de masculinidades e de feminilidades presentes nas notas sociais e nas notas policiais. Além disso, buscamos problematizar as relações de poder que permeiam os gêneros masculino e feminino (re)produzidas pelo Jornal.

Temos, todavia, presente o pressuposto de que problematizar as construções de gênero sempre se configura em uma tarefa desafiadora, visto que muitos dos princípios dessas designações foram sedimentados há séculos, como, por exemplo, com a constituição da família burguesa no século XVIII e XIX, distribuindo e fixando homens e mulheres na nova formação social que se organizava a partir da Revolução Industrial.

Assim, para além dos desafios enfrentados na desconstrução desses preceitos sociais e históricos, os Estudos de Gênero, constantemente, encontram resistências em suas lutas no campo da política. Trata-se de resistências aos avanços políticos que confrontam setores tradicionais e conservadores da sociedade. Nesse âmbito, há grande dificuldade em ultrapassar os muros da universidade, mas conscientes, e chegar à educação básica, em transformar suas reivindicações em políticas públicas e em garantias de proteção, de inserção, de representatividade e de equidade de gênero. Sendo assim, a presente pesquisa vem juntar-se a outros estudos, fóruns e debates que se articulam como uma forma de resistência e enfrentamento das naturalizações históricas de determinadas representações de gênero.

Nesse contexto, os anseios que nos movem são, justamente, alguns dos pontos apresentados nos parágrafos acima, ou seja, o questionamento de algumas das normativas e construções de gênero. Assim, inseridos em nosso contexto da pesquisa, lançamos questões sobre os modelos de mulheres e de homens que faziam parte da sociedade maringense: –Sob quais influências eles se constituíam? –Quais seus parâmetros? –Quem os determinava? – Como os sujeitos se

apresentavam? A partir desses aspectos desenvolvemos nosso objetivo de discutir os modelos de masculinidades e de feminilidades veiculadas pela coluna social e pela coluna policial do Jornal Folha do Norte do Paraná, entre os anos de 1965 a 1973.

Ademais, procuramos problematizar a constituição da Folha do Norte do Paraná, seu contexto, suas estratégias, bem como a análise dos conteúdos apresentados nas mencionadas colunas social e policial relacionados com a construção de modelos de feminilidades e de masculinidades, tendo como preocupação sua articulação social, suas relações de poder e os projetos sociais aos quais respondem.

Para tanto, buscamos um referencial teórico que nos permitisse problematizar as relações sociais entre homens e mulheres veiculados pelo Jornal. Sendo assim, a partir de conceitos como gênero, performatividade, masculinidades, feminilidades e utilizando o método da análise do discurso, buscamos pensar as complexidades das relações entre os sujeitos, entre homens e mulheres, bem como a relação imprensa e sociedade na constituição de *performances* sociais, compreendendo, também, os jogos de poder, a vigilância e as resistências presentes no periódico, e mesmo na dinâmica geral da sociedade local.

Imersa nessas discussões, esta pesquisa pode, a partir de suas análises, contribuir para a discussão, a desconstrução e o questionamento das noções de feminino e de masculino como a-históricos e naturais. Além disso, possibilita a problematização das percepções sobre a história da região do norte do Paraná, em especial Maringá, como uma cidade central na dinâmica da região, problematizando outros aspectos além do econômico e do político, como as relações de gênero e as sociabilidades. E mais, a presente pesquisa adiciona a percepção da constituição de *performances* sociais masculinas e femininas em espaços distantes das grandes capitais, ou seja, se concentra no contexto de uma cidade do interior em pleno processo de urbanização e de crescimento econômico e populacional.

Por meio de tais perspectivas, propomos analisar os discursos, aparentemente opostos, das colunas social e policial, compreendendo que tais conteúdos e modelos de feminilidades e de masculinidades ali veiculados são relacionais, complementares e dependentes entre si. Logo, buscamos não simplificar nossas observações acreditando que tais sujeitos possuíam uma leitura dos modelos e dos discursos do Jornal de forma pacífica ou sem resistências. Por isso nos esforçamos para perceber os deslizamentos de sentidos¹, as contradições e as divergências dos

¹ Esse conceito utilizado nos indica as diferentes possibilidades de efeitos de sentidos a partir de uma mesma materialidade, permitindo a analisar como os discursos se atravessam. Para mais informações vide: LASSEN, Dulce Beatriz Mendes. Efeitos de sentido: a tentativa de contenção e deslizamento. Cadernos do IL, Porto Alegre, n. 40, p. 73-82, 2010.

discursos acerca dos sujeitos apresentados nas edições da Folha do Norte do Paraná, mesmo que seus comportamentos e sua oposição às normativas não se dessem de forma consciente.

Além disso, os sujeitos caracterizados pelo Jornal enquanto “senhoras da sociedade” ou enquanto “vadias”, enquanto “homens de bem” ou enquanto “bebuns” não existiam de forma maniqueísta ou isolada. Ao contrário, eles eram parte de uma mesma sociedade burguesa com padrões e *performances* de gênero, sociedade na qual a dualidade entre os indivíduos era criada por discursos como o da Folha Norte do Paraná, sendo esses sujeitos escolhidos dentro de uma realidade complexa e que comportava diferentes modelos, além destes enfocados aqui. Ou seja, na prática, as fronteiras delimitadas pelos discursos comportavam negociações, trocas e manipulações da parte dos indivíduos, que ora se apresentavam de uma forma, ora de outra, transitando e utilizando as normativas e discursos à sua maneira.

Ainda sobre a formulação de nossos objetivos e do encontro com tais objetos de pesquisa, cabe mencionar que a trajetória que nos trouxe até aqui teve início na graduação (2012-2015), em meio ao desenvolvimento de pesquisas nos projetos de Iniciação Científica que abordavam a Folha do Norte do Paraná e suas construções de representações das mulheres². A partir desses trabalhos, consideramos alguns elementos, como a tentativa de determinados grupos, próximos do periódico em questão, de implantar modelos e projetos de cidade e de população, fazendo uso de uma série de dispositivos, entre eles o discurso jornalístico. Além disso, compreendemos que os aspectos que qualificam homens e mulheres e que definem um universo de trejeitos, códigos, objetos e vestimentas estão articulados a idealizações e a normatizações de gênero.

Na tentativa de problematizar esses aspectos, utilizamos a fonte jornalística para a pesquisa histórica, compreendendo que os veículos de comunicação desde o século XIX e, em especial, no século XX, foram se construindo por meio do aperfeiçoamento de técnicas comunicativas, em formadores de opinião relacionados com o estabelecimento de relações de poder e do *status quo* das classes dominantes. Dessa maneira, compreendendo que os discursos são sociais não existindo objetos ou sujeitos pré-discursivos, consideramos que os periódicos, juntamente com outros discursos difusos na sociedade por parte dos grupos dominantes, possuíam influência na constituição das subjetividades, em especial no âmbito das relações de gênero.

² *Vide* os artigos e capítulos produzidos a partir dos projetos de Iniciação Científica: MEZZOMO, Frank Antônio; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; SILVA, Géssica Aline. No lar e na família: permanência e mudanças nas representações da mulher face aos ventos modernizantes. **Educere et Educare**, Cascavel, v. 9, n. 17, p. 269-281, 2014; MEZZOMO, Frank A. ; PÁTARO, Cristina S. O. ; SILVA, Géssica A. Devoção, transgressão e moralidade: a mulher na Folha do Norte do Paraná. In: BASSO, Edcleia Aparecida; TOGNATO, Maria Izabel Rodrigues (Org.). **Sociedade e desenvolvimento: diálogos interdisciplinares**. Campo Mourão, PR: Fecilcam, 2015. p. 169-190.

Compreendemos que ao privilegiarmos o uso da fonte jornalística lidamos com suas limitações em relação a apresentação e caracterização das subjetividades, ou seja, estamos limitados ao seu ponto de vista acerca dos nossos sujeitos investigados. Ainda assim, buscamos investigar nossos objetos de pesquisa, ou seja, as masculinidades e feminilidades, unicamente a partir do discurso da Folha do Norte do Paraná, assumindo e problematizando suas especificidades e limites.

A partir dessas perspectivas o caminho metodológico traçado por nós consistiu na leitura de aproximadamente 2000 edições do Jornal, referentes ao recorte da pesquisa. Por meio da identificação e tabulação das publicações das colunas social e policial, organizamos suas informações básicas como o nome do arquivo no acervo, data, autoria, presença de imagens e descrição de seus conteúdos. Após a organização desses dados em tabelas separadas por data e por coluna realizamos nossas análises.

Foi dessa maneira, portanto que nos aproximamos da Folha do Norte do Paraná³, que era um Jornal diário publicado em Maringá entre os anos de 1962 e 1979, circulando em aproximadamente 90 cidades do estado do Paraná. Inicialmente idealizado, criado e administrado pela Igreja Católica, personificada na figura do bispo diocesano D. Jaime Coelho, o periódico se constituía com cerca de 6 a 16 páginas, veiculando assuntos diversos sobre atualidades, política, economia, esportes, comportamento, colunas femininas (moda e beleza), notícias internacionais e regionais.

Posteriormente, o Jornal foi arrendado para Joaquim Dutra, entre os anos de 1965 e 1973. Sobre esse sujeito cabe destacar que era dono da primeira rádio da cidade, estando ligado a associações comerciais e industriais, bem como mantendo laços de proximidade com membros da Igreja e com o bispo⁴, que frequentemente escreviam textos e circulavam pela redação do Jornal. Assim, mesmo que o periódico se apresentasse enquanto comercial e laico, tendo influência de setores empresariais e comerciais, o elemento religioso é outro aspecto presente em algumas de suas narrativas.

A apresentação do administrador do periódico é importante para o nosso entendimento e tentativa de problematização das relações entre o conteúdo veiculado nas edições e os laços entre a sociedade. Além disso, cabe mencionar que, durante esse período da administração do Jornal, uma equipe de jornalistas, redatoras/es e fotógrafas/os foi reunida contribuindo para a consolidação da circulação e das características gráficas das edições diárias. Essa consistência conquistada neste

³ Sobre o jornal Folha do Norte vale destacar que seu acervo digital se encontra sob a guarda do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder da Universidade Estadual do Paraná – *Campus* de Campo Mourão, enquanto que seu acervo físico está sobre a responsabilidade do Centro Paranaense de Documentação e Pesquisa da Universidade Estadual de Maringá (CPDP/UEM).

⁴ PAULA, Antônio Roberto de. **O jornal do bispo: a história da Folha do Norte do Paraná**. Disponível em: <<http://jornaldobispo.blogspot.com/2010/04/livro-o-jornal-do-bispo-historia-da.html>>. Acesso em: 25 jan. 2014.

intervalo de tempo contribui para a análise das linhas de pensamento, das influências, dos posicionamentos e da contextualização das escolhas editoriais das publicações, sendo este um dos fatores que contribuíram para a construção do recorte temporal da presente pesquisa.

Além disso, nosso recorte temporal abrange um período de colapso da produção cafeeira, de crescimento da população de Maringá devido ao êxodo rural, de introdução de novos sujeitos na dinâmica local e, conseqüentemente, de aceleração do processo de urbanização, o que modificou e trouxe para o centro dos debates do periódico a constituição dos costumes, de projetos de sociedade e de cidadãos visados para a cidade. Ou seja, como argumenta Campos⁵, ao comentar o contexto maringaense nos anos 1960 e 1970, os jornais se constituíram em porta-vozes das normatizações nos espaços urbanos, de acordo com a visão dos grupos dominantes e o poder público.

Ambos os aspectos, como a consolidação do Jornal e o processo de alterações no cenário urbano maringaense, nos fazem refletir acerca da emergência desses debates sobre o espaço urbano e suas implicações na construção de modelos de masculinidades e de feminilidades, bem como as relações das/os autoras/es, jornalistas e da Folha do Norte do Paraná com as classes dominantes, empresariais e religiosas, sendo um dos porta-vozes dos interesses desses grupos.

Também em âmbito nacional, esse período compreende um período desde a instituição do regime civil militar⁶ – contando com a articulação das Forças Armadas e o apoio de setores da sociedade civil – até a sua consolidação e a imposição de suas políticas de moralização, limpeza social, ordem e desenvolvimento econômico. Ainda, sobre o apoio e a natureza do regime civil militar, seguindo as orientações de Carlos Fico⁷, compreendemos que as alianças travadas entre o regime e as classes altas e médias, os setores empresariais, a imprensa e a Igreja Católica, visavam frear as reformas de base e alavancar o crescimento da economia, sustentar a manutenção de valores morais tradicionais, bem como se afirmarem enquanto modelos de modernidade e de sofisticação.

Os objetivos de algumas camadas da população civil, e seu apoio pontual durante a construção do regime pelos militares, influenciaram na constituição de uma série de ações políticas em relação à economia e à sociedade, entre elas a repressão e a produção de discursos,

⁵ CAMPOS, Paulo Fernando de S. Moralizando o pobre: vadios, baderneiros e loucos na “cidade tecnicamente planejada para ser bela e sem problemas”. In: DIAS, Reginaldo B; GONÇALVES, José. H. R. **Maringá e o norte do Paraná**. Maringá: Editora da UEM, 1999. p. 315-331.

⁶ Utilizamos a expressão “regime civil militar” a partir da compreensão de que, mesmo com a preponderância da atuação dos militares no golpe de 1964, o apoio e participação dos civis ajudou a definir a natureza dos eventos históricos. Sugerimos, para um aprofundamento no debate revisionista sobre as denominações empregadas para definir o regime imposto em 1964, a consulta a entrevista de Carlos Fico publicada por: AREND, Sílvia Maria Fávero; HAGEMeyer, Rafael Rosa; LOHN, Reinaldo Lindolfo. Ditadura Militar: mais do que algozes e vítimas – a perspectiva de Carlos Fico. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 5, n. 10, p. 464-483, 2013.

⁷ AREND, Sílvia Maria Fávero; HAGEMeyer, Rafael Rosa; LOHN, Reinaldo Lindolfo. Ditadura Militar: mais do que algozes e vítimas – a perspectiva de Carlos Fico. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 5, n. 10, p. 464-483, 2013.

principalmente os relacionados aos sujeitos considerados “desviantes”, como as ditas prostitutas e os alcoólatras, indivíduos enfocados nesta pesquisa.

O conhecimento desse quadro do contexto nacional e regional facilita na compreensão das escolhas editoriais do Jornal, da seleção dos assuntos e dos sujeitos veiculados em suas colunas, permitindo-nos problematizar a existência de relações entre governos, empresários e o periódico. Por meio desses apontamentos contextuais, somos levadas a pensar a sociedade enquanto um campo de relações e de lutas de poderes, relações e lutas que influenciam a constituição de modelos de masculinidades e de feminilidades apresentados nas notícias da Folha do Norte do Paraná, além da compreensão de que as construções de gênero são socialmente condicionadas e interpassadas por noções de classe, de raça e de etnia.

Novamente, sobre nossos recortes temáticos, devemos considerar que, dada a diversidade de abordagens possíveis dentro das matérias e das notícias veiculadas pela Folha do Norte do Paraná, concentramos nossas análises em duas colunas visando notar suas regularidades, seus discursos e suas práticas. Foram selecionadas, dessa forma, a coluna social e a coluna policial, que, apesar de aparentemente opostas e sem nenhuma relação entre seus conteúdos, são, assim como todo o periódico, organizadas de acordo com os posicionamentos e as visões de mundo da equipe editorial e das/os jornalistas que as escrevem, bem como de acordo com o projeto editorial das/os redatoras/es, das/os administradoras/es e das/os anunciantes do Jornal.

Consideramos, portanto, que os conteúdos apresentados por ambas as colunas, assim como o restante do Jornal, são complementares. Dessa forma, enquanto uma construía feminilidades e masculinidades “ideais”, a outra constituía e apresentava modelos ditos “desviantes”. Ou seja, as edições do periódico selecionavam e hierarquizavam esses sujeitos que compunham o todo da sociedade maringense, organizando-os de forma que se, por um lado, a coluna social acompanhava e elogiava o modo de vida da “alta e boa sociedade”, a coluna policial, ao veicular informações sobre os sujeitos criminosos e infratores, denunciava-os, além de essas informações servirem de advertência, apontando para o perigo de condutas não aceitas socialmente.

Essa dualidade de indivíduos representados na Folha do Norte do Paraná nos indica os limites de seu discurso, os usos, as manipulações e as negociações que a sociedade adotava em relação às normativas e às orientações publicadas. Dessa feita, entendemos que a recorrência de denúncias de sujeitos “desviantes” na coluna policial apontava para as suas resistências, visto que esses indivíduos pertenciam ao mesmo espaço urbano, dividindo lugares, ruas, preceitos morais, leis e normas sociais.

A partir da consideração da complexidade da sociedade de Maringá, de seu contexto, da diversidade de indivíduos que a compunham e do processo de seleção do Jornal, também nós buscamos privilegiar alguns dos sujeitos que eram apresentados pelo periódico com maior frequência, visando dar ênfase à dualidade criada pelo conteúdo da Folha do Norte do Paraná. Dessa forma, destacamos que, nas notas sociais, se sobressaíam as jovens debutantes, as senhoras da sociedade, os políticos e os empresários. Na coluna policial, por sua vez, eram enfatizados as prostitutas e os embriagados, que representavam os comportamentos considerados “desviantes”, mesmo não sendo os únicos sujeitos que a coluna incluía no rol dos “desajustados”.

Ademais, consideramos, como indica Paulo F. de S. Campos, que os grupos dominantes muitas vezes buscavam moldar “[...] as personalidades antagônicas a partir de um instrumental sutil regulado pelo olhar punitivo, pela sanção normatizadora, pelos aparelhos repressores que invadiam as esferas privadas dos homens e mulheres, fazendo-os sofrer uma torturante depreciação de seus mais íntimos segredos”⁸. Nesse sentido, o Jornal, enquanto voz e mecanismo que contribuía com esses grupos, colaborava na criação de discursos que orientavam e condenavam os sujeitos, organizando-os e distribuindo-os no espaço urbano como bons e maus indivíduos.

Nessa perspectiva, nossos recortes são pontuais ao evidenciar a dualidade e os extremos das *performances* dos sujeitos veiculados pelo Jornal. Tal esquema nos aponta, no entanto, para além das buscas por normatizações das diferentes posições assumidas pelos indivíduos, suas manipulações e negociações, indicando que, entre “senhoras da sociedade” e “vadias”, entre “homens de bem” e “bebuns”, existia um universo de feminilidades e de masculinidades construídas pelos indivíduos em diferentes ocasiões.

Acreditamos que o Jornal contribuía para a constituição de subjetividades e para a organização dos sujeitos, localizando-os, separando, determinando e distribuindo-os nos espaços urbanos ocupados. Nesse sentido, procuramos em alguns conceitos de Michel de Certeau⁹ o amparo para compreender a constituição dos espaços e dos indivíduos. Essa conceituação começa a partir do entendimento de que as narrativas são feitura de espaço, ou seja, de que os relatos sobre os usos de determinadas espacialidades constroem e demarcam os ambientes da cidade, contribuindo para a constituição das subjetividades.

Assim, apropriamo-nos tanto de seu conceito de “lugar praticado”, exemplificado acima, segundo o qual os lugares são constituídos a partir das práticas que ali se desenvolvem, quanto do termo “maneiras de fazer”, que indica que os sujeitos manipulam e se reapropriam do espaço

⁸ CAMPOS, Paulo Fernando de S.. Op. cit., p. 316.

⁹ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

organizado e dos códigos sociais à sua maneira. Compreendemos, portanto, que o conteúdo do periódico, ao mesmo tempo em que constituía Maringá, não correspondia diretamente à sua realidade, estando sujeito às interpretações e aos usos dos seus consumidores.

Ademais, ao tratar a nossa fonte de pesquisa, também nos aproximamos de Michel Foucault¹⁰. Assim, enquanto metodologia, adotamos as suas discussões acerca da produção e da circulação dos discursos, compreendendo que os jornais instauram objetos, circunscrevem conceitos, legitimam sujeitos anunciadores e fixam estratégias de anúncio. A análise do discurso, aqui empregada como método, não se restringe a questões linguísticas, mas engloba a emergência e as condições dos enunciados. Por fim, entendemos que a produção discursiva “[...] é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”¹¹. É a partir dessa perspectiva que buscaremos abordar a Folha do Norte do Paraná, questionando como as masculinidades e as feminilidades emergiam e eram produzidas no discurso do Jornal e como este as selecionava, controlava e legitimava.

Consideramos que a organização das notícias e dos comentários das colunas analisadas não eram fortuitos, desenvolvendo-se a partir de procedimentos de controle e de delimitações, ou seja, por meio do investimento em uma série de rituais, de circunstâncias e de normas que legitimavam as falas e as representações presentes no Jornal. Além disso, a repetição de narrativas e de referências populares extraídas de textos morais, filosóficos, religiosos e jurídicos se configura em outro mecanismo de funcionamento do discurso apontado por Foucault¹². Nesse sentido, notamos como o conteúdo presente na Folha do Norte do Paraná era atravessado por diferentes referências, autores e formas de controle, sendo o discurso, portanto, um campo de lutas, de produção de sentidos e de poderes.

O conceito de poder apresentado por Foucault também é caro a esta pesquisa. Para o autor, o poder se exerce nas relações de força sem possuir um centro irradiador. Seu exercício é, portanto, capilar, microfísico, fluído, envolvendo mudanças, ações e, por fim, desenvolvendo diferentes técnicas variáveis historicamente¹³. A partir de tal conceito, consideramos que as relações entre os

¹⁰ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

¹¹ Ibidem, p. 8.

¹² FOUCAULT, Michel. Op. cit., loc. cit.

¹³ FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault. Uma trajetória para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-229.

sujeitos e o Jornal não se desenvolviam de forma vertical, isto é, a Folha do Norte do Paraná não seria a detentora de poder agindo sobre indivíduos passivos. Pelo contrário, o poder atravessa tanto o periódico quanto os sujeitos, sendo exercido na relação entre ambos.

Além disso, em sua análise, Foucault discute a constituição dos sujeitos e das subjetividades associadas aos processos de subjetivação, que seriam uma reserva de resistência e fuga à captação dos indivíduos a uma forma-sujeito. A subjetividade seria, portanto, uma forma desfeita pelos processos de subjetivação, envolvendo modos de resistência relativa à vida, ou seja, a subjetividade envolve uma postura diante da vida e é uma expressão de nós e de como nos relacionamos com as coisas, com o mundo¹⁴.

Para a nossa compreensão da construção dos modelos de masculinidades e de feminilidades contamos, para além das contribuições dos conceitos foucaultianos, da constituição do espaço e das maneiras de fazer de Michel de Certeau, como os debates do campo de pesquisa da História das Mulheres e dos Estudos de Gênero, que possibilitaram a crítica ao sujeito universal da história, destacando a presença e a ação feminina ao longo das décadas, bem como a historicização das relações entre os sexos e a incorporação de suas experiências históricas, sociais e culturais em sua complexidade.

O conceito de “gênero”, surgido na década de 1980 e popularizado pela historiadora norte-americana Joan Scott¹⁵, busca destacar a construção social e cultural dos gêneros, concebendo-os como “[...] um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos [e sendo] uma forma primeira de significar as relações de poder”¹⁶. É dessa maneira que se pode descartar o determinismo biológico, bem como se sublinha o aspecto relacional das definições normativas de feminilidades e de masculinidades. Essa perspectiva nos permite questionar as características e as representações de homens e de mulheres naturalizadas no cotidiano por construtos sociais e culturais, e a contribuição da organização do poder na sociedade para sua manutenção.

Ao nos inserirmos no campo dos Estudos de Gênero, somos levadas a procurar desconstruir e desnaturalizar as oposições binárias fixas, a advertir para a forma como “[...] as referências culturais são sexualmente produzidas, por meio de símbolos, jogos de significação, cruzamentos de conceitos e relações de poder, conceitos normativos, relações de parentesco, econômicas e

¹⁴ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

¹⁵ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Cadernos Pagu**, n. 3, p. 11-27, 1994.

¹⁶ Ibidem, p. 21.

políticas”¹⁷. Ou seja, como os mecanismos sociais e de poder, a exemplo de nossas vestimentas, nossos trejeitos, posturas, linguagem, entre outros aspectos, acabam criando bases e determinações sobre as quais os sujeitos se identificam e constroem suas subjetividades e suas concepções de gênero ou são construídos e identificados na sociedade.

As premissas acima nos levam a considerar a existência de múltiplos “femininos” e de múltiplos “masculinos”, desconstruindo a noção de uma subjetividade única ou essencialista e reconhecendo as interseccionalidades de classe, raça, etnia e geração. Ao nos referirmos à análise dos discursos do Jornal acerca dos homens e mulheres maringauenses, esses apontamentos nos permitem problematizar a organização e a construção discursiva do gênero por meio da veiculação de *performances* sociais selecionadas pelos editores do periódico, dentro de uma realidade múltipla, na tentativa de fixar formas “ideais” de masculinidades e de feminilidades.

Outras contribuições ao debate sobre as relações de gênero são os estudos trazidos por Judith Butler¹⁸, ao ela conceber esse conceito enquanto uma “[...] estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”¹⁹. Sendo assim, os gêneros se constituiriam por meio da repetição de códigos, de posturas, de comportamentos, de expressões, de regras e normas, que, uma vez construídas e significadas socialmente, passam a impressão de naturais e a-históricas.

A partir dessas proposições, a autora contribui para com nossas discussões anteriores e adverte para o caráter performativo do gênero. Segundo esse ponto de vista, procuramos problematizar as notas sociais e policiais do Jornal, observando suas regulações, repetições e naturalizações de posturas masculinas e femininas, ou seja, como seu conteúdo colabora para cristalizar as estruturas do gênero. Esse conceito de performatividade evidencia como as normativas do gênero e do sexo são construídas e naturalizadas, sendo a

[...] realidade do gênero ser criada mediante *performances* sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade e feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte de estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades

¹⁷ MATOS, Maria Izilda. História das mulheres e gênero: usos e perspectivas. In: MELO, Hildete Pereira de; PISCITELLI, Adriana; MALUF, Sônia Weidner; PUGA, Vera Lúcia (Org.). **Olhares feministas**. Brasília, DF: Ministério da Educação: UNESCO, 2007. p. 284.

¹⁸ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

¹⁹ *Ibidem*, p. 69.

performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória²⁰.

Os aspectos elencados acima nos trazem duas convicções. A primeira versa sobre o caráter relacional das construções dos gêneros, ou seja, os modelos de masculino e de feminino não são apenas oposições, são também necessários e complementares um ao outro; a segunda convicção se relaciona ao rompimento com a binaridade dos modelos de gênero, considerando a existências de múltiplos modelos de masculinidades e de feminilidades. Com essas convicções, entendemos que a Folha do Norte do Paraná produzia modelos de homens e modelos de mulheres em suas colunas social e policial, construía e destruía esses modelos, orientava o que deveriam ser, organizando-os de maneira oposta, plural e complementar.

As indicações de Robert Connel, de James Messerschmidt (2014)²¹ e de Michel Kimmel (1994),²² em suas pesquisas sobre a produção das masculinidades, também nos auxiliam a compreender a multiplicidade das significações de gênero. Esses autores, ao apontarem para as representações de masculinidades hegemônicas, indicam a construção de uma figura masculina “ideal”. Acontece, no entanto, que tal construção requer a relação com outros modelos periféricos e que fogem às normas, constituindo masculinidades subalternas. Assim, devemos perceber a constituição de masculinidades e de feminilidades enquanto construções e não como acontecimentos dados ou naturais, sendo, portanto, constituições forjadas a partir de intersecções sociais. Esses conceitos são aqui empregados no plural com vistas a enfatizar sua multiplicidade e polissemia, pois são percebidas e vivenciadas de diversas formas pelos sujeitos. Além disso, descartamos a concepção de modelos hegemônicos, pois consideramos que as caracterizações presentes no Jornal se configuravam em tentativas ou estratégias de legitimação de subjetividades “ideais” e não necessariamente hegemônicas.

Com o intuito de investigar as *performances* masculinas e femininas no contexto maringaense, contamos, além dos referenciais teórico-metodológicos apresentados anteriormente, com auxílio de uma série de trabalhos que se constituíram em referências às temáticas encontradas em nossa fonte de pesquisa. Entre essas pesquisas está a desenvolvida por Marlene Fáveri²³, na qual

²⁰ Ibidem, p. 244.

²¹ CONNEL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-281, 2014.

²² KIMMEL, Michel S. A produção de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 9, p. 103-117, 1998.

²³ FÁVERI, Marlene. **Moços e moças para um bom partido** (a construção das elites de Itajaí, 1929-1960). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

a autora estuda a criação do clube O Bloco dos XX, problematizando como esse espaço social se configurou em um importante local para a sociabilidade das famílias da elite, tendo como fim a formação de alianças matrimônias. Suas colocações nos orientam na compreensão dos aspectos encontrados na coluna social investigada, principalmente no que concerne a entender os espaços dos clubes sociais, dos bailes e dos concursos de beleza, descritos como locais de sociabilidade, de formação de alianças e de propagação de modos vida.

Ademais, Joana Maria Pedro²⁴ também traz algumas contribuições para a problematização das maneiras como os grupos dominantes se constituem e se diferenciam do restante da população. Assim, por meio de fontes como jornais e ofícios públicos de Florianópolis, investiga as diferentes representações de mulheres enquanto senhoras da elite e mulheres da classe trabalhadora, associando tais modelos ao processo de urbanização do final do século XIX e início do século XX. Aponta, também, para a importância feminina na inserção das famílias nos altos círculos sociais, as formas de distinção social, os jogos de poder e, por outro lado, as formas de resistência e de sobrevivência das mulheres pobres.

Essas proposições nos amparam no questionamento das relações de contradição e de complementaridade estabelecidas entre os modelos de gênero representados pelas elites maringáenses – que buscavam se constituir enquanto o auge do desenvolvimento e polidez da região norte do Paraná–, e uma parcela da população, que era colocada enquanto “desviante”, tornando-se alvo do controle jurídico, policial e da imprensa. Por conseguinte, essas duas autoras, Fáveri e Pedro, nos auxiliam na compreensão das formas de diferenciação, honra e moral entre as classes, e as outras formas de resistência e existência feminina no espaço urbano.

Ao apresentar as colunas sociais como possíveis fontes para os estudos das elites locais, principalmente no interior do Paraná, José H. R. Gonçalves²⁵ propõe um olhar para além das futilidades, explorando as possibilidades de análise proporcionadas por tais materiais, como o acesso à vida cotidiana, às preferências, às modas, aos comportamentos, às formas de interação dos indivíduos de um mesmo grupo social, seus prestígios e vocabulário. Ao selecionar alguns jornais do norte do Paraná, o autor privilegiou aqueles nos quais havia fortes vínculos entre os jornalistas e as elites regionais. Por conseguinte, ilustrou como o colunismo social produz um tipo de linguagem com gírias e estrangeirismos, tecendo elogios e divulgando as tendências dos grandes centros sociais, cumprindo uma “velha função catequizadora” na região em que circulavam.

²⁴ PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas**: uma questão de classe. Florianópolis, SC: UFSC, 1994.

²⁵ GONÇALVES, José Henrique Rollo. Escavando o chão da futilidade: colunas sociais fontes para o estudo das elites locais. **Revista de História Regional**, v. 4, n. 2, p. 35-59, 1999.

Nesse sentido, Maurício de F. A. Maria²⁶ busca, em sua dissertação, interpretar os discursos e as representações presentes na coluna social da Folha do Oeste entre os anos de 1959 e 1964, identificando os produtores, as estratégias e as práticas que contribuem para difundir o conteúdo da imprensa entre as elites guarapuavanas. Adverte para como as colunas sociais demarcavam as regras de pertencimento à “alta e boa sociedade”, difundindo valores e representações que organizavam o espaço urbano em relação aos seus usos e aqueles que deviam ocupá-lo.

Ambas as pesquisas de Gonçalves e de Maria, apresentadas acima, contribuem para a compreensão dos mecanismos de funcionamento do colunismo social, bem como sua articulação com a constituição da coesão e do poderio das elites locais, localizando as trocas e as relações entre imprensa e a sociedade. Por estarem contextualizadas temporal e regionalmente próximas ao recorte da nossa pesquisa, o diálogo com tais autores possibilita uma aproximação com o contexto histórico, contribuindo com a análise no sentido de iluminar os jogos de poder e os projetos sociais visados pelos periódicos no cenário paranaense.

Os trabalhos até então apresentados nos permitem problematizar a relação entre as elites da coluna social da Folha do Norte do Paraná com um projeto político e social, projeto no qual as suas imagens estão ligadas ao desenvolvimento de uma “alta e boa sociedade”. Por outro lado, essa mesma sociedade abrangia uma série de sujeitos que não correspondiam ao modelo ditado pela imprensa e pelas elites locais. Essas/es “transgressoras/es” eram os indivíduos presentes na coluna policial, ou seja, eram as/os “vadias/os”, alcoólatras e prostitutas, isoladas/os e enquadradas/os pelo discurso médico, jurídico e dos jornais.

Para lidar com esses sujeitos ditos “transgressores” utilizamos alguns trabalhos bibliográficos como o de Magali Engel²⁷, que aborda a prostituição a partir dos discursos médicos produzidos no Rio de Janeiro no século XIX, indicando como eles normatizavam e civilizavam os corpos femininos. Essas falas médicas contribuíam para a constituição da prostituição como uma doença física e moral, como uma forma de sexualidade pervertida, desviante e antinatural, constituindo, por fim, um obstáculo ao projeto de higienização do corpo e da sociedade. Além disso, a prostituição, ao ser concebida de tal forma pela prática médica, associando-se a outros discursos e a outras construções sociais, era estigmatizada. Por meio dessa compreensão em relação à construção do meretrício enquanto um mal social, buscamos analisar as notas policiais da Folha

²⁶ MARIA, Maurício de Fraga Alves. **Crônicas da alta sociedade**: discursos, representações e cotidiano nas colunas sociais do jornal Folha do Oeste (Guarapuava, PR, 1959-1964). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciência e Letras de Assis – Unesp, Assis, 2011.

²⁷ ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores**: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 1988.

do Norte do Paraná, percebendo como as notícias contribuía para a manutenção de uma imagem negativa das prostitutas.

Em coletânea organizada por Marlene de Fáveri, Janine Gomes da Silva e Joana Maria Pedro²⁸, é investigado como os espaços da cidade eram construídos e determinados por discursos e práticas, sendo identificados e rememorados pela prostituição como as zonas de meretrício e as “ruas do pecado”. Ademais, problematizam o processo de estabelecimento de linhas demarcatórias que identificavam as “mulheres direitas” e as “prostitutas”, por meio de signos como o modo de falar, os trejeitos e as posturas. Essas tentativas de separação entre as mulheres reservadas para o casamento e as destinadas ao exercício do prazer, acirradas pela maior participação feminina no espaço público, impuseram a regulamentação e o isolamento da prostituição em determinados bairros nas cidades de Florianópolis e de Itajaí. Mesmo assim, no entanto, além de isolar e regulamentar a prostituição, esses espaços se constituíam como lugares de encontros e de sociabilidades, principalmente masculina, frequentados por políticos e por trabalhadores, que procuravam não só o sexo, mas também se reunir com amigos, reafirmando sua masculinidade, código de honra e virilidade.

Essa dualidade entre o mundo familiar e a prostituição, apresentada pela coletânea, nos adverte para a relação complexa entre as “prostitutas” e as mulheres pertencentes à “alta e boa sociedade”, veiculada nas edições da Folha do Norte do Paraná, que envolviam o estabelecimento de fronteiras, de marcas de diferenciação, de isolamento e de regulação. Cabe mencionar, no entanto, que, além das normativas, o conteúdo do Jornal e sua repetição dos discursos acerca do meretrício, nos indicam as resistências dessas mulheres “desviantes”, que, mesmo com a ação policial, médica e da imprensa, continuavam ocupando os espaços da cidade. Sendo assim, questionamos como o periódico retratava as “prostitutas”, problematizando suas resistências, bem como o trabalho do Jornal em denunciá-las e em isolá-las.

Ao apresentar a vida em trânsito das prostitutas de Florianópolis no início do século XX, Ivonete Pereira²⁹ pontua como a movimentação dessas mulheres no espaço urbano significava, muitas vezes, formas e táticas de existências frente às estratégias de enclausuramento e às “prisões de um dia”. Essa leitura da movimentação dos sujeitos transgressores como uma forma de resistência nos permite problematizar como as normas sociais e os discursos eram apropriados de maneira diversa, sendo alvo de negociação e de lutas, em que a recorrência da veiculação de notas

²⁸ FÁVERI, Marlene; SILVA, Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Prostituição em áreas urbanas: histórias do tempo presente**. Florianópolis, SC: Editora da UDESC, 2010.

²⁹ PEREIRA, Ivonete. **“As decaídas”**: prostituição em Florianópolis (1900-1940). Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2004.

acerca da prostituição na coluna policial também possa a ser compreendida como uma tentativa de sobrevivência dessas mulheres.

A obra de Sidney Chalhoub³⁰, tendo como foco o cotidiano de trabalhadores do Rio de Janeiro no início do século XX, destaca as mudanças demográficas e a construção do capitalismo no contexto brasileiro do século passado, expondo a constituição da visão positiva do trabalho, bem como as tentativas de disciplinarização da população. Indica, portanto, as formas de controle social por meio da ação dos agentes médicos, policiais e jurídicos, esquadrinhando, conhecendo, dissecando, vigiando, impondo padrões aos diversos aspectos da vida dos trabalhadores, das trabalhadoras e dos demais moradores pobres da urbe, destacando, por outro lado, também a resistência, a não-conformidade e a luta.

A leitura das obras expostas até o momento nos indica os projetos sociais destinados, principalmente, às populações pobres nos grandes centros urbanos das regiões Sul e Sudeste no início do século XX. Sugerem que os objetivos do poder público da época eram o combate à ociosidade, à “perversão” e aos “vícios” considerados patologias sociais e ameaças ao trabalho enquanto lei suprema da sociedade. Tal combate se dava por meio da vigilância e da disciplinarização dos sujeitos, no entanto essas leituras nos fazem questionar se também eram esses os objetivos da Folha do Norte do Paraná e da sociedade maringense nas décadas 1960 e 1970.

Na Folha do Norte do Paraná, além da prostituição, o alcoolismo é outra conduta constantemente presente na coluna policial. Assim, o sujeito alcoólatra considerado “transgressor” era alvo das normatizações da imprensa. Sobre o estudo dos discursos relacionados ao alcoolismo, podemos citar a obra de Maria Izilda Matos³¹, que contribui para o entendimento do tratamento do abuso alcoólico no início do século XX em São Paulo. Ao apontar o surgimento do alcoolismo no discurso médico e nas campanhas de prevenção pública, a autora o relaciona com o contexto de valorização do trabalho no Brasil, bem como com a produção de modelos de masculinidades e de feminilidades opostas e complementares. Esses fatores nos permitem compreender como a construção da dualidade dos perfis de masculino e feminino responde a uma organização social relacional. Dessa maneira, quando a Folha do Norte do Paraná noticia os homens e as mulheres da “alta e boa sociedade” na coluna social, essa veiculação é feita em contraposição a modelos de transgressões na coluna policial.

³⁰ CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

³¹ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Meu lar é o botequim**: alcoolismo e masculinidade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

Agora nos aproximando do contexto do norte paranaense, encontramos com o trabalho de Paulo A. Benatti³², que problematiza os espaços urbanos de Londrina entre as décadas de 1930 e 1970, suas divisões em centrais e marginais, e suas relações com as práticas da boemia e da prostituição. Esse trabalho adverte para o caráter racional e planejado do processo de ocupação da região, coordenado por companhias de terras, indicando que tal planejamento se relaciona com o objetivo de assujeitamento das classes dominadas, em especial as mulheres prostituídas, que foram alvo de formas de controle e de normatização pelos jornais em denúncias e em textos moralizadores, contribuindo para a separação e a fixação das pessoas marginais, constituindo espaços e identificando sujeitos. Essa pesquisa contribui para refletir e contextualizar a produção da Folha do Norte do Paraná no contexto regional, questionando sua relação com os problemas e os projetos sociais da região, projetos que, como veremos, também buscavam um desenvolvimento urbano planejado.

A vista de todas as discussões apresentadas até o momento, esta dissertação foi organizada em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *As páginas da Folha do Norte do Paraná e as tentativas de construção de um projeto de sociedade*, partimos da problematização dos periódicos enquanto fonte da pesquisa histórica e seus cuidados metodológicos, focando, em seguida, a atenção no processo de fundação do jornal, buscando reconstituir a sua materialidade, aproximando-nos dos personagens envolvidos em sua produção e circulação na busca de mapear suas vinculações e suas relações de poder. Além disso, apresentamos e discutimos alguns aspectos da cidade de Maringá presentes no jornal e que influenciam na constituição dos sujeitos. Por fim, no capítulo são apresentadas, com maiores detalhes, as colunas sociais e policiais e suas formas de funcionamento, estratégias, linguagem e autores.

No segundo capítulo, intitulado *“Mocinhas” e “vadias”: as feminilidades enfatizadas*, abordamos as construções das feminilidades pelas colunas sociais e policiais e como seus modelos e orientações em relação ao comportamento feminino são, ao mesmo tempo, personagens opostas, relacionais e complementares. Além dos apontamentos acerca dos padrões de comportamento, etiqueta, vestuário, consumo, estilo de vida e suas formas de sociabilidade, são pensadas as práticas de espaço, ou seja, como o Jornal constrói significados, determinando e ligando os sujeitos a certos ambientes. Assim, foram avaliados desde os lugares da cidade – como as ruas, os bares e os clubes –, como também a posição e a função das colunas dentro do periódico.

³² BENATTI, Paulo Antônio. **O centro e as margens: boemia e a prostituição na “capital mundial do café”** (Londrina: 1930-1970). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

No terceiro capítulo, intitulado “*Bebuns*” e “*homens do bem*”: *a construção de masculinidades na Folha do Norte do Paraná*, lidamos com a construção de modelos masculinos de conduta, percebendo como as colunas sociais e policiais, por meio de seus conteúdos opostos e complementares, constroem masculinidades e práticas de espaços. Nesse sentido, políticos, empresários, vadios, bebuns, assassinos e agressores, abordados em contraste e dualidade, são analisados como uma espécie de mecanismo ou estratégia da imprensa, que contribui para a constituição das subjetividades dos sujeitos. Por fim, os capítulos dois e três se comunicam quanto à forma de análise e fonte, no entanto, cada um se desenvolve em torno de sujeitos femininos e masculinos que, mesmo sendo tratados aqui separadamente, se relacionam e se completam.

1 AS PÁGINAS DA FOLHA DO NORTE DO PARANÁ E AS TENTATIVAS DE CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO DE SOCIEDADE



Imagem 01: Capa do segundo caderno da Folha do Norte do Paraná, celebrando o Dia do Gráfico. Publicada em 9 de setembro de 1973, apresentava a rotina e o trabalho envolvido para a produção do Jornal.

Iniciamos este capítulo com a imagem ilustrativa da capa publicada pelo Jornal na edição de comemoração do dia do gráfico – 7 de setembro. Nela notamos como as imagens construíam uma ideia de trabalho, de rotina e de cotidiano para a produção, a circulação e a leitura do periódico. O texto veiculado ao lado das fotografias também acrescentava informações como: “[...] a maioria das pessoas que compram todos os dias um ou vários jornais [...] não sabe ou sequer suspeita o esforço colossal requerido para pôr em suas mãos essas poucas páginas [...]”³³; ou, ainda, “[...] um jornal por dentro, durante um dia de batalha, é um formigueiro e um manancial vivo”³⁴.

A partir dessa capa da Folha do Norte do Paraná podemos analisar como as suas edições produziam discursos positivos acerca do labor diário empregado pelo Jornal para cumprir o seu papel, que, segundo ele, seria o de informar o/a leitor/a sobre “[...] tudo o que acontece no mundo [...]”³⁵, pois, “[...] se o fato é notícia, a missão do jornal é levar o fato até o leitor”³⁶. Por meio de tais considerações positivas sobre a sua missão e o seu esforço, compreendemos como o periódico possuía a pretensão de se constituir enquanto um espelho da sociedade, mediador entre a realidade e um projeto de realidade, sendo uma força ativa na esfera social, um agente de modernização da cidade, mesmo representando apenas um recorte da sociedade.

No presente capítulo buscamos nos aproximar do contexto da Folha do Norte do Paraná, de seus administradores, gerentes, idealizadores, redatores e colunistas, bem como lançar um olhar sobre as suas páginas, a sua organização e diagramação. Buscamos compreender, de acordo com Cruz e Peixoto, que os periódicos atuam como mobilizadores sociais, divulgadores de projetos e de valores morais, na naturalização do inusitado, no esquecimento seletivo, no alinhamento de experiências, na homogeneização de referências para a memória coletiva, na formação de uma visão imediata do real e na constituição de um público consumidor³⁷. Diante dessas potencialidades dos periódicos, consideramos que o conhecimento das suas condições e dos indivíduos envolvidos em sua produção contribui para o entendimento das influências que operam nos discursos veiculados em suas edições.

Nessa perspectiva, ao apresentar e problematizar a estrutura e os sujeitos envolvidos na constituição da fonte de pesquisa, consideramos, como nos indica Robert Darton, que “[...] o contexto do trabalho modela o conteúdo da notícia [...]”³⁸, ou seja, os modelos de masculinidades e

³³ Folha do Norte do Paraná, n. 3073, 9/9/1973, p. 1.

³⁴ Idem.

³⁵ Idem.

³⁶ Idem.

³⁷ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador; conversas sobre a história e imprensa. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, 2007.

³⁸ DARTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 109.

de feminilidades produzidos no Jornal eram construídos de acordo com os valores e os referenciais do seu meio. Por essa razão é de fundamental importância debruçar-se sobre o periódico e decodificá-lo a partir de seu contexto, de seus usos e finalidades, uma vez que tais fatores influenciavam na construção das imagens de si e da sociedade na qual circulava.

Além disso, voltando ao texto da capa do Jornal, conforme foto veiculada no início deste capítulo, notamos como a prática jornalística era representada como uma atividade que visava transmitir, de maneira “[...] fidelíssima a nota recebida, procura transmitir todos os ângulos da notícia”³⁹. Essa representação ignora todas as outras decisões gráficas que envolviam a produção das edições diárias, como localização dos conteúdos na página, o tipo das letras, seu tamanho e o uso de imagens que influenciavam na construção dos sentidos e significados das notícias.

Nesse sentido, compreendendo as possibilidades de análise da fonte jornalística, ou seja, como essa análise permite o olhar sobre a sociedade, seus usos e costumes, bem como a entendendo enquanto uma transmissora parcial dos acontecimentos, construímos esta dissertação. Para este primeiro capítulo nos prendemos à historicização de alguns aspectos da Folha do Norte do Paraná e da cidade de Maringá, tendo em vista a compreensão de que ambos estão sob influência um do outro, ou seja, o Jornal construía uma narrativa sobre a urbe, ao mesmo tempo em que esta permitia a construção de um tipo de jornalismo. Então esses dois, o periódico e o espaço urbano, são as grandes influências no processo de constituição das *performances* de masculinidades e de feminilidades imagináveis em sua esfera de circulação.

1.1 Uma apresentação da Folha do Norte do Paraná

A primeira edição da Folha do Norte do Paraná circulou em 25 de setembro de 1962, sendo idealizada pelo bispo diocesano D. Jaime Coelho, cuja intenção era de criar “[...] um meio de comunicação do Evangelho, da Palavra de Deus, neste Norte do Paraná”⁴⁰. A partir de tais objetivos iniciou-se a captação de doações e a venda de ações, assim se realizando a aquisição dos primeiros equipamentos, a organização da rede de distribuição com base nas paróquias da região e a contratação da equipe, que foi composta por padres, radialistas, jornalistas amadores e estudantes.

Sobre o contexto da criação e da produção da Folha do Norte do Paraná, cabe destacar que esse período ficou marcado por dificuldades como a carência de mão de obra qualificada, os atrasos no fornecimento de papel e os problemas na manutenção das máquinas. Na superação desses

³⁹ Folha do Norte do Paraná, n. 3073, 9/9/1973, p. 1.

⁴⁰ ROBLES, Orivaldo. **A Igreja que brota da mata**. Maringá, PR: Dental Press, 2007. p. 214.

percalços, para alcançar a circulação do Jornal, a figura de D. Jaime foi comparada por memorialistas a de um herói.

No livro *A Igreja que Brotou da Mata*, Pe. Orivaldo Robles narra as obras de instalações da diocese em Maringá, destacando também os esforços de D. Jaime para a produção do Jornal. Narra, assim, que o bispo dividia “[...] com um grupo de jovens inexperientes a redação da Avenida Duque de Caxias, que mantinha as luzes acesas, madrugada adentro”⁴¹, e que, muitas vezes, era obrigado a “[...] deixar suas funções de bispo diocesano para, num piscar de olhos, transformar-se em redator, revisor, diagramador”⁴².

O estímulo e o empenho para as publicações de periódicos com orientação cristã católica fazia parte do contexto maior da Igreja, principalmente após as orientações traçadas pelo Concílio Vaticano II, que alteraram as práticas litúrgicas, celebrações e o papel dos leigos na hierarquia eclesiástica. Foram colocados, também, os pilares para o diálogo da Igreja com a modernidade, abrindo um diálogo entre o religioso e a sociedade, em que foram apontadas as necessidades de mudanças doutrinárias e de atuação social⁴³.

Seguindo essas proposições conciliares, no ano de 1966 foi publicado o “Decreto Inter Mirifica”, que se referia aos meios de comunicação social, reconhecendo que poderiam servir tanto para o bem quanto para o mal do desenvolvimento humano. Nesse sentido, o decreto designa que a Igreja e seus cristãos deviam “[...] pregar a mensagem de salvação, servindo-se dos meios de comunicação, e ensinar aos homens a usar rectamente esses meios”⁴⁴.

O princípio de utilizar os meios de comunicação para a divulgação do Evangelho não era uma novidade, como indica o ideário eclesiástico da “boa imprensa”, que já se estruturava no início do século XX com o incentivo a publicações que reafirmassem o catolicismo como instituição legítima e estruturante da sociedade. A “boa imprensa” era, portanto, composta por uma série de jornais e revistas, muitas delas coordenadas por clérigos, sendo o estandarte do catolicismo oficial, propagando a conduta cristã católica diante dos avanços e mudanças propagados pela modernização e secularização⁴⁵.

⁴¹ Idem.

⁴² Idem.

⁴³ SOUZA, Ney de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. **Revista de Teologia e Cultura**, São Paulo, n. 2, 2005.

⁴⁴ Vaticano. Decreto Inter Mirifica. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_atican_council/documents/vatii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html>. Acesso em: 30 jun. 2017.

⁴⁵ RIBAS, Ana Cláudia. **A “Boa Imprensa” e a “Sagrada Família”**: sexualidade, casamento e moral nos discursos da imprensa católica em Florianópolis – 1929/1959. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Santa Catarina, 2009.

Mesmo após o arrendamento do Jornal, em 1964, a presença do bispo e de membros da Igreja Católica estaria envolvida na veiculação de conteúdos religiosos em colunas como *Reconstruir o Mundo, Ontem, Hoje e Amanhã*, e nos textos de D. Jaime publicados na capa do periódico todos os domingos. A partir desse contexto, podemos dizer que as diretrizes religiosas alcançaram o conteúdo da Folha do Norte do Paraná não somente no momento de sua fundação, mas também em toda a sua história.

O lançamento da Folha do Norte do Paraná em 1962 colocaria em circulação mais um diário de notícias na cidade, uma vez que já se encontrava em funcionamento o Jornal de Maringá, veículo oficial do município, com o qual dividiria espaço e leitores. A sua estratégia de divulgação, para se destacar na imprensa local, foi dar ênfase na novidade e modernidade dos equipamentos empregados em sua produção, que permitiam uma maior qualidade, eficiência e rapidez na impressão.⁴⁶

Em 1964, sob administração da Diocese de Maringá, o Jornal passou por dificuldades financeiras e administrativas, chegando a dar férias coletivas à sua equipe. Além disso, o envolvimento de D. Jaime com as atividades da diocese e suas viagens à Roma, para participação no Concílio Vaticano II (1962-1965), contribuíram para os problemas administrativos da Folha do Norte do Paraná. Como medida para superar essas adversidades, no ano seguinte o bispo arrendou a gerência do periódico para Joaquim Dutra, Samuel Silveira e seu grupo⁴⁷.

A nova equipe de administradores do periódico foi celebrada em algumas edições, como na matéria da capa de 24 de abril de 1965, que destacava a surpresa dos arrendatários ao encontrarem, em uma cidade do interior, um Jornal equipado como “[...] só se encontra nos jornais das grandes capitais”. Notamos como novamente a Folha do Norte do Paraná busca reafirmar sua modernidade e seu alto padrão, quase que de maneira publicitária, o que nos leva a considerar que esses fatores seriam algumas das características que diferenciavam suas edições do restante da imprensa em circulação na cidade.

Os novos responsáveis pela administração do periódico seriam Joaquim Dutra e Samuel Silveira, donos de outros meios de comunicações, como, por exemplo, de estações de rádio e TV. Além disso, cabe destacar que Joaquim Dutra também se envolveu, em 1968, com a presidência da Associação Comercial e Industrial de Maringá (ACIM), o que nos sugere a importância de seus

⁴⁶ Outro exemplo de jornal que circulava em Maringá durante o período investigado é o caso d'O Jornal de Maringá.

⁴⁷ PAULA, Antônio Roberto. Op. cit., p. 65.

vínculos empresariais para a futura gerência da Folha do Norte do Paraná, a acentuação do caráter comercial do Jornal e a veiculação de matérias que incentivavam a industrialização do município⁴⁸.

Em relação à composição do restante de sua equipe editorial, a propriedade do Jornal cabia à Editora Folha do Norte do Paraná S.A. e a D. Jaime, enquanto diretor fundador. A responsabilidade pelo periódico foi, inicialmente, creditada a Rede Paranaense de Rádio e, em seguida, em 1967, os editores responsáveis passaram a ser DUTRA, ASSIS & CIA LTDA. A administração e gerência ficaram a cargo de Joaquim Dutra e a direção da redação a Antônio A. de Assis. Além disso, o Jornal manteve, nesse período, representantes em diversas cidades do estado e sucursais em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre.⁴⁹

Os jornais diários, por apresentarem edições sistemáticas, podem dar a falsa impressão de que veiculam, em suas páginas, todos os acontecimentos relevantes do dia, abarcando diferentes pontos de vista. Entretanto, suas edições são carregadas de parcialidades, sendo importante o estudo e a aproximação com a sua história, com seus editores, jornalistas e anunciantes⁵⁰.

O conhecimento da equipe editorial do periódico nos permite identificar as vozes presentes nas edições, bem como contextualizar as escolhas editoriais, como a linguagem, as fotografias e a diagramação empregada. Tudo isso nos dá conta das intenções e das expectativas do Jornal, “[...] além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores, das ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário”⁵¹.

Além disso, a mudança na administração do Jornal em 1965 significaria uma nova fase em seu desenvolvimento. Mesmo mantendo algumas características anteriores, como o esquema de distribuição, a maioria dos funcionários e a influência do bispo como diretor fundador, as mudanças gráficas propostas permitiram a apresentação e a leitura mais dinâmicas do periódico, chegando a aumentar as vendas de anúncios, tornando o periódico cada vez mais comercial.

Nesse período, as edições do Jornal continham cerca de 8 a 16 páginas, chegando a até 50 em datas comemorativas, em formato padrão A3 de 42 x 29,7 cm, nas quais eram veiculadas informações advindas das agências de notícias, correspondentes regionais e do rádio. A partir de 1967, a Folha do Norte do Paraná passou a publicar cadernos especiais esporadicamente, tornando-os regulares em 1968, e dividindo-os em cadernos 1 e 2 ou A e B. A publicação desses cadernos

⁴⁸ PAULA, Antônio Roberto. Op. cit., p. 65.

⁴⁹ Informações retiradas das edições da Folha do Norte do Paraná.

⁵⁰ SILVA, Márcia Pereira da; FRANCO, Gilmar Yoshihara. Imprensa e política no Brasil: considerações do jornal como fonte de pesquisa histórica. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 4, n. 8, p. 9, 2010.

⁵¹ LUCA, Tânia de. Op. cit, p. 138.

suplementares permitiu a diversificação e a especificação do conteúdo em assuntos como ciência, música, entretenimento, saúde, educação, entre outros, bem como a secundarização de algumas matérias, diferenciando os conteúdos do primeiro e do segundo caderno.

As seções internas do Jornal se modificaram diversas vezes, deixando o formato padrão inicial de 8 colunas por página, para seguir com 4 colunas largas de texto mescladas ou separadas para destacar algumas informações, bem como alocadas ao lado de anúncios publicitários e fotografias. As chamadas, os títulos e as manchetes das matérias costumavam ser impressas em caixa alta e, às vezes, seguidas por sublinhados para dar destaque ao seu conteúdo e prender a atenção das/os leitoras/es.

A estrutura do Jornal, entre os anos de 1965 e 1969, era formada por capa, anúncios de empregos, colunas especializadas, notícias, comentários sociais, resenhas de discos, filmes e notas sobre esportes. A partir dos anos 1970, o periódico adotou uma organização do conteúdo de acordo com os assuntos determinados pelo nome da folha. Nesse sentido se seguiam as Folha Geral, Folha Estadual, Folha Esporte e Folha Local no primeiro caderno, e Folha Sociedade, Folha Feminina, Folha Música e Cinema, Folha Variedades, Folha Agropecuária, Folha Religião, Folha Policial e Folha Ciência, no segundo caderno.

Essa organização nos indica a heterogeneidade do conteúdo do periódico, bem como seu caráter pedagógico, modernizador, normalizador e suas prescrições sociais e morais, em especial quando nos atentamos para a presença de seção feminina, de seção religiosa e de seção policial. Além disso, esse esquema de redação seguia as técnicas padronizadas do jornalismo da época, que, além de procurarem tornar a leitura do Jornal mais agradável, respondiam a um desenvolvimento técnico e lógico da organização dos conteúdos e da capacidade de transmitir uma mensagem às/aos leitoras/es.

Os *designs* dos periódicos também apresentaram mudanças, principalmente, entre os anos 1966 e 1972, estabelecendo seus novos padrões gráficos e editoriais. Os jornais passaram a dar atenção ao seu estilo visual, tornando-os mais ordenados, com manchetes e títulos padronizados e uma coerência interna entre as matérias veiculadas. Ademais, acrescentaram subtítulos, entretítulos, boxes e textos complementares, tornando a leitura mais fluída. As capas ganharam o estatuto de vitrines do que estava no interior do Jornal, o que criava a necessidade de torná-las atraentes aos olhos.

Nesse contexto, o patamar de tiragem do periódico alcançaria um número de 7 mil exemplares diários, o que é considerável para um Jornal do interior do Estado nos anos 1960, tendo em vista o número aproximado de 100 mil habitantes de Maringá. Ademais, sua circulação

compreendia 95 cidades, entre as quais constavam Campo Mourão, Mandaguari, Umuarama, Cianorte, Araongas, entre outras.

Essa organização do Jornal se manteve até 1973, quando, devido a conflitos envolvendo a necessidade de modernizar seus equipamentos gráficos, o grupo reunido por Joaquim Dutra se afastou⁵², levando consigo grande parte da equipe e fundando o Diário do Norte do Paraná, que seria o principal concorrente da Folha⁵³. A administração da Folha do Norte do Paraná passaria então para Jorge Fregadolli, publicitário do jornal desde 1967, que ficaria no comando do periódico até 1979, ano em que o matutino fechou suas portas, após 17 anos de funcionamento e um total de aproximadamente 4700 edições distribuídas.

Além das características gráficas, dos administradores e da trajetória do Jornal, podemos destacar ainda alguns aspectos relacionados às influências sob as quais os discursos do periódico eram produzidos. Veja-se o caso do editorial publicado em 13 de janeiro de 1966, intitulado “Por um mundo cristão”, que, ao tecer comentários sobre os problemas de sua época, indicava que o caminho para a paz social passava pela recristianização do mundo, pois “[...] todas as soluções melhores para os problemas da humanidade estão nos ensinamentos de Cristo. Se resolvemos seguir essas lições, chagaremos à verdadeira felicidade, transformando o mundo numa grande família”⁵⁴.

A citação apresentada acima, por se tratar de um editorial, espaço especial na organização do Jornal e no qual são concentrados opiniões e comentários da equipe do periódico sobre preocupações do momento, permite inferir como o cristianismo se configurava enquanto uma influência moral na constituição de seu discurso. Ao mesmo tempo, podemos questionar quais seriam os objetivos e as intenções da equipe editorial ao introduzir o discurso religioso em seu conteúdo, como uma maneira de atrair o interesse do público cristão ou como uma derivação da proximidade e influência do bispo no periódico.

Como o editorial anterior se colocava a refletir sobre a função do Jornal na sociedade, a publicação de 10 de novembro de 1969 buscava definir a “[...] tarefa de informar e de também orientar, até onde está a nosso alcance, colaborar na boa orientação da opinião pública”⁵⁵, incumbência essa das/os jornalistas e da imprensa. Devido a essa compreensão da importância do papel dos periódicos enquanto formadores de opinião era que o texto continuava dizendo que

⁵² Após a saída de Joaquim Dutra da administração da Folha do Norte do Paraná, é Jorge Fregadolli, publicitário do jornal desde 1967, que assume esse posto de administrador.

⁵³ PAULA, Antônio Roberto de. Op. cit., p. 68.

⁵⁴ Folha do Norte do Paraná, n. 914,13/1/1966, p. 3.

⁵⁵ Folha do Norte do Paraná, n. 1913, 10/11/1969, p. 3.

Se ficamos em dúvida quanto à consequência de uma notícia ou de um comentário, preferimos calar-nos, não por timidez, mas por uma questão de prudência [...] Pode-se resumir, entretanto, esse conjunto de ideias numa definição simples: Imprensa é responsabilidade, até porque na responsabilidade está o limite de sua liberdade. Além daí é abusar, passando-se a destruir em vez de construir [...]. Pensando dessa forma é que editamos esta Folha. Jamais fugiremos desta linha. E, graças a Deus, temos recebido o total apoio de nossos leitores⁵⁶.

Questões como prudência, responsabilidade e liberdade eram relacionadas à prática jornalística, fazendo-nos pensar, especialmente, na relação entre o jornalismo e o regime civil militar da época. De acordo com as indicações de Michel de Certeau⁵⁷, ao analisar como os sujeitos individualizam a cultura na obra *A invenção do cotidiano*, podemos pensar nas maneiras de fazer com que a Folha do Norte do Paraná lia seu contexto, as normativas governamentais em relação às proibições e à censura, manipulando e reapropriando os códigos políticos e sociais de acordo com os seus interesses. Nesse sentido, o discurso do Jornal se alinha em partes com um contexto de recristianização do mundo, bem como se aproxima em alguns aspectos do governo, respondendo, enquanto um produto comercial, aos anseios e às inclinações de seu público leitor.

Cabe mencionar que os discursos do Jornal, da Igreja Católica e dos governos militares convergiam em alguns aspectos, principalmente em relação à necessidade de combater o comunismo e a conter a subversão e a perda de valores morais. Assim, o controle de diferentes esferas da vida social, o autoritarismo e a supressão das liberdades individuais, racionalizados pelas instituições do Estado eram interpretados como fundamentais para o desenvolvimento da economia e da sociedade.

Com a instituição do AI-5⁵⁸ se organizaria um dos principais instrumentos legais do regime civil militar para conter as “imoralidades” e garantir a observação dos bons costumes. Os alvos desse ato institucional foram a imprensa, as atividades artísticas e as manifestações que apresentassem uma ameaça à ordem social imposta. Nesse contexto, os periódicos do país buscaram alternativas para se adaptarem, alguns por meio da autocensura, ou, no caso dos jornalistas combativos, da sua colaboração ou demissão⁵⁹. A Folha do Norte do Paraná, mesmo nesse contexto de supressão das liberdades individuais e de endurecimento do regime, continuou com uma postura de pacificação e de apoio às ações moralizadoras do governo.

⁵⁶ Folha do Norte do Paraná, n. 1913, 10/11/1969, p. 3.

⁵⁷ CERTEAU, Michel de. Op. cit., p. 41.

⁵⁸ O Ato Institucional nº 5 foi baixado em 13 de dezembro de 1968, marcando o período de maior repressão do regime civil militar, ao legalizar a censura à imprensa e às artes, colocando o Congresso em recesso, entre outras medidas.

⁵⁹ KUSHNIR, Beatriz. Pelo viés da colaboração: a imprensa no pós-1964 sob outro prisma. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 27-38, dez. 2007.

Dentre os editoriais que expressam as opiniões do Jornal relacionados à ocorrência de manifestações e de agitações sociais destacamos a publicação de 5 de abril de 1968, que veiculava:

Nos países de baixo índice de desenvolvimento, a ampliação das liberdades torna-se ainda mais complexa, porque a fermentação social gerada pelas dificuldades populares torna-se facilmente sensível à exploração de elementos que se interessam mais pela anarquia do que pela solução dos problemas existentes. E havendo desordem, as forças que estão no poder são levadas a utilizar métodos drásticos para reprimir qualquer tumulto. Cria-se assim um círculo vicioso, em que existe agitação porque existe repressão⁶⁰.

No trecho acima se sobressai o tom pacificador e mesmo de justificativa das ações governamentais. O Jornal justificava a falta de liberdade no medo de agitação social, em decorrência das dificuldades econômicas e da influência de “maus” elementos. Para a Folha do Norte do Paraná, a repressão se tornava uma necessidade diante da possível desordem, o que geraria um ciclo de agitações e repressões. A publicação desse texto em 1968 foi sintomática, uma vez que reflete indiretamente os protestos estudantis, que marcaram mundialmente esse ano.

Ainda sobre as narrativas políticas, consideramos como o discurso do Jornal buscava o estabelecimento de uma normalidade, como no editorial “Definições”, de 19 de julho de 1968, que comenta a questão partidária do estado, ao dizer que

Não havendo partidos autênticos, há clima para aventuras políticas irresponsáveis, perigosas para o regime. Torna-se, portanto, urgente aperfeiçoar o bipartidarismo ou criar possibilidades para a formação de outras agremiações capazes de organizar a opinião pública através de porta-vozes legítimos [...]. Deixar que o país tenha seu desenvolvimento prejudicado por tumultos políticos não é possível. O recurso, então, é disciplinar a vida política, de modo a que haja partidos de verdade, que interpretem as tendências do povo e constituam um instrumento legal e autêntico para a manifestação dessas tendências [...]. O Governo acaba de provar mais uma vez sua vocação democrática. Ninguém pode pensar que haja propósitos ditatoriais. O que o Governo quer mesmo é o aprimoramento da democracia. E, se assim é, o importante agora é ser criado o ambiente ideal para a reorganização da vida partidária, dentro de um esquema capaz de produzir resultados satisfatórios⁶¹.

Observamos como o texto tratava as ações do governo, a democracia e até mesmo a disciplina. Para a Folha do Norte do Paraná, assim como para o governo militar, o caminho para a democracia passava pela anulação dos direitos e dos representantes individuais. Ao fazer um paralelo com os argumentos de Foucault em *Vigiar e Punir*, podemos compreender como as algumas medidas e pretensões dos grupos dominantes passavam pelo processo de

⁶⁰ Folha do Norte do Paraná, n. 1558, 5/4/1968, p. 3.

⁶¹ Folha do Norte do Paraná, n. 1644, 19/7/1968, p. 3.

institucionalização e de vigilância, em que os indivíduos eram concentrados, distribuídos no espaço, tornando esses corpos úteis e dóceis⁶².

A veiculação de preceitos cristãos católicos e as discussões acerca da conjuntura política de seu contexto, presentes nos editoriais do Jornal, nos permitem conhecer a partir de que referências eram constituídos e organizados os discursos da Folha do Norte do Paraná. Além disso, podemos compreender a funcionalidade da fonte de pesquisa e as suas parciaisidades em relação à apresentação e à constituição de uma realidade e, em especial, das condutas, dos comportamentos e dos modos de vida atribuídos a homens e a mulheres.

Assim, compreendemos a Folha do Norte do Paraná enquanto um mediador, um autor que fomenta a adesão ou o dissenso da população a uma causa, mobiliza a sociedade para a ação, articula, divulga e dissemina projetos, ideias, valores e comportamentos. Por meio dessas potencialidades, a identificação das campanhas e das posições políticas do periódico remete às decisões editoriais, às lutas sociais desdobradas no momento e, principalmente, às relações de poder exercidas entre a sociedade e o Jornal.

Dessa maneira, conforme argumentam Cruz e Peixoto, temos que buscar entender os jornais enquanto elemento constitutivo do social “[...] que detém uma historicidade e peculiaridade própria, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe”⁶³. Com essas indicações anotadas, buscamos problematizar mais algumas vinculações da Folha do Norte do Paraná, a fim de pensar não somente como esse periódico construiu projetos de sociedade, mas também como moldou masculinidades e feminilidades.

1.2 Maringá e sua sociedade

No espaço deste tópico discutiremos a constituição do espaço urbano de Maringá, articulando o processo de normatização da urbe com as narrativas apresentadas pela Folha do Norte do Paraná. Com base nas indicações de Michel de Certeau⁶⁴, acerca do espaço enquanto constituído por práticas e narrativas que nele se desenvolvem, aproximamo-nos dessa cidade, localizada na região norte do Paraná, investigando as principais características de sua construção e os grupos envolvidos nesse projeto. Ademais, consideramos que esses aspectos contextuais possuem influência nas masculinidades e nas feminilidades investigadas nessa dissertação.

⁶² FOUCAULT, Michel. 2004, p. 121.

⁶³ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Op. cit., p. 258.

⁶⁴ CERTEAU, Michel de. Op. cit., p. 182 et seq.

Antes de iniciar a nossa análise, não podemos deixar de considerar que o conteúdo veiculado pelo Jornal se apresentava enquanto “[...] uma síntese de seu contexto, ou seja, deixa sistematicamente de fora alguns fatos e aspectos sociais, de acordo com seu interesse”⁶⁵. Sendo assim, a Folha do Norte do Paraná não representa toda a cultura, sociedade e a complexidade da cidade de Maringá, nem dos modelos de masculinidades e de feminilidades presentes em seus espaços, pois sua perspectiva é parcial e constituída a partir das referências religiosas, normativas e disciplinares.

No plano inicial de construção e desenvolvimento de Maringá, traçado pela Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná (CMNP), eram destacadas a divisão da terra em pequenas e médias propriedades, a constituição de quatro núcleos habitacionais centrais com uma distância de 100 km cada, sendo eles Londrina, Maringá, Cianorte e Umuarama, e outros centros menores, com distância de 20 a 30 km, isso para facilitar as vias de comunicação, abastecimento e transporte. Essa planificação de todas as operações da companhia geraram um sucesso empresarial no processo de colonização da região, processo que é constantemente enfatizado no discurso da historiografia dominante, deixando de lado os problemas ambientais e sociais causados por tal empreendimento⁶⁶.

O desenho urbano de Maringá, distrito elevado a município em 1951, foi projetado pelo urbanista Jorge de Macedo Viera, contratado pela companhia para estruturar o espaço da cidade. Esse desenho foi construído de acordo com a altimetria do solo, baseado no modelo inglês de cidade-jardim⁶⁷. Além disso, o espaço maringaense seria subdividido em núcleos de acordo com suas funções, criando as zonas do centro cívico, do comércio, da indústria, das moradias nobres, coletivas, proletárias e o cinturão verde, formado por pequenas chácaras, que visavam abastecer a cidade. Esse projeto previa, portanto, a criação de uma cidade planejada, racional e autônoma.

A partir desse traçado original foi desenvolvida uma legislação urbana que determinou as características das construções dos edifícios, como a Lei Municipal nº 2/1953, que criou o Código de Posturas e Obras, no qual eram determinadas multas aos proprietários de terrenos que construíssem fora das normas. Essa preocupação com a organização e determinação do espaço

⁶⁵ SILVA, Ana Cristina Teodoro da. Introdução à análise das imagens da imprensa. In: PÁTARO, C. S. de O.; HAHN, F. A.; MEZZOMO, F. A. (Orgs.). **Instituições e sociabilidades**: religião, política e juventudes. Campo Mourão, PR: Editora Fecilcam, 2013. p. 107.

⁶⁶ TOMAZ, Paulo César. A região norte do Paraná e a formação da cidade de Maringá. **Revista Semina**, v. 8, n. 2, p. 1-19, 2010. CHIES, Cláudia; YOKOO, Sandra Carbonera. Colonização do Norte Paranaense: avanço da cafeicultura e problemas decorrentes deste processo. **Rev. GEOMAE**. v. 3, n. 1, p. 27-44, 2012. OLIVEIRA, Semí Cavalcante de. A economia cafeeira no Paraná até a década de 1970. **Vitrine da Conjuntura**, Curitiba, v. 2, n. 4, 2009.

⁶⁷ A concepção de cidade-jardim foi elaborada em 1902 por Ebenezer Howard, significando a construção de uma cidade que reunisse os princípios e a racionalidade capazes de torná-la autônoma e de gestão comunitária. REGO, Renato Leão. O desenho urbano de Maringá e a idéia de cidade-jardim. **Revista Acta Scientiarum**, Maringá, v. 23, n. 6, p. 1569-1577, 2001.

público se manteria nos anos seguintes, ao ponto de, em 1968, orientarem a proposição da Lei Municipal nº 624/1968, que definia a função e a importância do zoneamento ao explicar que este “[...] consiste na repartição do solo do município em zonas de usos distintos, objetivando o uso da terra, as densidades de população, a localização, a dimensão, o volume dos edifícios e seus usos específicos”. Ainda segundo esse texto, essas características eram fundamentais para “[...] se conseguir o desenvolvimento adequado da comunidade e o bem-estar social de seus habitantes”.

As proposições de tais códigos e leis interferiam na vida dos cidadãos, em suas práticas de espaços e em sua circulação, fixando e distribuindo a população de acordo com suas condições sociais. Essas disposições arquitetônicas carregavam em si as pretensões e as ações que visavam o controle, a disciplina e a sujeição dos indivíduos a um mecanismo de visibilidade e de vigilância, cujos objetivos eram tornar úteis os espaços e os sujeitos, como argumenta Michel Foucault⁶⁸ ao discorrer acerca da organização das sociedades disciplinares.

Assim, portanto, o Código de Postura e Obras somado à lei de zoneamento e outras leis municipais, como as de nº 519 e nº 539 do ano de 1967, proibindo a plantação de café em datas vazias no espaço urbano e a construção de casas populares sem instalação de água e luz elétrica, respectivamente, contribuíram para uniformizar o espaço da cidade ao designar as formas e os caminhos da urbanização de Maringá. Para além das normatizações, essa legislação incentivou o desenvolvimento da urbe ao propor a isenção de impostos aos donos de terrenos⁶⁹ que construíssem prédios, já que estes contribuiriam para o melhor aproveitamento das áreas construídas.

A presença de tais leis influenciou e determinou o processo de urbanização de Maringá, como pontua Fabíola Castelo de Souza Cordovil, em sua pesquisa de mestrado, ao categorizar as fases do desenvolvimento da cidade. Segundo a autora, seriam cinco as etapas que compreenderam desde a implantação do plano inicial (1947-1959), a acumulação cafeeira e comercial (1960-1969), a modernização da agricultura (1970-1989), a agroindústria (1980-1985) e a maturidade e verticalização do espaço urbano (1990-1996)⁷⁰. Notamos, a partir das leis e colocações acima, que os primeiros gestores públicos tiveram como preocupação a consolidação do projeto dado pela companhia, o ordenamento urbano e o gerenciamento do crescimento da população e das demandas por infraestrutura.

As características da constituição da cidade de Maringá e das suas normativas legais são importantes para o nosso entendimento do processo de crescimento urbano e da busca por uma

⁶⁸ FOUCAULT, Michel. Op. cit., p. 143 et seq.

⁶⁹ Lei Municipal nº 85/1953.

⁷⁰ CORDOVIL, Fabíola Castelo de Souza. **A aventura planejada** – engenharia e urbanismo na construção de Maringá 1947-1982. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade São Paulo, São Carlos, 2010.

ordem social, na qual estavam relacionadas as masculinidades e as feminilidades investigadas nesta pesquisa. Assim, o direcionamento do desenvolvimento da cidade e as tentativas das leis de fixar as funções dos espaços públicos nos indicam para quais sujeitos essas áreas eram destinadas e os usos feitos delas. Esses fatores influenciam na construção do espaço, mas também, da memória, dos relatos e, em especial, das *performances* de gênero.

Desse modo, seguindo as colocações de Michel de Certeau⁷¹, principalmente de seu conceito de lugar praticado, ou seja, da compreensão de que os lugares são constituídos a partir de seus usos, dos relatos e das memórias que produzem, compreendemos que o espaço urbano de Maringá era construído por diferentes narrativas que se entrecruzavam. O Jornal, ao veicular as notícias e propor problematização sobre a cidade, criava um outro espaço urbano e que lhe era próprio. Nesse sentido, as imagens e os discursos que produzia eram novas feitura de espaço, parciais e direcionadas pelos interesses e pelos posicionamentos do periódico.

As discussões sobre o ordenamento, a função e a modernidade do espaço urbano maringaense se desenrolavam, ainda, em um contexto de intensas transformações sociais, discutidas no Jornal. Eram essas mudanças a mecanização das lavouras, o êxodo rural, a intensificação da industrialização, que contribuiriam para a produção de novas realidades urbanas, novos hábitos, valores e demandas. Nesse processo, assim como em outras cidades, se desenvolveu uma série de “[...] esforços das elites políticas para impor sua visão de mundo e controlar as ‘classes perigosas’ [...]”, bem como para constituir os “[...] espaços públicos e os meandros que regiam seu usufruto e circulação, as intervenções em nome do sanitarismo e da higiene, a produção cultural e as renovações estética”⁷².

Entre as décadas de 1950 e 1960 foram constituídas as estruturas básicas para o atendimento da população e a fundação de ambientes de lazer, como cinemas, clubes esportivos, salões de bailes e clubes sociais. A Folha do Norte do Paraná, desde a sua fundação, participava ativamente desse processo ao informar, reclamar e pedir a realização das obras públicas, orientando e problematizando, em seus editoriais, o desenvolvimento da cidade. Como exemplo, veja-se a publicação de 17 de março de 1970, que comentava a obrigatoriedade da construção de muros e de calçadas em terrenos baldios. Segundo o Jornal, essa medida visava “[...] melhorar a ‘cara’ da cidade e para mostrar que somos um povo zeloso da boa aparência urbanística”⁷³. Em seguida são destacadas as ações da administração pública para melhorar a apresentação da cidade, cuidando da

⁷¹ CERTEAU, Michel de. Op. cit., p. 184.

⁷² LUCA, Tânia de. Op. cit., p. 120.

⁷³ Folha do Norte do Paraná, n. 2134, 17/3/1970, p. 3.

“[...] limpeza pública, da iluminação, da urbanização das praças [...]”, delegando “[...] ao povo que não jogue lixo nas ruas e que mantenha limpos os seus quintais”⁷⁴.

Dessa maneira, o Jornal se constituía, juntamente com as leis e a administração pública, em um mediador que pensa, problematiza e debate os caminhos do desenvolvimento de Maringá, divulgando as ações que visavam a melhoria do cotidiano da urbe. Não parou, no entanto, no desempenho desse papel de mediador. A Folha do Norte do Paraná vai além ao destacar e designar o papel da população nesse contexto, ou seja, ao delegar, como no editorial apresentado acima, que o povo mantenha as ruas limpas. Acreditamos, pois, que seriam esses (a legislação, a gestão pública, os jornais e a população) os sujeitos que construíam o espaço e a imagem da cidade, e que marcaram a constituição das *performances* masculinas e femininas presentes em sua esfera social, constituindo as figuras investigadas nas colunas social e policial.

Com o crescimento urbano entre as décadas de 1960 e 1970 aumentaram os pedidos de investimentos em saneamento básico, abastecimento de água e luz e a divulgação das ações públicas, cujo objetivo era “potencializar” o crescimento da região. Um exemplo era a capa da edição de 21 de março de 1972, que chamava a atenção para o mutirão nos serviços da prefeitura para “[...] a realização simultânea de serviços nos setores de limpeza pública, recuperação de ruas, cascalhamento de vias, ampliação da rede de iluminação pública, limpeza de terrenos vagos, vacinação das populações periféricas contra varíola, etc.”⁷⁵.

No período investigado também foram iniciados os debates sobre os investimentos no processo de industrialização de Maringá, no abandono dos traços rurais, na complexificação da economia e da vida social da cidade. Esses elementos podem ser relacionados com os dados do IBGE desse período, dados que nos mostram não somente o aumento da população geral, mas, principalmente, da população urbana em detrimento da população rural. Assim, na década de 1960, Maringá possuía 104.131 habitantes, sendo que, deles, 56.539 residiam na zona rural e 47.592 na zona urbana, enquanto que, na década seguinte, a população aumentou para 121.347 habitantes, sendo 100.100 residentes citadinos e os 21.347 restantes pertencentes ao espaço rural⁷⁶.

Esse processo significativo de aumento da população urbana se relacionou com a modernização da agricultura mediante a mecanização das lavouras, a racionalização da produção cafeeira e a sua substituição por lavouras de milho e soja, altamente mecanizadas, que expulsaram dos campos grandes contingentes de empregados rurais, pequenos sitiantes, entre outros, que

⁷⁴ Idem.

⁷⁵ Folha do Norte do Paraná, n. 2637, 21/3/1972, p. 1.

⁷⁶ Informações retiradas do Plano Local de Habitação de Interesse Social – PLHIS Maringá, produzido pela prefeitura do município em novembro de 2010.

rumaram para a cidade à procura de emprego e melhores condições de vida⁷⁷. Nesse contexto, o desenvolvimento econômico da região e o fenômeno do êxodo rural se conectaram com a política econômica empregada no período do regime civil militar, baseada na distribuição generosa de incentivos à agricultura, aos exportadores, à indústria e aos bancos⁷⁸.

A partir dessa política econômica, a construção de uma imagem da cidade e de seus habitantes se tornou uma preocupação. Assim, em Maringá, como veiculava a Folha do Norte do Paraná, se passou a discutir, no âmbito econômico, a necessidade de substituir e diversificar a monocultura do café e fazer avançar a industrialização, ou seja, modernizar a região. O Jornal publicou também uma série de textos acompanhando os desdobramentos da cafeicultura, principalmente o seu esgotamento devido à superprodução, a mudanças climáticas, geadas e o incentivo do governo na agricultura mecanizada. Todos esses aspectos contribuíram para dar fim a um ciclo e apontar a necessidade de diversificar a economia da cidade.

Dessa forma, a política e o planejamento dedicado ao café previu sua erradicação, ao mesmo tempo em que se estimulava a industrialização, por meio de publicações como o editorial de 6 de julho de 1966. Nesse texto, o discurso da Folha do Norte do Paraná tece algumas reflexões sobre o futuro da cidade e a importância do investimento na modernização e ampliação das linhas de energia elétrica, apontando para os esforços empregados para a concretização do destino glorioso ao qual a cidade estaria destinada. Dessa forma, diz:

Este ano está sendo gasto em estudos e em preparação de planos. O ano de 1967 poderá ser definido como ano da indústria e, nessa oportunidade, quando Maringá completa seus 20 anos, terá chegado o momento de libertarmos nossa economia que está alicerçada basicamente na produção cafeeira, e ensaiar novas atividades, que serão as definitivas (...) O café, cumprindo sua missão pioneira, deu o primeiro e grande impulso no desenvolvimento do município. Mas não podemos esperar que essa força continue sempre como foi o início. Aos poucos, ela se esgota e precisa ser substituída por outras [...] O governo do município deve, portanto – e sabemos que ele pensa assim – motivar o povo no sentido de outros investimentos de base industrial, o que será fácil de realizar-se, uma vez que temos matéria-prima e energia elétrica bastantes para garantir esses investimentos.⁷⁹

As considerações sobre os novos tempos econômicos e sobre o esgotamento da cafeicultura, que já teria cumprido seu papel pioneiro, nos indicam o papel ativo e mediador do Jornal ao retratar

⁷⁷ CASAGRANDE, Iolanda. O trabalhador rural volante (“bóia-fria”) na região de Maringá, nos anos 70. DIAS, R. Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo. **Maringá e o norte do Paraná**. Maringá, PR: Editora da UEM, 1999. p. 221.

⁷⁸ MACARANI, José Pedro. A política econômica do governo Médici: 1970-1973. **Nova Economia**, Belo Horizonte, n. 15, p. 53-92, 2005.

⁷⁹ Folha do Norte do Paraná, n. 1052, 6/7/1966, p. 3.

e reivindicar o desenvolvimento da cidade. Com vistas nas considerações de Michel Foucault⁸⁰, acerca das maneiras de funcionamento do discurso, enquanto um campo de batalhas, de produção de sentidos e poderes, compreendemos que o conteúdo produzido pela Folha do Norte do Paraná expressava as relações de poder que se desenvolviam entre a sociedade, os governos e o periódico.

Para além do Jornal, a Prefeitura do município também produzia discursos visando controlar e direcionar o crescimento de Maringá, publicando, em 1968, o Plano Diretor do Desenvolvimento, cujo objetivo era promover o crescimento e a integração da cidade à economia da região. As conclusões apresentadas no texto do plano eram: a confirmação da centralidade da cidade como polo econômico e social da região noroeste do Paraná; a ocupação recente e rápida sem uma eficaz organização como prejudicial ao crescimento da cidade; e, por fim, que a estrutura urbana necessitava de aprimoramentos racionalmente implantados.

É interessante notar, no entanto, que, além dos aspectos econômicos, o Plano lançou medidas que visavam desenvolver as condições sociais e culturais, como indicam os seguintes pontos: “[...] a dinamização do comportamento e da organização das comunidades urbanas, motivando-as para a elevação – de seus padrões de vida social e políticas [...]”⁸¹ e “[...] a criação de um sistema educacional dinâmico e moderno na formação de novos valores e na promoção de adequada formação de mão de obra”⁸². Não bastava desenvolver apenas a economia, pois as reformas e as mudanças deveriam recair sobre outros aspectos da vida social da cidade, transformando também seus habitantes.

Entretanto, as políticas públicas de industrialização e o fim do período de desenvolvimento econômico relacionado à produção cafeeira favoreceram uma pequena parcela da população, ao passo que também produziram o empobrecimento de trabalhadores rurais, pois muitos que foram expulsos do campo e se deslocaram às cidades em busca de trabalho. A sociedade maringaense, nesse contexto, vivenciou mudanças com o processo de urbanização, passando a desenvolver-se de forma desigual, o que, em alguns aspectos, influenciaria a forma como o Jornal constantemente abordaria os sujeitos empobrecidos.

Consultando uma bibliografia especializada sobre a ocupação e a história da região de Maringá, encontramos uma série de narrativas que enfatizam os aspectos positivos, bem-sucedidos

⁸⁰ FOUCAULT, Michel. 2014, p. 62.

⁸¹ PREFEITURA Municipal de Maringá. Lei Municipal nº 621, de 9 de outubro de 1968. Plano Diretor do Desenvolvimento, Maringá, PR, out. 1968. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/m/maringa/lei-ordinaria/1967/57/569/lei-ordinaria-n-569-1967-autoriza-o-poder-executivo-municipal-a-firmar-convenio-com-codepar-para-a-elaboracao-do-plano-diretor-de-desenvolvimento-demaringa?q=plano%20diretor%20de%20desenvolvimento%201967>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

⁸² Idem.

desse processo, especialmente as narrativas envolvendo as figuras dos chamados pioneiros e das companhias de terras. Como nos aponta Néelson D. Tomazi (1997), na tese *“Norte do Paraná” – história e fantasmagorias*⁸³, em que desmitifica a ação da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) – posteriormente Companhia Melhoramentos do Norte Paraná (CMNP) –, colocada pela historiografia dominante como a responsável pelo desenvolvimento do capitalismo na região, defendendo que, diferente de uma visão linear, o processo de (re)ocupação da região, desenvolvido a partir de meados do século XIX, decorreu de múltiplas formas envolvendo também fazendeiros, grileiros, posseiros, sitiantes, trabalhadores sem-terra, governo do estado, empresas colonizadoras estrangeiras e nacionais atuando de forma diversa e conflitante.

Esse autor relativiza o discurso que constituiu, por muito tempo, o “Norte do Paraná” enquanto uma região ocupada como prolongamento da expansão cafeeira que ocorreu no Estado de São Paulo, questionando também a imagem do pioneiro como o grande personagem desse processo. Além disso, problematiza a produção de discursos publicitários acerca da imagem da região como uma terra da promessa, a Nova Canaã ou Eldorado, a ideia de “vazio demográfico” e a ausência de conflitos violentos. Ocorre que esses aspectos foram fundamentais para a construção de uma identidade regional positiva, de uma civilização e de um cidadão norte-paranaense de sucesso⁸⁴.

A construção dessa narrativa acerca do “Norte do Paraná” enfatizava o ideal de comunidade com interesses comuns, com um passado glorioso de lutas e esforços, mas, acima de tudo, de um futuro de desenvolvimento e progresso. Maringá, estando inserida nessa conjuntura, também congregava, em sua imagem, ideais de modernidade, de colonização racional e de ocupação planejada e pacífica. Tais discursos são renovados e, constantemente, vinculados na Folha do Norte do Paraná, como no editorial publicado em 10 de maio de 1968, quando a cidade comemorava seus 21 anos, enfatizando:

A data de grande importância histórica, representando um marco entre o passado que teve as características épicas do pioneirismo e um futuro que agora começa e que definirá pelo nosso amadurecimento como comunidade. [...] Até ontem, as nossas iniciativas foram inspiradas quase que puramente na coragem; daqui por diante elas terão de basear-se em esquemas rigorosamente sólidos. [...] Felizmente, os nossos dois últimos prefeitos – João Paulino e Luiz Carvalho tiveram visão bastante para organizar os alicerces do futuro. Criaram, com as obras de pavimentação, o serviço de abastecimento de água e outras realizações importantes, a base na qual se sustentará o desenvolvimento da cidade. Igualmente, os melhoramentos aqui implantados pelo governo estadual asseguram condições para a grande arrancada. E a iniciativa privada, da mesma forma, tende a organizar-se de

⁸³ TOMAZI, Néelson Dácio. *“Norte do Paraná” – história e fantasmagorias*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

⁸⁴ Idem.

modo a formar, com os seus valores individuais, uma alavanca imensa, capaz de projetar a comunidade no rumo de um fabuloso amanhã.⁸⁵

No trecho acima notamos como a Folha do Norte do Paraná, ao enfatizar a ideia de futuro e dos valores individuais, se aproximava de um ciclo de atores sociais ligados a setores empresariais, grandes proprietários e os membros de uma “alta e boa sociedade”. Nesse sentido, o processo de seleção e publicação dos editoriais acabava por legitimar essas figuras sociais, enquanto inviabiliza outras, que foram sendo constituídas enquanto “desviantes” e “transgressores”.

Ademais, com o crescimento da população e da economia de forma desigual entre os anos 1960 e 1970, o periódico procurou reafirmar o discurso fundacional de grandiosidade e de um futuro glorioso, destacando a companhia de terras, a prefeitura e os pioneiros como figuras centrais na constituição da cidade, problematizando soluções contra o aumento da pobreza e das mazelas sociais. A Folha do Norte do Paraná, a partir de suas narrativas, buscava organizar e apresentar o passado, o presente e o futuro de Maringá de forma ordenada, refletindo e se posicionando sobre quais sujeitos seriam bem-vindos para a construção de um ambiente positivo e produtivo.

Assim, na tentativa de encontrar ou formar em Maringá uma comunidade coesa, a Folha do Norte do Paraná separava e hierarquizava os sujeitos, intitulando de “desajustados” aqueles que eram a contraposição à figura heroica do pioneiro, pois eles eram uma contradição do discurso e do presente glorioso da cidade. No editorial veiculado em 22 de janeiro de 1966 era apresentada a vida desses indivíduos, que, iludidos pela imagem da “famosa Canaã paranaense”, embarcavam em busca dessa promessa da terra fabulosa e, ao chegarem à região sem possuir os recursos necessários para se estabelecerem e colaborarem com o crescimento da cidade, acabavam por aumentar os índices de pobreza.⁸⁶

Esses sujeitos “desajustados”, fascinados pela promessa de riqueza, eram apresentados em outro editorial, este publicado em 26 de julho de 1968 com o título “Os desiludidos”, no qual era reafirmada a “fama” de eldorado da cidade de Maringá, narrando que muitos eram os que, baseados nesse ideal, desembarcaram na cidade cheios de esperança no

[...] eldorado, entretanto, não era aquilo que ele pensava. E esse cidadão é mais um dos milhares que formam hoje a multidão dos desiludidos que vivem no norte do Paraná e que não podem, sequer, por falta de recursos, regressar à terra natal [...]. Ocorre ainda que esta cidade, como toda a região, está precisando de gente que traga dinheiro para aqui e não apenas de gente que venha buscar dinheiro. E, se falta dinheiro, falta mercado de trabalho. E há desemprego, provocando uma situação social bastante complexa [...]. Em resumo: ajude-se a ir embora os

⁸⁵ Folha do Norte do Paraná, n. 1586, 10/5/1968, p. 3.

⁸⁶ Folha do Norte do Paraná, n. 922, 25/1/1966, p. 3.

desiludidos que possam ser felizes em outra parte e projete-se uma forma de amparar de fato aqueles que não possam trabalhar.⁸⁷

O Jornal construiu dois personagens, o primeiro, “desiludido”, e o segundo sendo aquele que seria bem-vindo na região, uma vez que, como investidor, poderia agregar valores ao desenvolvimento da cidade. O “desiludido”, por sua vez, conseguiria apenas aumentar o desemprego na região e tornar ainda mais complexa a situação social vivida no final dos anos 1960 em Maringá. Esse contexto seria abordado, outra vez, no editorial de 11 de dezembro de 1968, quando a seguinte realidade é apresentada:

[...] há alguns anos, o forasteiro chegava, ia para uma pensão e logo em seguida estava empregado. Havia até elementos cuja profissão era “agenciar piões” e que pagavam a diária daquelas pessoas e as levavam para uma fazenda próxima, onde a procura de braços era constante [...]. Hoje, contudo, a situação é muito diferente. Com a erradicação do café, a lavoura dispensou inúmeras famílias. E quem chega de fora inclui-se na multidão dos “excedentes”. Exato: a população maringaense é hoje muito maior do que as oportunidades de emprego que a cidade oferece. Daí avolumar-se a cada dia o problema do desemprego e, conseqüentemente, do problema social [...] Só há uma fórmula: ajudá-los a regressar às suas cidades.⁸⁸

Nesses textos, alguns aspectos interessantes nos são apresentados, como, por exemplo, o aumento do desemprego na cidade, a substituição do café como agravante dessa situação, o crescimento da população em contraste com a estagnação das vagas de emprego. Todos esses fatores contribuía para o surgimento de problemas sociais e colocando em risco a imagem de eldorado de Maringá. Esses fatores eram vistos com preocupação pelo Jornal, que apontaria como solução a extradição desses “forasteiros” para suas cidades de origem. Nesse sentido, em busca da construção de uma cidade e de um espaço disciplinar positivo e útil, os sujeitos considerados estranhos aos valores do trabalho deveriam ser isolados e retirados da cidade.

Essas indicações e esses posicionamentos veiculados no editorial da Folha do Norte do Paraná, espaço esse dedicado a expressar as vozes da equipe do Jornal, nos permitem considerar que havia um processo de vigilância da circulação dos sujeitos na sociedade maringaense. Consideramos, de acordo com Gilles Deleuze⁸⁹, que a organização e o controle dos indivíduos se distribuía de forma contínua em diversas áreas do cotidiano, inclusive no discurso do Jornal, quando este se dedica a identificar os sujeitos, localizá-los e associar a espaços, instituições e valores.

⁸⁷ Folha do Norte do Paraná, n. 1650, 26/7/1968, p. 3.

⁸⁸ Folha do Norte do Paraná, n. 1765, 11/12/1968, p. 3.

⁸⁹ DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. _____. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34. 1992. p. 219-226.

As construções desses textos contribuem para criar uma oposição entre os ditos “pioneiros” e os considerados “desajustados” ou, melhor, uma oposição entre aqueles que “agregavam” valores ao desenvolvimento de Maringá *versus* aqueles “desajustados” e “forasteiros” que engrossavam os problemas sociais da cidade. Podemos analisar esse cenário a partir das indicações de Norbert Elias⁹⁰, em seu estudo sobre a comunidade de Winston Parva e como seus habitantes se dividem em dois grupos, de “estabelecidos” e os “*outsiders*”, em que a coerência dos grupos se organiza em relação ao seu tempo de chegada e à sua capacidade de organização. Guardadas as devidas ressalvas em relação aos diferentes contextos, em Maringá também observamos a criação de uma coesão e de um carisma grupal relacionado ao grupo que possuía os meios materiais para garantir o crescimento econômico da cidade. Os pioneiros/estabelecidos, portanto, se constituíam enquanto superiores e donos dos meios legais de poder e liderança, enquanto que os desajustados/*outsiders*, por sua vez, eram estigmatizados, desumanizados e excluídos, em especial no discurso do Jornal.

A partir dessas construções, acreditamos que o Jornal trabalhava com dualidades opostas e relacionais. Dessa maneira, não poderia existir um grupo de pioneiros sem sua oposição, ou seja, os recém-chegados. A separação desses personagens também encontrava outros recortes, como o de gênero. Assim como esses grupos se opunham, também as suas masculinidades e feminilidades dialogavam e se contrapunham. Nesse contexto, a Folha do Norte do Paraná e as gestões públicas, por meio de leis e normativas, produziam discursos que visavam ao estabelecimento de uma ordem, com controle e influência sobre os sujeitos, ou seja, aquilo que Foucault argumenta acerca da verdade:

Assim, só aparece aos nossos olhos uma verdade, que seria riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal. E ignoramos, em contrapartida, a vontade de verdade, como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a verdade, lá justamente onde a verdade assume a tarefa de justificar a interdição e definir a loucura.⁹¹

Essa vontade de verdade presente nos mecanismos do discurso estaria ligada, portanto, ao poder de que essas instituições, como o Jornal e a administração pública, desejavam apoderar-se, constituindo um discurso institucionalizado portador de poder de convencimento que exercia certa pressão em outros discursos. Nessa perspectiva, o *status* de verdade apresentado pelo discurso se apoiava na definição de formas, bem como no domínio dos objetos e das técnicas discursivas.

⁹⁰ ELIAS, Nobert. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 19-50.

⁹¹ FOUCAULT, Michel. 2014, p. 19-20.

Um outro fator importante do processo constituição de Maringá era a presença religiosa, em especial a da Igreja Católica, que designaria a cidade como sede diocesana em 1956, tendo como bispo D. Jaime L. Coelho. A bula papal, intitulada “*Latissimas Partire Ecclesias*”, designava que a diocese dessa região contaria com 24 municípios, nos quais estavam instaladas 15 paróquias, estas sob os cuidados de 22 padres e de 7 diocesanos (ARQUIDIOCESE, 2015). A criação da diocese no início do processo de urbanização de Maringá contribuiu, como observa Sélson Garutti⁹², em sua dissertação, para que surgisse um paralelo entre a ação da Igreja e da CMNP, estando ambas supostamente trabalhando para a construção de um espaço urbano organizado e de cidadãos-modelo. Para além da assistência religiosa, a diocese atuava em diferentes frentes, oferecendo à região serviços de saúde, de educação e ações de caridade, tendo o papel de conciliadora e promotora da ordem social.

A relevância do elemento religioso na cidade pode ser observada na localização de sua catedral no centro da zona cível, tendo à sua direita os prédios do poder Executivo, à sua esquerda o poder Judiciário e atrás o poder Legislativo. Além da sua localização, a catedral, cuja construção envolveu uma série de campanhas para o levantamento de recursos ao longo dos anos 60 e 70, tem um desenho que objetivava sintetizar o que de mais moderno havia na época, inspirado no formato das naves espaciais. Outra fonte de destaque da catedral é sua altura de 124 m, altura que a caracterizava como um dos prédios mais altos da cidade, sendo possível visualizá-la de diferentes partes da urbe.

Para além da construção da catedral, D. Jaime empreendeu, durante os anos 1960, uma luta contra um dos inimigos da Igreja Católica e dos bons costumes, ou seja, contra o comunismo e as organizações de esquerda, o que estava diretamente relacionado ao regime político que se instalaria no país nessa mesma década. Assim, juntamente com os empregadores rurais, empreendeu ações para desestruturar os movimentos sindicais por meio da construção de uma imagem de “ameaça comunista”, e pela articulação da Frente Agrária Paranaense⁹³, cuja finalidade principal era conciliar patrões e trabalhadores rurais, promovendo a harmonia, amizade, compreensão e respeito recíprocos, uma vez que a “infiltração” comunista na região era colocada como causadora de discórdias e de conflitos no campo⁹⁴.

⁹² GARUTTI, Sélson. **O poder do anel na diocese de Maringá**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

⁹³ Lançada em 1961, no mesmo dia em que a cidade recebia os trabalhadores para II Congresso de Trabalhadores Rurais.

⁹⁴ PRIORI, Ângelo. Lutas sociais e conflito político: alguns temas da história de Maringá (O II Congresso de Trabalhadores Rurais e a formação da Frente Agrária Paranaense). In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo (Orgs.). **Maringá e o norte do Paraná: estudos de história regional**. Maringá, PR: Editora da UEM, 1999. p. 179-219.

Outro exemplo de envolvimento do bispo em movimentos sociais foi a sua posição de mediador durante a greve geral dos operários da cidade no início de outubro de 1968⁹⁵. Diante da reorganização da economia imposta pelo regime civil militar, que garantiu o crescimento econômico e a concentração de renda, enquanto a maior parte dos assalariados sofria com o arrocho salarial, uma série de movimentos grevistas se organizaram no período em resistência. Em Maringá não foi diferente, como noticia a capa da Folha do Norte do Paraná em 3 de outubro de 1968, com a manchete “Greve dos empregados da Norpa”⁹⁶. Essa seria a primeira greve na história do município.

Após a greve, o bispo publicou, na capa do Jornal, um texto intitulado “A greve justa”⁹⁷, em que defendeu a legitimidade do movimento que se desenvolveu na cidade, colocando-se ao lado dos fies e afirmando que as reivindicações grevistas eram válidas. Além disso, indicou, em seu texto, que o papel dos pastores da Igreja era, também, o de se posicionarem ao lado dos homens pobres, como clamavam as diretrizes religiosas. Esses pontos nos indicam a importância e o envolvimento social do bispo e da Igreja Católica no cotidiano da cidade, participando ativamente dos conflitos sociais e se destacando no espaço urbano.

Baseados em todos os elementos acima ilustrados, na apresentação de matérias veiculadas pela Folha do Norte do Paraná e com o auxílio de outras fontes, podemos destacar algumas características da sociedade de Maringá no contexto investigado. Isto é, a pretensão de preservar e de construir um retrato moderno e cosmopolita da cidade, retrato no qual alguns personagens assumiram o papel de moralizadores, como a Igreja Católica, as classes dominantes, a intervenção do estado por meio da repressão e da censura, que buscavam impor um projeto de cidade e sociedade baseados em ideais conservadores e cristãos. Essas seriam as referências e influências sob as quais o Jornal articulava a composição da sociedade local, bem como a formação das masculinidades e das feminilidades.

1.3 As Colunas Social e Policial como mediadoras sociais

Um jornal diário como a Folha do Norte do Paraná apresentava uma série de conteúdos diversos, que abrangiam desde análises políticas e econômicas até o acompanhamento das viagens e dos *shows* de cantores famosos. Diante da diversidade de conteúdos encontrados no periódico, um recorte temático contribui para facilitar a análise e a problematização das representações e opiniões

⁹⁵ DIAS, Reginaldo Benedito. Os trabalhadores e a esquerda na resistência à ditadura militar: a greve geral de outubro de 1968 em Maringá. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo (Orgs.). **Maringá e o norte do Paraná: estudos de história regional**. Maringá, PR: Editora da UEM, 1999. p. 179-219.

⁹⁶ Folha do Norte do Paraná, n. 1708, 3/10/1968, p. 1.

⁹⁷ Folha do Norte do Paraná, n. 1717, 13/10/1968, p. 1.

expressas pela fonte de pesquisa. Nesse sentido, o estabelecimento do nosso recorte teve como consideração o objeto da pesquisa em questão, ou seja, as masculinidades e as feminilidades.

Dessa maneira, tendo em vista que as “colunas fixas assinadas [...] geralmente identificam a recorrência de uma ótica e abordagem e/ou favorecimento de temas e de vozes autorizadas”⁹⁸, selecionamos as colunas social e policial da Folha do Norte do Paraná, com o objetivo de perceber as repetições, os padrões e mesmo as contradições que envolviam a apresentação das *performances* masculinas e das femininas.

Em uma breve apresentação das duas colunas, social e policial, podemos introduzir a primeira como uma constante que pouco varia ao longo dos anos, sendo localizada na quarta página do Jornal, tendo como editor principal Frank Silva⁹⁹, durante todo o período de nossa investigação, e veiculando breves notas e comentários sobre os eventos sociais, como bailes, concursos de beleza, casamentos, entre outros; e a segunda, marcada pela inconstância, sem um editor fixo, oscilando sua localização no periódico e, de forma geral, informando acerca das prisões e dos crimes cometidos na cidade.

Essas diferenças em relação aos tipos de conteúdos apresentados pelas respectivas colunas também se expressam no que diz respeito ao sujeitos apresentados e suas posições sociais relacionadas a classe, entendida aqui como uma intersecção que influencia tanto o tratamento destinado a tais indivíduos no Jornal, como nos modelos de feminilidades e masculinidades associados a esses homens e mulheres. Nesse sentido, a escolha dessas duas colunas destaca e evidencia a importância dos recortes e intersecções de gênero, classe, geração, etc.

Uma primeira comparação entre esses dois espaços da Folha do Norte do Paraná indicaria que essas colunas são, aparentemente, opostas, não tendo nenhuma relação entre si. Entretanto, devemos considerar que o conteúdo do Jornal era organizado a partir dos anseios e da busca por uma coerência e racionalidade conectada a um projeto editorial dos redatores e dos administradores. Nesse contexto, os conteúdos apresentados por ambas as colunas possuem relações, ou seja, se, por um lado a coluna social acompanha e elogia o modo de vida da “alta e boa sociedade”, a coluna policial, ao apresentar os sujeitos “criminosos” e “infratores”, os denuncia e vigia, além de servir de advertência, apontando para o perigo de certas condutas imorais.

Consideramos que, assim como o Jornal era um mediador social, uma força ativa na constituição de uma realidade, essas colunas também organizaram seus discursos de forma que “[...] produzem estratégias e práticas tendentes a impor autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar

⁹⁸ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Op. cit., p. 262.

⁹⁹ Mesmo que durante alguns anos o Jornal apresentasse outras colunas que se aproximavam do conteúdo produzido pelo Frank Silva nós o consideramos como o sujeito socialmente reconhecido como colunista social.

escolhas”¹⁰⁰. Esses espaços, portanto, ao apresentarem seus sujeitos e os separarem, criavam hierarquias relacionadas à forma como esses personagens se posicionavam socialmente, contribuía para a sua ascensão ou decadência, organizavam uma escala social, determinando sujeitos, lugares e modelos de masculinidades e de feminilidades.

Além disso, a leitura das colunas social e policial apresenta uma repetição de conteúdo, de formas de linguagens, de imagens e de poses que possibilitam o estabelecimento de séries e a percepção de sentidos¹⁰¹. Assim, nosso trabalho valoriza não somente a apresentação de singularidades, mas, principalmente, as regularidades com que homens e mulheres eram descritos e qualificados em situações sociais, em suas viagens, em suas festas, em seus trejeitos e posturas, em suas sociabilidades, em seus crimes e nas posições que ocupavam na comunidade.

Consideramos, também, a questão do autor e editor das colunas, compreendendo a influência e responsabilidade dessas figuras na constituição dos conteúdos publicados, visto que, como indica a nota veiculada em várias edições do Jornal, “[...] a direção isenta-se de responsabilidade sobre as opiniões emitidas em matéria assinada”. Nesse caso, a coluna policial, ao não possuir um autor declarado, tem o caráter de seu conteúdo atribuído à equipe geral do Jornal. A coluna social, por sua vez, ao ser assinada por Frank Silva, era de sua incumbência.

De acordo com as considerações de Michel Foucault, os autores seriam um princípio de agrupamento, de coesão: “[...] aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência e sua inserção no real”¹⁰². Assim, uma apresentação do colunista Frank Silva torna-se necessária para aprofundar nosso conhecimento desse personagem fundamental na construção da coluna social, uma vez que, além da linha editorial do Jornal, os autores das colunas também se configuravam em mais um filtro entre o que era veiculado nas páginas do periódico e a realidade a que se referia. Ademais, é importante apresentá-lo, pois seria ele uma figura masculina escrevendo e normatizando um ideal de feminilidade e de masculinidade, por meio da escolha do que era ou não publicado na coluna por ele assinada.

Nosso editor Frank Silva era paulista, advogado e jornalista, iniciando seus trabalhos em meios de comunicação em 1957 na Rádio Cultura de Maringá, sendo recrutado em 1962 pelo bispo D. Jaime para fazer parte da Folha do Norte do Paraná, na qual permaneceu como colunista social até o ano de 1973. Desde a sua contratação até a sua saída, ganhou cada vez mais destaque no periódico, passando a ser reconhecido ao ponto de a coluna, antes intitulada “Destaques”, passar a

¹⁰⁰ CARVALHO, Francismar Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. *Diálogos*, Maringá, v. 9, n. 1, 2005, p. 149.

¹⁰¹ SILVA, Ana Cristina Teodoro da. Op. cit., p. 111.

¹⁰² FOUCAULT, Michel. 2014, p. 26.

ser identificada apenas como “Frank Silva”, escrito nas páginas do Jornal com letras garrafais. Dessa maneira, seu nome e o conteúdo que produzia poderiam ser identificados sem necessidades de maiores explicações e, além disso, pela periodicidade diária da coluna, seus nomes estariam associados de forma quase que imediata pelos leitores, confundindo-se autor com matéria.

A associação entre o autor e o conteúdo nos indica como a coluna social era organizada de maneira clara e didática, durante toda a trajetória da Folha do Norte do Paraná. Outros mecanismos também eram utilizados para diferenciar e destacar a coluna do restante do conteúdo veiculado pelo Jornal, como a publicação de uma pequena foto de seu autor ao lado do título “Crônica Social” durante os anos iniciais do periódico. Com o progredir da diagramação das páginas, os nomes da coluna foram sendo alterados para “Em sociedade” e “Destaques”, sempre seguidos do nome do colunista. Isso nos indica como o jornalista era associado ao conteúdo que produzia, tornando-se um colunista social especializado, o que conferia uma autoridade e poder de fala a ele e à sua coluna. Sendo assim, ambos se constituíram em participantes ativos da constituição do ambiente da “alta e boa sociedade”.

Devemos, no entanto, atentar para o fato de que o conteúdo social apresentado por Frank Silva respondia às condições de produção da própria Folha do Norte Paraná, bem como ao seu horizonte moral. Sendo assim, ponderar as sociabilidades exercidas nas diferentes conjunturas políticas, as múltiplas vinculações e as intenções explícitas ou sutis em exaltar ou execrar comportamentos, modos de vida e condutas sociais, do grupo e do autor que edita a coluna, isso nos permite decodificar nossa fonte de pesquisa e compreender seus usos e finalidades¹⁰³.

Há de se compreender, portanto, que o autor e os editores do Jornal não operavam com total autonomia sobre a sua fala, ou seja, enquanto fonte do sentido e do seu pensamento, esses sujeitos ocupavam uma determinada posição social e a partir dela produziam seus discursos. Sendo assim, enquanto um ser social, o enunciador é depositário de várias formações discursivas que estão presentes numa determinada formação social na qual está inserido. Entretanto, “[...] seria absurdo negar, é claro, a existência do indivíduo que escreve e inventa [...]”¹⁰⁴, ou seja, não podemos ignorar as posições e as particularidades da trajetória de Frank Silva, uma vez que ele chama para si a tarefa de ser porta-voz da sociedade maringaense.

Além disso, para o colunista social, seus vínculos eram extremamente importantes. Por meio de suas conexões de amizade e parceria é que chegavam os convites para eventos e assim é que se construía as notas, os comentários e se vendiam os anúncios vinculados na página social. Essa

¹⁰³ SILVA, Márcia Pereira da; FRANCO, Gilmar Yoshihara. Imprensa e política no Brasil: considerações do jornal como fonte de pesquisa histórica. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 4, n. 8, 2010.

¹⁰⁴ FOUCAULT, Michel. 2014, p. 27.

relação entre o colunista e sociedade não era de forma alguma unilateral. Havia uma dependência mútua, pois, se o primeiro dependia de conexões sociais para produzir conteúdo, o segundo compreendia a coluna social enquanto um espaço privilegiado, no qual poderia projetar uma imagem capaz de promover determinadas famílias e sujeitos, dar-lhes honra, inseri-los entre as altas rodas sociais.

A coluna social, ao retratar a “alta e boa sociedade”, por meio da publicação de seus nomes, da descrição e dos elogios às suas atividades, se constituía enquanto uma estratégia para esses sujeitos tornarem públicos seus sobrenomes, suas famílias, suas empresas, propagando e aumentando seu valor e prestígio na dinâmica social de seu grupo. Além disso, conectava esses personagens a uma imagem de modernidade, de desenvolvimento e de requinte cultural, imagem na qual eles não apenas representam, mas eram a “alta e boa sociedade” em todos os aspectos. Como argumenta Joana Maria Pedro, em sua análise sobre as representações das mulheres honestas e faladas do início do século XX em Florianópolis, os processos de urbanização e de organização da cidade trazem consigo o aparecimento de novas classes sociais e de novos indivíduos com o crescimento populacional. Nesse contexto, as notas sociais contribuía para a inserção dessas figuras nas altas camadas da sociedade local¹⁰⁵.

A atenção dada a alguns dos sujeitos, que seriam e se encaixariam nas normativas da coluna para fazerem parte da “alta e boa sociedade”, ficou explicitada eram as edições especiais da coluna social, principalmente durante o ano do 20º aniversário de Maringá, em que foram divulgadas listas com os 20 mais destacados da cidade – médicas/os, lojistas e empresárias/os e outras/os. Eram veiculadas, também, fotos e comentários sobre as atividades desenvolvidas por esses personagens, como forma de propagar as figuras que eram constituídas enquanto modernas e centrais para o desenvolvimento da cidade. Ademais, essas listas, além de contribuírem na construção de um grupo identificado como “destacados”, organizavam uma hierarquia social, relacionada a intersecções como gênero, classe, geração, raça, entre outros aspectos, distribuindo os indivíduos, suas funções na sociedade e determinando os espaços urbanos e os poderes aos quais eles teriam acesso, indicando também o sujeito social aceito e “vitorioso”.

Nessa perspectiva, a capa do Jornal, na edição de 4 de março de 1969, apresenta, como foto central, a imagem de alguns senhores e senhoras reunidos em uma festa, na qual a legenda aponta que “[...] o colunista Frank Silva reuniu a nata da sociedade maringaense, no último sábado para ‘Noite dos Destacados’”. Na foto podemos notar alguns elementos que compunham tal evento, como a banda ao fundo, uma mesa com um grande arranjo de flores, as mulheres trajando vestidos,

¹⁰⁵ PEDRO, Joana Maria. Op. cit., p. 23.

jóias e penteados, os homens com trajes formais, ternos e gravatas. Todos esses pontos, somados ao que sugere a legenda ao dizer “nata da sociedade”, podem ser identificados como marcadores da distinção social, como elementos capazes de dar coerência a determinados grupos sociais.



Imagem 02: Foto da capa do Jornal Folha do Norte do Paraná, mostrando a “alta e boa sociedade” reunida na festa da Noite dos Destacados.

A localização dessa fotografia na capa do Jornal – tendo em consideração o papel de vitrine desse espaço das edições que resumem, apresentam e chamam a atenção do leitor para seu conteúdo interno – nos indica a relevância da coluna social no periódico. Além disso, essa chamada nos diz muito sobre os sujeitos por ela apresentados, destacados do restante dos assuntos tratados nessa edição. Em diálogo como as considerações de Pierre Bourdieu¹⁰⁶, ao problematizar os elementos que se constituem enquanto marcadores das distinções entre os grupos sociais, compreendemos que a realização de festas, as vestimentas, os modos de socialização atribuem valores e gostos que identificam esses indivíduos, destacando-os do restante da população da cidade, inclusive em sua posição dentro da Folha do Norte do Paraná.

A coluna social, além de apresentar comentários sobre a vida e o cotidiano da elite local, apresenta os principais locais de sociabilidades das personalidades de destaque social, sendo lanchonetes e restaurantes, cinema, teatro e, principalmente, clubes sociais. Este último espaço de socialização é central na dinâmica da “alta e boa sociedade”, uma vez que se configurava em um ponto de encontro e de articulação dos principais eventos sociais e mesmo de organização das ações

¹⁰⁶ BOURDIEU, Pierre. **A distinção:** crítica social do julgamento. São Paulo: Editora da USP, 2007.

de “caridade” e filantropia. Inferimos que tais ações filantrópicas, de acordo a argumentação Jacques Donzelot, ao demarcarem a organização da moralização e da disciplinarização das famílias no século XIX, visavam não somente o bem-estar social, mas também direcionar a vida dos pobres, obter trabalhadores, engrandecer o doador, entre outros aspectos.

A linguagem da coluna se apresentava de forma coloquial, incorporando algumas gírias e estrangeirismos como “broto”¹⁰⁷, “debs”¹⁰⁸ e “new society”¹⁰⁹, respectivamente. Esses termos contribuíam para a constituição de uma proximidade entre as/os leitoras/es e o autor, sendo ele aquele que lhes informava sobre os últimos acontecimentos sociais. Além disso, o recurso fotográfico também era um dos artifícios utilizados para ilustrar e apresentar os eventos e as personalidades citadas nos textos. Todos esses mecanismos, herdados de colunistas como Tavares Miranda, Zózimo Barroso e Ibrahim Sued, que construíram, no jornalismo paulista e carioca, o estilo do colunismo social de caráter subjetivo, em que eram apresentados o envolvimento pessoal e a criação dos vínculos desses autores, produzindo formas de expressão próprias, que eram absorvidos nas colunas sociais do interior, como a veiculada na Folha do Norte do Paraná¹¹⁰.

A partir dessas condições, a coluna social se diferenciava dos demais conteúdos do Jornal. Sua função se dava para além da construção de vínculos de amizade e da capacidade de influenciar a realidade social. O colunista administrava o espaço de circulação de coisas e de pessoas, organizando e criando um espaço de “magia e sedução”, no qual eram apresentados eventos como bailes, concursos de belezas, viagens e os “finais felizes” de casamentos e de namoros. O colunismo social da Folha do Norte do Paraná era marcado pelo caráter opinativo e subjetivo, configurando-se enquanto um meio de inserção social de novos membros, bem como da manutenção das antigas famílias nas altas rodas da sociedade.

A coluna policial da Folha do Norte do Paraná, ao contrário da coluna social, não possuía a mesma constância, pois as suas publicações variavam tanto em sua localização nas páginas do Jornal, como em sua periodicidade. Seu conteúdo se destacava, em especial, no que se referia ao projeto de moralização da sociedade, dedicando-se a apresentar e a dar visibilidade aos casos de “transgressões” cotidianas, como brigas, roubos, desordem, os casos de prisões por embriaguez e pela prática da prostituição. Essas notas policiais apresentavam informações como horário, local, motivo e nomes dos envolvidos nos acontecimentos policiais.

¹⁰⁷ A expressão “broto” era utilizada no Jornal para se referir a jovens meninas consideradas bonitas.

¹⁰⁸ O termo “debs” consistia em uma abreviação da palavra debutantes, utilizado na coluna social para se referir as jovens que se iniciavam oficialmente na vida social (geralmente aos 15 anos de idade).

¹⁰⁹ O estrangeirismo “new society” era empregado para designar os novos indivíduos que passavam a circular nos ambientes da “alta e boa sociedade”.

¹¹⁰ GONÇALVES, José Henrique Rollo. Op. cit., p. 37.

A linguagem empregada nessa coluna, ao se referir e relatar os casos de violência, se apropriava do linguajar policial ao utilizar termos como o “indivíduo” e “averiguação”, ao mesmo tempo em que fazia uso de expressões populares como recolhido em “cana”¹¹¹, “xilindró”, entre outras. Além disso, ao apresentar o nome das/os criminosas/os em letras maiúsculas, destacando-os do restante do texto, esse espaço do Jornal dava visibilidade a tais sujeitos, identificando-os e os localizando no espaço urbano. Esses elementos da coluna policial acabavam contribuindo para a desqualificação dos indivíduos envolvidos, vigiando-os e isolando-os socialmente.

O reconhecimento dessas características nos permite analisar, de forma consciente, as escolhas feitas pelos editores do Jornal em como apresentar suas informações, os tipos gráficos utilizados, o destaque dado a algumas notícias e não a outras, a localização desse conteúdo, ou seja, pensar o que e como são publicados os conflitos, as violências cotidianas e os sujeitos “criminosos”. Assim, compreendemos que o discurso da coluna policial adquiria “[...] significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustrações que os cercam”¹¹². A sua ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza de seu conteúdo se constituíam em técnicas e estratégias de funcionamento que tornavam esse espaço do periódico ativo, normatizador, funcionando como um lugar de denúncia e de vigilância dos comportamentos e das condutas “reprováveis”.

O conteúdo apresentado pela coluna policial, portanto, veiculava e permitia observar outras masculinidades e feminilidades, que se afastavam e se relacionavam em forma de contraposição com os modelos “ideais” enfocados em outros espaços do Jornal. Consideramos, portanto, que os homens e as mulheres retratados na Folha do Norte do Paraná, em especial, nas colunas social e policial eram apresentados como antagonistas sociais, enquanto oposições construídas no discurso do periódico, que valorizava as figuras das notas sociais e isolava os sujeitos das ocorrências policiais.

Consideramos que as masculinidades e as feminilidades respondiam e eram influenciadas por alguns dos elementos apresentados neste capítulo, como: o crescimento da população urbana de Maringá, que introduziu novos sujeitos na sociedade local, gerando a necessidade de fortalecer e de criar políticas para manter e propagar a imagem da cidade planejada, urbanizada e moderna, caráter de diferenciação da população maringaense do restante do Estado; a forte influência dos aspectos e das orientações religiosas no cotidiano da cidade; a política estatal de supressão das liberdades individuais e o enfoque em um discurso de ordem social, de modernidade e de valorização da moral tradicional e cristã.

¹¹¹ A expressão “cana” era utilizada para se referir à cadeia, assim como o termo “xilindró”.

¹¹² LUCA, Tânia de. Op. cit., p. 138.

Além disso, tendo conhecimento dos vínculos da Folha do Norte do Paraná e de seus editores, da forma de funcionamento das colunas sociais e policiais, concluímos este capítulo compreendendo como o Jornal se constituía enquanto um mediador social, organizando discursos e normativas, criando projetos de sociedade e sujeitos “ideais” para a cidade de Maringá. Assim, nos próximos capítulos discutiremos como o Jornal articulou *performances* de masculinidades e de feminilidades, demarcando os comportamentos, os trejeitos, as formas de vestir, os espaços urbanos, as sociabilidades e as funções sociais desses sujeitos.

2 “MOCINHAS” E “VADIAS”: AS FEMINILIDADES ENFOCADAS

Diante da pluralidade dos perfis femininos que circulavam em Maringá entre os anos 1960 e 1970, o Jornal, ao produzir seu conteúdo, selecionava e representava em suas páginas, de forma clara e organizada, apenas uma parcela dessas mulheres, criando, a partir delas, padrões de condutas, de comportamento e de estilos de vidas. O presente capítulo, portanto, tem por objetivo discutir as feminilidades construídas pelas colunas social e policial, ou seja, problematizar como seus conteúdos e suas orientações formavam uma série de atributos e de qualidades identificadas como femininas.

Concebemos que as normas de etiqueta, os vestuários, o consumo, os trejeitos, o estilo de vida, as formas de sociabilidades, as práticas e os espaços frequentados pelas mulheres maringaenses eram construídos por diferentes discursos. Por essa razão nós nos focamos na maneira como a Folha do Norte do Paraná, a partir de figuras presentes na sociedade de Maringá, constituía significados, determinando e ligando sujeitos a juízos éticos e morais. De acordo com essa perspectiva, acreditamos que o Jornal buscava construir as feminilidades das colunas social e policial de maneira oposta, relacional e complementar.

Assim, no título deste capítulo buscamos destacar duas feminilidades construídas no periódico de maneira extremamente oposta. As imagens das “mocinhas” e das “vadias” enfatizam que esses sujeitos estavam presentes em Maringá e dividiam os mesmos espaços urbanos. O Jornal, compreendido enquanto um mediador social, hierarquizava e separava essas mulheres de acordo com os valores morais adotados pelo periódico, com os preceitos e os vínculos sociais que perpassavam sua produção. Assim, portanto, compreendemos que ambas as imagens construídas na Folha do Norte do Paraná eram possíveis por meio de uma relação complementar e oposta, sendo necessárias umas às outras.

Não podemos, no entanto, simplificar nossa leitura e acreditar na existência simples e horizontal de apenas essas duas feminilidades. Temos de ter o cuidado de compreender a multiplicidade de sujeitos, o modo de funcionamento da Folha do Norte do Paraná, bem como compreender que seu conteúdo era assimilado de diferentes maneiras pelas/os suas/seus leitoras/es, respondendo às suas experiências pessoais. Sendo assim, consideramos, durante toda a nossa análise, dois aspectos que marcam e limitam a nossa pesquisa, quais sejam, a complexidade e sociedade em paralelo à parcialidade do Jornal, que, de forma alguma, abarcaria a todas as vivências presentes em seu contexto.

Por fim, nas próximas páginas caminharemos dos salões, das áreas recreativas dos clubes sociais, das igrejas enfeitadas nos dias de casamentos, das passarelas dos desfiles de modas até chegarmos às ruas que ligam as áreas centrais da cidade à Vila Marumbi ou Zona do Meretrício. Nesse caminho buscaremos apontar e discutir a construção das “mocinhas” e das “vadias”, dois modelos de feminilidades enfatizadas e largamente apresentadas nas edições o Jornal.

2.1 A construção do ciclo da vida social das “mocinhas”

Como em filmes, novelas e romances, o que chamamos aqui de “mocinhas” eram aquelas figuras femininas cuja beleza, educação, simpatia, moderação e delicadeza de seus gestos constituíam uma personagem com a qual nos envolvemos, acompanhamos e torcemos por seu final feliz. As jovens presentes na coluna social da Folha do Norte do Paraná se aproximavam desse modelo. Assim, mudam-se os seus nomes nas edições diárias, mas os elogios e as características destacadas respondem a um mesmo perfil. São essas moças que possuem os atributos valorizados no meio social maringense, sendo apresentadas no Jornal como a cara da sociedade local, como espelhos de elegância, de bom gosto e de educação. São, pois, apresentadas como as futuras senhoras da sociedade, como exemplos para as próximas gerações e todas as leitoras.

O periódico, em especial sua coluna social, possuía um caráter didático e instrutivo, que influenciava na constituição das subjetividades e, além disso, construía um ambiente social pacífico, de magia, de encanto e de harmonia. A partir dessas características notamos como essa coluna acompanhava e criava um ciclo na vida social dessas mulheres, que compreendia quatro etapas respectivas: sua apresentação na sociedade em grandiosos bailes de debutantes; o acompanhamento de seus namoros, noivados e casamentos; o nascimento de suas/seus filhas/os; seu envolvimento social em bailes e seus trabalhos em eventos de caridade.

Nessa perspectiva, a vida das jovens maringenses se iniciava com sua apresentação à sociedade por meio dos bailes de debutantes, promovidos, em sua maioria, pelos clubes sociais. Além de dar início à inserção dessas jovens na dinâmica da sociedade, esses bailes iniciavam o trabalho de construção de um tipo de feminilidade ligada à “alta e boa sociedade”, eram parte de um rito de passagem que marcava um novo *status* social dessas moças na comunidade. Dessa feita, o colunista Frank Silva fazia grandes coberturas dessas festas, especialmente com muitas fotos, com apresentação dos detalhes da decoração, das bandas, dos vestidos, bem como apresentando algumas características das debutantes, como sua idade, escolaridade e o nome de seus pais, procurando identificar essas meninas.

Tal destaque e interesse pelo debutar social produzia notas como a de 5 de setembro de 1969, em que a coluna veiculava uma explicação sobre a origem e as normas dos bailes de

debutantes, tendo como fonte Marcellino de Carvalho, um grande nome em questão de etiqueta, como destacava o Jornal. Nesse trecho era explicado que *debut* era uma expressão vinda do francês e “significa iniciar-se em alguma coisa”. As regras relacionadas a esse evento eram elencadas nessas notas como a idade certa para se apresentar na sociedade entre 15 a 18 anos, “[...] dependendo da vontade delas ou de seus pais”¹¹³. Por meio dessa frase veiculada no texto podemos lançar um questionamento acerca da espontaneidade, do engajamento e desejo das jovens em participarem do baile, uma vez que a palavra final era dada por seus responsáveis. Em relação aos outros preparativos do baile, deveriam ser arranjados da seguinte forma:

Em primeiro lugar deve-se pensar nos pares – que serão os rapazes escolhidos pelas debutantes para dançar a valsa, sem que isso signifique que a moça seja obrigada a só dançar com ele depois de cumprida sua missão específica (...) quanto aos trajes, as moças deverão levar vestidos longos, de preferência brancos...

O uso ou não de luvas dependerá do gosto de cada uma, sendo aconselhada a luva alta sempre que o vestido for decotado e sem mangas. As debutantes que optarem pelo uso de luvas deverão conservá-las calçadas até o fim das valsas, podendo então tirá-las ou não – isso será questão de temperatura e de preferência pessoal –, mas sempre é necessário retirar pelo menos a luva da mão direita para comer ou beber alguma coisa, conservando, caso queira, a esquerda enluvada...

São três as valsas. A primeira é dançada com o pai, a segunda com o irmão mais velho e a terceira – compreensivamente, a mais esperada – com o namorado ou com um grande amigo, no caso de a debutante não ter namorado. É comum as debutantes trazerem um botão de rosa na mão direita, como também ser suprimido, para deixar a moça mais desembaraçada.¹¹⁴

Notamos, em primeiro lugar, como o texto publicado pela coluna conta, além da assinatura do colunista, com o nome de um especialista em etiqueta. Essas duas figuras conferiam à nota uma autoridade e relevância no que se refere ao comportamento social das jovens. As normativas relacionadas acima, portanto, incidiam sobre as moças e sobre a organização desses bailes locais, que, a partir de um discurso carregado de autoridade e legitimidade, buscavam se aproximar dos rituais das sociedades dos grandes centros urbanos, principalmente em relação ao debutar social, que, como a nota destacava em outro trecho, era um ritual advindo diretamente da nobreza inglesa, quando, após a I Guerra Mundial, a Rainha apresentava as jovens inglesas à sociedade.

Observamos, seguindo os mecanismos do discurso apontados por Michel Foucault, em especial no procedimento de rarefação dos sujeitos que falam, que “[...] ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-

¹¹³ Folha do Norte do Paraná, n. 1980, 5/9/1969, p. 4.

¹¹⁴ Idem.

lo”¹¹⁵, isto é, por meio de uma série de rituais são definidos os indivíduos que atendem às condições para entrar na ordem discursiva. Na nota anterior, portanto, os autores são reconhecidos e autorizados a falar por um grupo social a partir de um discurso carregado de autoridade e de legitimidade, discurso no qual buscavam se aproximar dos rituais das sociedades dos centros urbanos.

Em relação às regras apresentadas anteriormente, e que envolviam tal evento, constam a condução da moça por um par masculino durante todo o momento de sua apresentação, em especial no momento central do baile, que seriam as três valsas dançadas em companhia do pai, do irmão mais velho e de um namorado ou amigo. Compreendemos que essa presença masculina durante o *debut* social das jovens acabava por reafirmar a tutela e responsabilidade do homem sobre a mulher, primeiramente na figura do pai, depois do irmão e do namorado. Toda essa ritualidade carregada de significados contribuía para reforçar a autoridade masculina sobre as jovens, autoridade baseada em uma construção histórica e patriarcal.

Além disso, o trecho apresentava elementos como os detalhes das vestimentas das moças, que incluíam o vestido longo e branco, a presença de luvas e do botão de rosa, que faziam parte do ritual e reforçavam significações como a pureza feminina relacionada à cor branca, a delicadeza com a presença da flor, bem como o pudor e a inocência em relação ao cobrir do corpo das jovens. Sendo assim, todos esses aspectos, reunidos em uma grande celebração que juntava os nomes de maior destaque social, contribuía para construir uma feminilidade associada à pureza e à inocência, sob o cuidado masculino, além de lançar e inserir o nome dessas debutantes nas rodas da “alta e boa sociedade” de Maringá.

Com base no conceito de gênero¹¹⁶ e de performatividade¹¹⁷, inferimos que os rituais de apresentação social das jovens, assim como outros eventos relacionados com o ciclo da vida social das mulheres presentes no Jornal, funcionavam como símbolos carregados de significados que contribuía na construção social e cultural das feminilidades, influenciando as relações entre os sujeitos e a organização do poder. Além disso, essas repetições e regulações mobilizadas em tais celebrações eram aspectos que ajudavam a naturalizar e a cristalizar as estruturas de gênero relacionadas a uma feminilidade “ideal”.

Os bailes de debutantes eram, portanto, o ritual que marcava o início da vida social das jovens maringenses, apresentando-as à sociedade durante um evento no qual estavam presentes

¹¹⁵ FOUCAULT, Michel. 2014, p. 35.

¹¹⁶ Cf. SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Cadernos Pagu**, n. 3, p.11-27, 1994.

¹¹⁷ Cf. BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

seus familiares e as pessoas de maior destaque social, que acolheriam aquelas que seriam então incorporadas na dinâmica da sociedade local. O Jornal, enquanto um mediador ativo na constituição dessa “alta e boa sociedade”, acompanhava de perto toda a movimentação gerada pelo baile, contribuindo na construção de uma aura de magia e de sedução que envolvia as festas de debutantes. Além disso, todos os aspectos que envolviam essa comemoração eram carregados de significados, que, além de inserir as jovens nas rodas sociais, disseminava normativas de gênero, educando-as para serem as futuras senhoras elegantes de Maringá.

Nessa perspectiva, o encanto que envolvia a preparação dos bailes de debutantes era criado em notas como a publicada em 2 de setembro de 1967, que dizia “Aquele zum-zum-zum até o dia 30 de setembro [...]. Até lá tudo será novidade, tudo será meio mistério. Por enquanto todos cuidam dos mínimos detalhes para a festa espetacular, o Baile das debutantes”¹¹⁸. Esse trecho enfatizava a curiosidade e especulação em relação aos detalhes da festa, considerando tudo um mistério que poderia ser acompanhado pelos leitores e leitoras na coluna, principal fonte acerca das novidades sociais.

No mesmo ano de 1967, quando Maringá completava vinte anos de emancipação política, Frank Silva publicou uma série de notas sobre o baile das debutantes ocorrido no Maringá Clube (MC). Nessas publicações podemos observar como o ritual do debutar social se configurava enquanto um meio de iniciação para uma feminilidade adulta e aceita socialmente, a exemplo da nota de 28 de setembro de 1967, que informava acerca da apresentação das jovens, da presença de personalidades de destaque e da expectativa para a grandiosa noite:

A pedida do ano vinte, indiscutivelmente, é o BAILE DAS DEBUTANTES. O acontecimento marcado para o dia 30 decorrente, nos salões do Maringá Clube, estará reunindo as mais destacadas personalidades da nossa sociedade e no mesmo tempo apresentará as debutantes do ano 67. O baile das debutantes é o assunto do momento nas rodas elegantes da cidade.

Tudo já está em “ponto de bala” para a momentosa noite de sábado agora [...] já está na fase final da parte de decoração do ambiente festivo que o MC viverá dia 30. A orquestra [...] é aguardada para a noite de amanhã. As “debs” já tomam os últimos cuidados com os seus “dress” de debut. Tudo, enfim, é expectativa [...] A pedida “black-tie” do MC, para sábado vem precedida dos melhores comentários. Todos os elementos que gravitam em torno da alta esfera de nossa sociedade estão com os preparativos em dia para a grande noite.¹¹⁹

Observamos que o autor elege, destaca e atribui relevância social ao baile das debutantes do MC como o evento do ano vinte, isso por meio de mecanismos como elogios, pela publicação do nome da festa em letras maiúsculas se sobressaindo do restante das informações presentes na nota.

¹¹⁸ Folha do Norte do Paraná, n. 1382, 2/9/1967, p. 4.

¹¹⁹ Folha do Norte do Paraná, n. 1408, 28/9/1967, p. 4.

Ademais, os estrangeirismos e as gírias como *dress* e a *ponto de bala*, respectivamente, apontam para outra marca da coluna e do colunismo social, enfatizando a sofisticação do baile expressa nos adjetivos empregados para descrever aqueles que compareceriam, ou seja, a “alta esfera de nossa sociedade” ou as “rodas mais elegantes da cidade”. A partir dessas estratégias de funcionamento, as notas sociais desenvolviam e apresentavam os gostos, os costumes e o estilo das elites regionais, identificando-as e constituindo-as de acordo com esses elementos¹²⁰.

A apresentação de elementos que marcavam uma imagem construída para um grupo social reforçava a distinção e a diferenciação desses sujeitos por meio de suas vestimentas e das formas de socialização. Ao se referir a uma feminilidade enfatizada, ou seja, como indica Connel e Messerschmidt¹²¹, um conjunto de normativas e modelos construídos e dispostos cultural e historicamente acerca do comportamento feminino, a coluna social colaborava na constituição dessa personalidade feminina “ideal”.

Ao dar visibilidade a alguns atributos, o Jornal não somente classificava os sujeitos, como criava essa feminilidade “ideal” e as enfatizadas em diversas de suas notas sociais. Nessas notas sobressaia, também, a construção de um ambiente de expectativa, de mistério e de curiosidade em relação à realização do baile. Além de apontar para a elegância das personalidades que participariam do evento, a coluna social, novamente, nos indica aspectos de distinção desses sujeitos, como o uso de *black-tie* e de penteados, que caracterizariam as senhoritas pertencentes à melhor sociedade de Maringá. De acordo com Bourdieu, os elementos como educação, consumo, gosto, socialização e vestimentas se configuravam em características que distinguiam e hierarquizavam os grupos sociais.

Notamos que os bailes de debutantes, por meio de sua recorrência e pelo trabalho de divulgação do Jornal, passaram a ocupar um papel central na agenda dos eventos sociais, como nos indica a nota veiculada em 6 de julho de 1973, na qual o colunista faz um panorama geral dos bailes que ocorreriam nos próximos meses. No trecho transcrito a seguir observamos como essas festas eram colocadas como o alvo da atenção da sociedade e como sua ocorrência era tradicional nos clubes, uma vez que,

Após as festas juninas, as atenções de nossa sociedade voltam-se para os BAILES DAS DEBUTANTES, acontecimentos tradicionais em nossos clubes. [...] Bem, agora o panorama sobre os Bailes Brancos já está delineado. Só nos resta aguardar

¹²⁰ GONÇALVES, José Henrique Rollo. Op. cit., p. 36.

¹²¹ CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Op. cit., p. 265.

os detalhes e os preparativos mais próximos. Mas, as bonecas e deslumbradas já podem ir preparando os longos, porque todos serão exclusivamente a rigor.¹²²

Ao apontar para a beleza e o fascínio que faziam parte dos eventos de debutantes, essa nota social descrevia as jovens como “bonecas e deslumbradas”, o que nos permite inferir acerca da imagem construída sobre essas moças. A figura da boneca nos remete a um ser perfeito, inanimado e sem vontade própria. O adjetivo deslumbrado, por sua vez, nos indica um indivíduo que se deixa ingenuamente fascinar por algo. Ambas as características criavam uma *performance* social feminina associada a ingenuidade, a perfeição e a necessidade de cuidado para com essas meninas, que estariam se iniciando em uma feminilidade adulta e “ideal”.

Além disso, a publicação de notas apresentando as debutantes, suas qualidades, suas idades, o local em que estudavam e a família à qual pertenciam, eram mecanismos que colaboravam no processo de identificação e de reconhecimentos das novas personalidades iniciadas no modelo de feminilidade associado à “alta e boa sociedade”. Assim, notamos como que, mesmo ao nomear essas moças, a coluna social destacava características que lhes eram comuns, como sua beleza e simpatia, homogeneizando e padronizando essas jovens em uma *performance* feminina, que se buscava hegemônica.

A participação social iniciada pelo baile de debutantes garantia o comprimento de expectativas em relação ao futuro dessas meninas, seu pertencimento ao grupo, a criação de vínculos sociais que permitiriam o fortalecimento de amizades e, principalmente, a criação de laços matrimoniais. Como argumenta Marlene Fáveri¹²³, em sua pesquisa sobre o clube O Bloco dos XX, sediado na cidade de Itajaí entre os anos 1929 e 1960, as festas e bailes em associações sociais eram um meio de aburguesamento, de construção de uma distinção social entre seus membros e, principalmente, uma vitrine para a apresentação das moças casadouras.

A compreensão dos eventos sociais como vitrines para a formação de alianças matrimoniais estimulava uma série de outras celebrações que antecederiam os bailes de debutantes, como a realização de coquetéis e a participação das jovens em programas de rádio e TV. Isso o demonstra a publicação de 4 de setembro de 1966, que relatava a participação das jovens em um programa da TV Coroados, de Londrina, dizendo que,

Sabemos que várias das debutantes 66 estão se preparando para a apresentação conjunta que deverá dar-se no próximo dia 20, na TV-Coroados de Londrina. As que sabem piano, já estão escolhendo as suas páginas musicais. As que sabem violão, também. Uma delas está ensaiando uma poesia, que é o máximo.

¹²² Folha do Norte do Paraná, n. 3019, 6/7/1973, p. 4.

¹²³ FÁVERI, Marlene. Op. cit., p. 68.

Segundo me consta, uma das debutantes que está dançando “ballet” muito bem, parece-nos que irá dar sua presença viva no vídeo da Coroados. No entanto, o “sim” de sua participação artística parece que vai ser “cortado” pelo seu namorado.¹²⁴

A participação de uma das jovens seria “cortada” pela aprovação de seu namorado, reiterando a autoridade masculina sobre a mulher, principalmente no que se referia à sua exposição e participação no espaço público, cuja última palavra, aparentemente, deveria ser sempre de seu pai, marido, irmão ou namorado. Assim, portanto, a feminilidade enfatizada na coluna social, em um primeiro momento, parece que se associa ao ideal feminino construído desde a época moderna, quando a produção de conhecimento sobre as mulheres tinha como ponto de partida o homem enquanto sujeito absoluto e natural, sendo a figura feminina o outro, incompleto, frágil e emocional¹²⁵. Além disso, devemos nos atentar para o tom utilizado pelo autor na composição de seu texto, especialmente ao brincar com a autoridade do namorado, normatizando a atitude do jovem e indicando a segurança e naturalidade dessa ação.

Ainda, quanto às atividades cumpridas pelas debutantes antes de sua apresentação oficial, constava a promoção “O COQ DAS DEBS”¹²⁶, divulgada na edição de 3 de setembro de 1970. Como podemos observar no título da nota, a opção por uma diagramação em letras maiúsculas enfatizava a importância e despertava a atenção para esse evento, descrito como

Magnífico, é o termo exato que se pode dar ao coquetel que a diretoria do Maringá Clube ofereceu às debutantes 1970, aos seus pais, convidados especiais e a imprensa especializada de nossa sociedade. Todas as debs, cada qual mais bonita do que a outra, estiveram presentes com a jovialidade que lhe são característica.

(...) Quanto ao baile de sábado, desnecessário dizer que vai ser sucesso, haja visto que todas as mesas já estão adquiridas. O clube, a partir de amanhã, estará fechado (o salão social) para a decoração, sendo somente aberto para as 22 horas, quando os longos e black-ties de nossa sociedade tem ENCONTRO MARCADO.¹²⁷

A realização desses bailes de debutantes não se encerrava em si mesma, respondendo a uma conjuntura relacional, buscando se constituir enquanto uma prática cultural. Isto é, a festa do debutar social era um ritual de passagem, de repetição, de manutenção de comportamentos e de transmissão de maneiras de agir e valores especialmente relacionados ao estabelecimento de uma

¹²⁴ Folha do Norte do Paraná, n. 1095, 4/9/1966, p. 4.

¹²⁵ ALMEIDA, Ângela Maria Menezes. Feminilidade – caminho de subjetivação. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 38, p. 29-44, 2012.

¹²⁶ O termo “Coq das debs” consistia em uma abreviação de “Coquetel das Debutantes”, um evento que antecedia o baile, consistindo em uma reunião e confraternização das jovens.

¹²⁷ Folha do Norte do Paraná, n. 2177, 3/9/1970, p. 4.

feminilidade aceita e “ideal”, na qual essas jovens eram introduzidas. Assim, de acordo com as colocações de Butler,

[...] a realidade do gênero ser criada mediante *performances* sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade e feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte de estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória.¹²⁸

Desse modo, as características apresentadas em relação às jovens debutantes, como sua beleza, elegância e jovialidade, nos dizem muito pouco sobre quem de fato eram essas jovens debutantes e sobre as suas subjetividades. As notas da coluna social acabavam por silenciar outros aspectos das vidas dessas moças, restringindo suas existências a uma feminilidade que se buscava dominante, associada à aparência e à juventude.

Dando continuidade ao ciclo da vida social das mulheres divulgado por Frank Silva em sua coluna, após a apresentação oficial das jovens, as atenções se deslocavam para a sua vida amorosa, ou seja, seus namoros, noivados e casamentos. Assim como o *debut* social era acompanhado em todos os seus detalhes, as cerimônias matrimoniais sempre ganhavam menções e destaques. Além disso, os rumores sobre os namoricos eram comentados e vigiados de perto por toda a sociedade, por meio das páginas da Folha do Norte do Paraná, que registravam toda a movimentação da ala social das jovens.

Dessa maneira foram publicadas as notas de 1º de julho de 1966 e de 13 de fevereiro de 1968, que diziam, respectivamente: “Eis os namoricos mais comentados da presente temporada”¹²⁹, isso seguido por uma lista de nomes de casais de namorados, e a segunda, que informava acerca de um ex-morador da cidade que estava de visita, revendo amigos e sua “namorada firme”¹³⁰. Todo esse interesse demonstrando ao comentar os relacionamentos amorosos nos indica que, além de divulgar um estilo de vida, a coluna social também vigiava as suas relações amorosas. Ou seja, essas notas tornavam públicos e ligavam os nomes de moças e de rapazes, permitindo saber o início e o fim dos namoros, acompanhar os novos casais da sociedade e quais famílias se uniriam a partir desses namoros.

Em nossa análise, compreendemos esses registros dos relacionamentos pela coluna social tendo em vista as considerações de Gilles Deleuze¹³¹, em especial quando define que, nas

¹²⁸ BUTLER, Judith. Op. cit., p. 244.

¹²⁹ Folha do Norte do Paraná, n. 1048, 1º/7/1966, p. 4.

¹³⁰ Folha do Norte do Paraná, n. 1513, 13/2/1968, p. 4.

¹³¹ DELEUZE, Gilles. Op. cit., p. 222.

sociedades de controle, os indivíduos eram registrados e a sua vigilância se desenvolvia pela separação, individualização, pelo acúmulo de informações sobre os sujeitos, sendo esse controlar contínuo e ininterrupto, sem se restringir a uma instituição. Nesse sentido, inferimos que as notas sociais acerca dos namoros, dos noivados e mesmo dos casamentos possuíam uma função maior que informar a sociedade maringense e divulgar um estilo de vida. Esses conteúdos eram também um mecanismo e uma estratégia segundo a qual a população, principalmente os senhores e senhoras da “alta e boa sociedade”, conseguiam vigiar e controlar os casais que se formavam e as uniões entre as famílias.

Além disso, ao se referir aos “namoricos”, a coluna social reforçava os papéis masculinos e femininos em relação à condução dos namoros. Com vista no caráter relacional das formulações de gênero, e segundo o conteúdo veiculado na coluna, às moças caberiam a passividade, o recato e o silêncio sobre seus relacionamentos, visto que havia sempre o medo de ficar “falada”, enquanto aos rapazes, seus namoros eram provas e sinais de virilidade. Sendo assim, aos rapazes cabia a iniciativa e eram eles os responsáveis por iniciar e terminar o namoro, ao menos aparentemente, como podemos observar em algumas notas, como os trechos de 6 de janeiro de 1970, em que eram retratados dois jovens, o primeiro “andou circulando com uma “máquina loira”¹³², e outro rapaz teria dado “um ‘the end’ em seu ‘love’” e se mandou para as praias do litoral paranaense”¹³³.

Ainda sobre as mulheres, as publicações de notas que davam visibilidade aos seus relacionamentos pareciam também garantir a manutenção de alguns preceitos em relação às suas feminilidades. Assim como aponta Cunha¹³⁴, ao abordar modelos de comportamentos femininos e masculinos nos anos 1960, mesmo que alguns progressos tivessem sido alcançados em relação à igualdade entre homens e mulheres, aspectos como a virgindade, a moral sexual e a autoridade masculina continuavam normativas de gênero cuja transgressão, principalmente pelas figuras femininas, desses “[...] estreitos limites que lhes eram destinados, o mais comum a acontecer era a possibilidade quase certa do convívio com o rótulo de menina ‘mal falada’ ou da ‘puta’”¹³⁵, uma desonra a suas famílias, que as excluíam e dificultariam suas possibilidades de ascensão social.

Ademais, essas publicações sobre os “namoros firmes” e as paqueras, como o próprio colunista explica, consistiam em uma tentativa de se aproximar do setor jovem da sociedade, contando com a “[...] colaboração de várias meninhas que estão dando ‘uma mão’ pra gente,

¹³² Folha do Norte do Paraná, n. 2077, 6/1/1970, p. 4.

¹³³ *Idem*.

¹³⁴ CUNHA, Maria de Fátima da. Homens e mulheres nos anos 1960/70: um modelo definido? **Revista História: Questões e Debates**, Curitiba, n. 34, 2001, p. 201-222.

¹³⁵ *Ibidem*, p. 221.

dando um nova dimensão dentro da coluna, atendendo a faixa jovem da cidade que já estava reclamando o porque a gente fala na maioria só dos ‘coroas’. Estamos aí... ok?”¹³⁶. Essa busca por produzir um conteúdo jovem se configura como uma estratégia da coluna social para atingir o maior número de leitores possível, oferecendo uma diversidade de abordagens. Como podemos perceber no restante do texto, a linguagem se modificava para atender a seus novos leitores:

Nosso “staff” dentro do poder jovem fofoca o seguinte: Cidinha e Hipolito vão de aliança na esquerda até o final de 1971... O Nelito Ribeiro pelo que parece foi “fisgado” mesmo! A Virginia foi para Cambara e ele não perdeu tempo e se mandou... A Família Ribeiro está toda amando. O Osnir foi quem deu a maior enganada na turma. Apareceu diversas vezes nos clubes cinemas, boitinha do CCM, bailes com aquela “peça” linda de morrer, aparentando estar gamadérmo e, agora já mudou pra Lídia... O Acácio, que está com a “vida falada”, segundo comentário das meninas, “é um pão”, já se encontra na cidade. E, encerrando, dois “boys” [...] que estudam em São Paulo, na “Mackenzie” e estão dando a maior sopa da paróquia, solteiríssimos... solteiríssimos.¹³⁷

No trecho acima, ao nomear esses indivíduos, o Jornal rompia com um padrão de escrita que buscava criar modelos de masculinidade e de feminilidade “ideais”, agora diferenciando os sujeitos a partir de seus nomes e seus relacionamentos. Isso nos mostra como a coluna social, mesmo querendo criar a ideia de padronização dos sujeitos e dos comportamentos, comportava, em suas publicações a existências de subjetividades, atos e ações diferenciadas. Assim, portanto, ao contrário das debutantes, que eram apresentadas de maneira padronizada e impessoal, esses outros sujeitos eram mostrados de forma heterogênea e individual.

Essa nota ainda reafirma as normatizações em relação aos papéis e locais destinados a homens e mulheres no estabelecimento de seus relacionamentos afetivos, em que os primeiros tem o poder de escolha, sendo objetos de conquista pelas figuras feminina. O acompanhamento e o registro pela coluna social desses “namoricos”, além de buscar atrair leitores, também garantia a manutenção de aspectos relacionados as posições de ambos os gêneros em suas relações afetivas e ao valor da honra, principalmente entre as famílias da “alta e boa sociedade”. De acordo, como Joana Maria Pedro¹³⁸, ao se referir à sociedade de Florianópolis no início do século XX, a burocratização do Estado, o avanço do capitalismo e da urbanização contribuía para a politização da vida privada. A partir dessas contribuições, acreditamos que, nas disputas pelo o poder em Maringá, a honra familiar, em especial, a das mulheres e as alianças matrimoniais também eram algumas das peças que permitiam a movimentação e a ascensão de certos grupos na hierarquia

¹³⁶ Folha do Norte do Paraná, n. 2277, 1º/1/1971, p. 4.

¹³⁷ Idem.

¹³⁸ PEDRO, Joana Maria. Op. cit., p. 4.

social, o que justificava uma preocupação em relação à fixação e à manutenção de uma feminilidade “ideal”.

Dessa maneira, eram concentradas grandes atenções e cuidados acerca da moral e da honra familiar e feminina. Acreditamos que a visibilidade dada aos seus relacionamentos, os destaques e os elogios dispensados a algumas senhoras que melhor representavam os valores locais, se constituíam enquanto mecanismo e estratégias que possibilitavam a esses grupos se manterem nos meios de poder político e social, como representantes do desenvolvimento de um projeto de nação e de cultura modernos.

Seguindo o desenvolver do ciclo da vida social das mulheres vinculado pelas notas sociais, após apresentação dos namoros, os comentários dirigiam-se aos noivados, como no trecho apresentado a seguir publicado em 19 de julho de 1968, em que podemos observar como o homem é apresentado enquanto advogado de uma empresa e a mulher como uma encantadora filha de um industrial, enfatizando o protagonismo, a guarda masculina em relação às mulheres e reforçando o ideal patriarcal do homem provedor:

O conhecido advogado Waldemar Alegretti, diretor financeiro da CODEMAR, ficou noivo, sábado último, com a encantadora Stra Marília Fujiwara, filha do industrial Jitsuji Fujiwara. O enlace, segundo palavras de Waldemar, será – provavelmente – no primeiro trimestre de 1969.

A reunião de “estréia de bambolês” por parte de Waldemar e Marília, sábado, foi a mais informal possível. Somente os parentes de ambas as famílias se faziam presentes. Waldemar já está se preparando para deixar a “vidinha” de solteiro.¹³⁹

Notamos como, ao final da nota, o autor utiliza a expressão “vidinha de solteiro”, indicando como o homem, ao casar, abandonaria as suas liberdades de solteiro, assumindo responsabilidades em relação ao seu lar, à sua esposa e à família. Em contrapartida, percebemos como que o ciclo de vida social proposto às mulheres não incluía uma “vidinha de solteira”. Além disso, ao dar atenção às profissões desses homens, as notas sociais sugerem a manutenção de um modelo de organização tradicional das relações de gênero, modelo no qual os homens são responsáveis por prover o lar e às mulheres cabem o cuidado, o zelo e a educação das/os filhas/os. Neste contexto, as apresentações de suas ocupações tinham a função de indicar as capacidades provedoras desses senhores, sendo parte de seu *status* social.

O reforço dado nas notas sociais a aspectos como a beleza feminina e o papel masculino de provedor nos indicam a manutenção de um discurso historicamente forjado acerca dos papéis e dos espaços ocupados por esses sujeitos na sociedade. De acordo com os argumentos de Joana Maria

¹³⁹ Folha do norte do Paraná, n. 1644, 19/7/1968, p. 4.

Pedro¹⁴⁰ sobre a separação das esferas pública e privada, em especial a partir do século XIX no Brasil, caberia às mulheres, principalmente às das classes médias em ascensão, o domínio do espaço privado, do íntimo familiar, do universo de domesticidades, que incluíam virtudes como piedade, pureza e submissão. Nesse sentido, por mais que a segunda metade do século XX seja marcada por revoluções nas organizações e nas atribuições dos gêneros, contestadas pelos movimentos feministas, essas imposições encontravam e, ainda encontram, repercussão em alguns setores sociais e discursos tradicionais.

Em seguida, após os comentários sobre os namoros e noivados, outro ponto do ciclo social da vida das mulheres que representava uma feminilidade “ideal” na coluna social eram os relatos acerca de seus casamentos. Nessas notas eram destacados os detalhes dos cerimoniais matrimoniais, como os nomes dos noivos, de suas famílias, detalhes das cerimônias, das festas e das luas de mel, como nos comentários de 30 de abril de 1967, que diziam:

A alta sociedade maringaense prepara-se para assistir a um dos mais elegantes acontecimentos sócio religiosos da presente temporada social. Trata-se do enlace matrimonial do causídico Constâncio Pereira Dias, filho da viúva Augusta Ferreira Pereira Dias com a jovem senhorita Mara Vilela de Andrade, que se realizará amanhã, as dezessete e trinta horas na Catedral Nossa Senhora da Glória. [...] Após a solenidade religiosa os nubentes estarão recepcionando os convidados na Sociedade Hípica, ocasião em que será efetuada a solenidade civil e oferecido aos convivas um coquetel informal.¹⁴¹

As informações fornecidas na nota acima, como a apresentação do noivo como advogado, o destaque à elegância, a reunião da alta sociedade para o casamento, que seria o evento da temporada social, contribui para compreendermos a relevância desse ritual na dinâmica da comunidade local, visto que as alianças matrimoniais possuíam um valor social importante à manutenção da posição e ascensão desses sujeitos na sociedade. Além disso, nos jogos de poderes locais, a mobilização política, econômica e de *status quo* concentrada pelas elites requeriam a criação de marcas e de rituais de distinção social. Dessa maneira, os grandes cerimoniais de casamentos eram também celebrações de um modo de vida de todo um grupo que ali se reunia.

A partir dessa perspectiva, ao retratar as celebrações matrimoniais, a coluna social por meio de diversos adjetivos, construía uma aura espetacular e grandiosa:

Hoje, o aguardado enlace matrimonial da Stra. Marília Fujiwara com o advogado Waldemar Alegretti. A benção nupcial vai ser registrada às dezoito e trinta horas,

¹⁴⁰ PEDRO, Joana Maria. As mulheres e a separação das esferas. **Diálogos**, Maringá, v. 4, n. 4, p. 33-39, 2000.

¹⁴¹ Folha do Norte do Paraná, n. 1279, 30/4/1967, p. 4.

na Catedral Nossa Senhora da Glória. Os nubentes partirão em lua de mel para um local que será escolhido quando já estiverem em viagem.

Contaram-me que o vestido de noiva, confeccionado por Madame Inez Zacarias, está uma beleza. Vai ser um dos trajes mais bonitos da temporada. Estamos informados ainda, de que os nubentes vão receber os convidados mais íntimos, para dosadas de scotch, na nova residência dos Fujiwara.¹⁴²

A apresentação das informações acima sobre a beleza do vestido da noiva, a recepção dos convidados dosada a whisky, contribuía para criar, nesses eventos sociais, um ambiente luxuoso, harmonioso, de felicidade e encantamento, constituindo marcas que distinguiam, valorizavam e agregavam *status* aos grupos reunidos nessas celebrações. Ademais, esses elementos constituíam todo um ritual civil e religioso que celebrava a união e a formação de famílias em um formato tradicional, que seriam a célula de uma organização social heteronormativa e patriarcal.

O destaque dado pela Folha do Norte do Paraná a comentar as cerimônias de casamento se relaciona à produção de *performances*, como sugere Butler¹⁴³, caracterizada pela manifestação do gênero enquanto um aparato produtor de normatizações e regulações que não apenas proíbe, mas também cria “[...] parâmetros de pessoas, isto é, a construção de pessoas de acordo com normas abstratas que ao mesmo tempo condicionam e excedem as vidas que fabricam – e quebram”¹⁴⁴. Essas regulações de gênero produzem e naturalizam o masculino e o feminino. Nesse sentido, o conteúdo presente na coluna social expressava tais orientações tanto a apresentar as jovens debutantes e iniciá-las em um modelo de feminilidade “ideal”, como dar visibilidades aos namoros e aos casamentos dessas mulheres.

Para além dos comentários sobre as celebrações matrimoniais, a coluna social também difundia informações e textos que discutiam a instituição matrimonial e a necessidade de preparação para essa etapa da vida, associando matrimônio, religião e moral como um tripé de base sobre o qual se daria o desenvolvimento da sociedade local e o sucesso familiar. É isso que se percebe na nota publicada em 22 de janeiro de 1971, que comentava:

Nesta hora louvamos a Igreja, que tornou obrigatório o Curso para Noivos, para poder ser celebrado o casamento. Uma medida muito acertada, esclarecer os jovens sobre as verdades de um casamento.

E por falar em cursos para noivos no domingo passado, Dom Jaime Luis Coelho, fazendo o sermão na Missa das 8:00 h, fez os fiéis rirem a valer. Contou que, quando indagou de um certo noivo, se estava preparado (psicologicamente) para o casamento, o mesmo respondeu: “Estou sim, já comprei até um caminhão novo”. E

¹⁴² Folha do Norte do Paraná, n. 1814, 12/2/1969, p. 4.

¹⁴³ BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 42, p. 249-274, 2014.

¹⁴⁴ *Idem*, p. 272.

a mesma pergunta, feita à noiva, como resposta: “Claro, o meu enxoval está prontinho”.

Se todo o mundo vai com esta preparação para um casamento, não é de se admirar que tantas uniões, sejam desfeitas. Vale à pena, inclusive aos que já são casados assistirem à (sic) um esclarecimento do Curso para Noivos...¹⁴⁵

Ao publicar a história contada pelo bispo, a coluna social nos indica as percepções que os noivos tinham do casamento. Por meio de tal referência à compreensão dos sujeitos acerca do matrimônio, entendemos a ênfase e adesão a um modelo de masculinidade e de feminilidade que associava a figura feminina a mulheres do lar e do cuidado e a masculina ao trabalho provedor afastado do ambiente doméstico.

A partir desse trecho também notamos que a obrigatoriedade do curso para noivos decretada pela Igreja era comemorada pela Coluna como uma forma de preparar os jovens para as verdades do matrimônio. Esse foco na manutenção e preparação para o casamento pode estar relacionado com alguns aspectos como a popularização das ideais de amor livre, da contracultura e mesmo das discussões sobre a possibilidade da proposição da lei do divórcio, que eram elementos em pauta, especialmente entre os anos 1960 e 1970.

Além dos exemplos já mencionados, podemos citar outras notas que versam a respeito do casamento, como a publicada na edição da coluna de 9 de junho de 1968, na qual é comentada a fala de um padre sobre a defesa do matrimônio e sobre o planejamento familiar:

“Sem dúvida”, acentuou o sacerdote, “a liberação em termos de planificação familiar contribui para uma melhor harmonia do casal. Acredito firmemente que a Igreja tomará uma decisão no sentido de apoiar certos métodos contraceptivos, quando os estudos nesta questão estiverem concluídos”.¹⁴⁶

Observamos como a fala do padre, apresentado na nota como renovador, toca em um dos pontos que marcaria a história das mulheres, separando o sexo da procriação, permitindo o planejamento familiar e contribuindo no processo de liberação feminina¹⁴⁷. A opinião de um membro da Igreja, enquanto uma voz autorizada, mas dissidente, nos permite inferir como a contracepção influenciaria na constituição dos modelos de feminilidades futuros.

Como vimos, o ciclo da vida social das mulheres ligadas à “alta e boa sociedade” compreendia a sua iniciação e a apresentação à sociedade e os comentários acerca de seus namoros e casamento. Após o matrimônio, ao chegarem à idade adulta, as então senhoras da sociedade eram

¹⁴⁵ Folha do Norte do Paraná, n. 2294, 22/1/1971, p. 4.

¹⁴⁶ Folha do Norte do Paraná, n. 1149, 10/11/1966, p. 4.

¹⁴⁷ PEDRO, Joana Maria. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, São Paulo, 2003.

elogiadas por suas obras de assistência. Reunidas em clubes como Domadoras do Lions Clube, Senhoras Rotarianas ou Clube da Amizade, elas organizavam ações e eventos cujos objetivos eram, para além do auxílio à populações carente, o seu engrandecimento, o seu encontro, a troca de conselhos, experiências e dicas.

Um exemplo desses eventos é o bazar das domadoras, divulgado pela coluna social em 5 de maio de 1965, organizado pelas “[...] gentis senhoras esposas dos associados do LIONS CLUBES DE MARINGÁ, oferecendo ao setor feminino de nossa sociedade, artigos por elas confeccionados bonitos e a preços convidativos”¹⁴⁸. Assim, mais adiante, em outro trecho da nota, o colunista se dirige novamente às mulheres ao dizer:

Já não é a primeira vez que DOMADORAS levam a realizar com invulgar êxito, o seu BAZAR BENEFICIENTE que sempre conseguiu angariar fundos para as obras assistenciais leonísticas. Evidentemente, as DOMADORAS contam com a sempre precisa colaboração das senhoras de nossa sociedade, no que tange à aquisição dos trabalhos expostos a venda. Portanto, diretamente dirigido só mundo feminino maringaense, o convite para comparecerem e prestigiarem, mais uma vez esta promoção do LIONS CLUBE DE MARINGÁ.¹⁴⁹

Observamos como esses textos contribuem na constituição de uma associação entre as obras de assistência, os clubes e as mulheres, principalmente ao repetir e destacar com letras maiúsculas o nome do clube e das domadoras. Para além disso, era informado que as senhoras da sociedade sempre colaboravam com essas obras, sendo esse cuidado feminino para com o bem-estar social visto como uma extensão de suas funções maternas para toda a sociedade, como parte de um modelo de feminilidade “ideal”, que conjugava virtudes como abnegação e piedade.

Entretanto, como indica Ana Paula Vosne Martins¹⁵⁰, no longo processo de feminilização da bondade, a filantropia contribuiu para que as mulheres assumissem um papel civilizador, intervindo na esfera pública por meio da assistência social. Esse novo lugar feminino ofereceu uma valorização da ação feminina, oportunizando novos contatos com o movimentos internacionais e organização, sendo um espaço de socialização, liderança, visibilidade e distinção social. Assim, portanto, compreendemos que o engajamento das senhoras da sociedade maringaenses também se constituiu enquanto um meio de projeção social e da formação de alianças e sociabilidades segundo as quais essas mulheres poderiam participar ativamente das decisões públicas predominantemente atribuídas aos homens.

¹⁴⁸ Folha do Norte do Paraná, n. 885, 5/5/1965, p. 4.

¹⁴⁹ Folha do Norte do Paraná, n. 885, 5/5/1965, p. 4.

¹⁵⁰ MARTINS, Ana Paula Vosne. A feminilização da filantropia. *Revista Gênero*, v.15, p. 13-28, 2015.

Além disso, quanto à divisão das esferas pública e privadas, aqui nos aproximamos do conceito de lugar praticado proposto por Michel de Certeau, segundo o qual os espaços são constituídos pelas práticas e pelos discursos que ali se desenvolvem. Sendo assim, os conjuntos de narrativas fragmentados fundam, articulam, descrevem, fixam, delimitam os lugares. Por fim, “[...] os relatos são cotidianos, contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer. São feitura de espaços”¹⁵¹. Por meio dessas características e da relação discurso e lugares eram constituídas determinadas *performances* dos sujeitos em sua circulação pela cidade. Ponderamos, a partir desse conceito, como o periódico e os indivíduos influenciavam e eram influenciados pelos ambientes que frequentavam.

Nesse sentido, no contexto desta pesquisa, ou seja, nos anos 1960 e 70, além do espaço privado e das aventuras femininas no meio público, os clubes sociais se constituíam nos principais locais de encontros e de sociabilidade das senhoras da sociedade maringense. Era nesses salões sociais em que, ainda jovens, elas debutavam, festejavam seus casamentos e participavam de obras de caridade. Como argumenta Marlene Fáveri¹⁵², as associações sociais eram vitrines, locais para estabelecer laços de amizade e casamentos, em que se reunia um grupo de pessoas que compartilhavam os mesmos preceitos morais, onde se articulavam encontros e sociabilidades.

A reunião de mulheres em ambientes específicos, em geral envolvia as promoções e as ações de caridade, como exemplifica a existência do Clube da Amizade – CA, instituição exclusivamente feminina. Os encontros do CA eram, constantemente, informados na coluna social, convidando todas as suas associadas. Ademais, as suas assembleias eram nomeadas como “chá mensal”, realizado em instituições assistências ou nos salões de hotéis da cidade, em que as presenças femininas eram colocadas nas notas sociais como o “brilho da reunião”. Dessa maneira, além de notas e convites, essas senhoras tinham as fotos de seus encontros publicadas no Jornal, como no exemplo abaixo:

¹⁵¹ CERTEAU, Michel de. Op. cit., p. 189.

¹⁵² FÁVERI, Marlene. Op. cit., p. 96.



Imagem 03: Fotos das senhoras da sociedade reunidas no chá mensal do Clube da Amizade publicadas em 13 de janeiro de 1970.

As fotos ilustrativas anteriores nos mostram o chá mensal do CA. Como podemos notar, na primeira imagem estão em destaque as senhoras que pertencem à diretoria do clube; na segunda são mostradas as mulheres reunidas à mesa. Ainda, segundo a legenda, nessa reunião seriam traçadas as metas e as promoções realizadas pelo clube durante o ano. Dessa maneira, seguindo a argumentação de Tânia Andrade Lima¹⁵³ sobre as mulheres do século XIX, consideramos que essas cerimônias sociais acabavam se transformando em espécie de trampolim social para conquistas na arena pública, construindo um poderoso campo de ação, possibilidades e plataforma para novos papéis sociais que as mulheres poderiam assumir.

Em outras edições da coluna social, as senhoras da sociedade também eram apresentadas por meio de comentários e fotos, sendo consideradas figuras de destaque e relevância social na prestação da assistência caridosa à população, como podemos observar na imagem ilustrativa abaixo, que apresenta a Sra. Oricena.

¹⁵³ LIMA, Tânia Andrade. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 5, p. 97-127, 1997.



Imagens 04: Fotografia publicada em 1º de julho de 1968, apresentava a Sra Oricena como uma personalidade de destaque na sociedade maringaense.

A legenda veiculada abaixo da fotografia apresentava a Sra. Oricena e destacava sua dedicação para com a comunidade. Essa apresentação e projeção de perfis femininos permitia que mulheres como a Sra. Oricena ocupassem espaços públicos, se reunissem e se destacassem em outras atividades para além daquelas que envolviam seus lares, seus maridos e filhos, mesmo que muitos de seus trabalhos assistenciais ainda se constituíam como extensão de suas funções maternas.

Para além disso, com amparo nas proposições de Joana Maria Pedro¹⁵⁴, convém dizer que a divulgação e destaque dado às mulheres da sociedade nas notas sociais se constituía enquanto um importante mecanismo de hierarquização social. Sendo assim, a apresentação de suas atividades no espaço público contribuía para a manutenção de seu *status quo*, bem como para a sua ascensão social e de sua família.

Em outra matéria, veiculada em 20 de março de 1968, Frank Silva divulgou o lançamento da pedra fundamental de um novo pavilhão no Lar dos Velhinhos. Ali, além da presença de alguns senhores doadores, do bispo, o destaque é dado às Irmãs que administravam a instituição e às senhoras do Clube da Amizade e do Rotary Clube de Maringá. Além de enfatizar o envolvimento

¹⁵⁴ PEDRO, Joana Maria. 1994, p. 83.

das mulheres com as ações de caridade, a nota destacava a sua elegância, outro ponto constantemente destacado no discurso da coluna social em relação às figuras femininas, como observamos na seguinte passagem: “[...] a elegância, por parte das senhoras, predominava”¹⁵⁵. Tal associação nos indica como essa característica seria mais uma marca da feminilidade “ideal”, incorporando aspectos como boa educação, beleza, amabilidade e gentileza.

Compreendemos, assim, como a participação feminina na esfera pública comportava diferentes significados, uma vez que reforçava algumas normativas em relação à moral feminina, ao mesmo tempo em que permitia às mulheres novas experiências com as quais não tinham familiaridade, como “[...] criar uma associação, organizar atividades, angariar recursos, mobilizar novas associadas, enfim, as muitas atividades que envolviam esse tipo de trabalho voluntário estão na origem de uma nova experiência nesse espaço intermediário entre o público e o privado”¹⁵⁶.

Encontramos, ainda, outras matérias que veiculavam a presença dessas senhoras da sociedade nos eventos, destacando sua elegância e simpatia. Além de marcar o refinamento dos sujeitos presentes nos bailes, essas notas sociais também apresentavam os salões de festas elogiados pela sua formalidade, sendo esses elementos que, associados, acabavam por distinguir e construir um ambiente solene e de bom gosto, como podemos notar no trecho de 16 de maio de 1965:

Ainda hoje se comenta o super refinado baile “black tie” realizado na dependência do Maringá Clube no último dia durante a tomada de posse da nova diretoria daquela elegante entidade clubística. A Stra. Roselete de Freitas, simpática como sempre, novamente em temporada maringaense, era uma das presenças jovens que se destacava na pedida em pauta.¹⁵⁷

Em notas como essa, toda essa ênfase dada às personalidades importantes e relevantes presentes em atividades como bailes, ações assistenciais e organização de clubes sociais se configurava em um dos mecanismos da coluna de Frank Silva, que contribuía para a organização e a hierarquização dos seus indivíduos. Assim, como argumenta Joana Maria Pedro, as notas da imprensa ganharam espaço nos jogos de poder e honra da sociedade, ao ponto de não bastar mais a mulher ser uma boa mãe e esposa – elas tinham de estar presentes também nos jornais. Isto é, a divulgação de seus nomes e fotografias na coluna social contribuía para a dinâmica social local, inserindo novas personagens nas “altas rodas sociais”¹⁵⁸.

Essa participação das mulheres no espaço público representada no Jornal como na nota anterior nos indica duas características, a primeira em relação a sua apresentação sempre

¹⁵⁵ Folha do Norte do Paraná, n. 1543, 20/3/1968, p. 4.

¹⁵⁶ MARTINS, Ana Paula Vosne. Op. cit. p. 26.

¹⁵⁷ Folha do Norte do Paraná, n. 721, 16/5/1965, p. 4.

¹⁵⁸ PEDRO, Joana Maria. Op. cit., p. 84.

acompanhada de adjetivos e elogios que se dirigiam apenas as figuras femininas, como simpatia, beleza e elegância, que ao não serem associado também aos homens contribuíam para a constituição de uma feminilidade “ideal”. O segundo ponto, seria como essa presença pública da mulher não era creditada a todas, mas sim a um tipo feminino que se alinhava esse modelo de feminilidade. De acordo com Ana Paula Vosne Martins¹⁵⁹, a educação, a disciplina e o trabalho com obras de assistência e caridade eram condições que proporcionavam a participação feminina nos meios públicos.

A partir dessas funções da coluna social em relação à localização e à orientação dos sujeitos eram descritos os vestidos e o envolvimento femininos nas festas sociais. Esse tipo de conteúdo dispensava atenção às cores, às joias e às peles de animais usadas as descrevendo e associando aos ornamentos dos salões sociais. As vestimentas das mulheres, portanto, a partir desses aspectos agregavam valores que as identificavam e as distinguiam das demais personalidades que circulavam no espaço urbano, ao mesmo tempo em que as caracterizava como objetos de admiração e apreciação pela sua beleza como peças que complementavam os ambientes da “alta e boa sociedade”. Assim, no trecho publicado em 20 de junho de 1967, eram comentados e elogiados tanto a beleza da decoração da reunião festiva, como das vestimentas das mulheres:

No acontecimento, predominava a elegância das Damas Rotárias que se apresentaram com elegantes toaletes, dando aquele colorido tão necessário as pedidas sociais. A elas, Damas Rotárias, cabem os elogios pela fina ornamentação que se notava no ambiente festivo daquela inesquecível reunião. O ápice da reunião, foi sem dúvida, quando apagaram o bolo de aniversário de fundação.

Uma coincidência que notamos: As senhoras, E. de C. (Primeira Dama do Município) e a Sra. A. S. (Presidente da Comissão das Damas Rotarianas) trajavam-se na mesma cor: amarelo e sentaram-se lado a lado. Atentem ao detalhe: Dna. E. tinha a gola de seu vestido em pele de castor. Dna. A. ostentava colar de pérolas de quatro voltas.¹⁶⁰

Por meio dessas apresentações das senhoras da sociedade, da vinculação do nome de seus maridos, o que, novamente, as associa a uma figura masculina, da descrição de suas atividades sociais e da publicação de suas fotografias, destacando suas roupas, seus cabelos arrumados sempre de maneira seguindo um padrão, como podemos observar na imagem a seguir, esses eram aspectos que contribuíam para a atribuição de um elo e uma identidade comum a essas mulheres. Como pontua Ana Cristina Silva, sobre as pesquisas em periódicos, compreendemos que trabalhar com a imprensa diária, muitas vezes, é lidar com repetições que possuem um caráter imediato, de fácil

¹⁵⁹ MARTINS, Ana Paula Vosne. Op. cit. p. 26.

¹⁶⁰ Folha do Norte do Paraná, n. 1319, 20/06/1967, p. 4.

assimilação e objetivo, que possuem um papel pedagógico e divulgador de padrões¹⁶¹. Sendo assim, ao introduzir essas senhoras em suas colunas, o Jornal as colocavam enquanto exemplos a serem seguidos, enquanto modelos que mais se aproximavam de uma feminilidade “ideal”, enquanto um conteúdo de rápido e de fácil compreensão pelas/os leitoras/es.



Imagens 05 e 06: Fotos de apresentação das senhoras que se destacavam no cenário social da cidade publicadas, respectivamente, em 1º e 11 de julho de 1969.

Além disso, em relação à divulgação de um estilo de vida associado à “alta e boa sociedade”, a coluna social organizava anualmente a Noite dos Destacados, que reunia as personalidades mais relevantes da sociedade, em especial as mulheres. Esse evento possuía uma grande divulgação no Jornal e na cidade, sendo apresentada a lista das personalidades, em seguida divulgados os detalhes da festa, que seria gravada e projetada nos cinemas locais. Essa reunião comemorativa das figuras mais destacadas da sociedade era veiculada pela coluna como o ápice do calendário social, sendo uma atividade exclusivamente reservada, como enfatizam as frases

¹⁶¹ SILVA, Ana Cristina Teodoro da. Op. cit., p. 107.

dedicadas a descrever o baile nas notas sociais: “[...] será uma pedida ultra-fechada [...]” e “[...] as presenças não ultrapassarão o número de sessenta pessoas”¹⁶².

A partir desses pontos podemos considerar que a Noite das Destacadas era dedicada a uma pequena parcela da sociedade, que provavelmente dividia os mesmos padrões morais e éticos, estilo de vida, nível econômico, entre outras características comuns. Além disso, um baile dedicado a essas pessoas, em especial às mulheres, reforçava sua relevância e seu papel estratégico na ascensão social e honra familiar.

O fato de estar entre as mais destacadas da sociedade não garantia somente um lugar no baile, mas associava também essas mulheres a outras personalidades nacionais, visto que a organização de uma listagem das mulheres mais destacadas socialmente não era uma exclusividade da Folha do Norte do Paraná, como nos indica a matéria de 22 de dezembro de 1968, que explicava como o colunista social Ibrahim Sued selecionava as mulheres mais projetadas da sociedade brasileira.

A figura de Ibrahim Sued, assim como a de Frank Silva, eram colocados no Jornal como vozes autorizadas. De acordo com Pierre Bourdieu, a constituição de seus sujeitos como autoridades simbólicas mobiliza uma série de diferentes estratégias, rituais e luta, as quais permitem que os discursos produzidos por esses atores sejam compreendidos e reconhecidos pelos grupos que eles representam. Esses colunistas sociais, portanto, são aqueles que cumprem ou falam “em nome da coletividade; é ao mesmo tempo seu privilégio e seu dever sua função própria, em suma, sua competência”¹⁶³. Dessa maneira, consideramos que Ibrahim Sued, ao listar 10 normas que envolviam a escolha das “Dez Mais Destacadas”, influenciava na constituição de uma feminilidade “ideal”, bem como organizava uma série de mulheres, que seriam sustentáculos das qualidades valorizadas socialmente, revigorando os modelos nos quais as leitoras poderiam se inspirar.

A realização de um baile e de uma lista das personalidades sociais mais destacadas pelo Jornal proporcionava e visava também a projeção de tais sujeitos regionais e da própria cidade no cenário nacional, como enfatiza a passagem seguinte: “[...] mais uma vez teremos a oportunidade de mostrar ao Brasil que Maringá caminha a passos largos”¹⁶⁴. Nesse sentido, compreendemos que o destaque dado a esses indivíduos pelo Jornal os colocava como responsáveis e engajados com o processo de crescimento e de desenvolvimento econômico, social e cultural do município, que se baseava em um discurso fundacional que enfatizava sua planificação e racionalidade, sua

¹⁶² Folha do Norte do Paraná, n. 1539, 15/3/1968, p. 4.

¹⁶³ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, p. 101.

¹⁶⁴ Folha do Norte do Paraná, n. 1827, 1º/3/1969, p. 4.

construção como centro regional, “erguida” por pioneiros “comprometidos” com um futuro glorioso.

Com base nesses pontos, acreditamos que o Jornal, em especial, a coluna social, era um mecanismo que, por meio da produção de conteúdo, constituía uma imagem da “alta e boa sociedade”, registrando seu estilo de vida, seus gostos, seus eventos e seu trabalho na comunidade, divulgando e promovendo seus valores. Nesse contexto, de forma similar ao grupo de Estabelecidos investigado por Norbert Elias¹⁶⁵, a elite regional, reunida nas notas sociais, encontrava nesse espaço um meio no qual, além de reafirmar sua coerência e coesão, poderia lhes proporcionar a manutenção e o acesso ao poder político, econômico, social e cultural, ao lhes atribuir características e perfis “ideais” e aceitos socialmente.

Com vista no caráter pedagógico do Jornal, concebemos que, além divulgar o ciclo social que envolvia a vida das mulheres da sociedade maringaense, outros aspectos do conteúdo da coluna social eram as notas que orientavam o comportamento feminino nos eventos, fato que nos indica as diferenças entre os gêneros, uma vez que, o público-alvo eram apenas as mulheres. Dessa maneira, eram realizados cursos como o apresentado na nota de 5 de julho de 1967, que trazia informações sobre as aulas de etiqueta ministradas

[...] para senhoras e senhoritas um “Curso de Aperfeiçoamento em Etiqueta Social” (tico SOCILA) no momento em que, ladeada por alunas, explicava a posição correta de como segurar um copo e como apanhar algo numa requintada social ou mesmo na vida comum. Tita, tem sob sua responsabilidade quarenta nomes dos mais destacados de nossa sociedade. As aulas são registradas no Maringá Clube.¹⁶⁶

A divulgação de cursos como esse, cujos objetivos eram aperfeiçoar e educar o comportamento das mulheres em eventos sociais, nos sugere como a etiqueta social se constituía em um elemento de distinção e de diferenciação dessas mulheres que compunham ou buscavam compor a “alta e boa sociedade”. Além disso, ao serem associados apenas as figuras femininas, esses cursos as diferenciava tanto dos perfis de masculinidade, quanto de outros feminilidades que se complementavam e se interseccionavam com base em aspectos como a classe, raça, etnia, geração, etc. Nesse contexto, a educação, o compartilhar de uma série de gostos, de padrões de consumo e de conduta, de valores éticos e morais, são compreendidos como aspectos que promoviam, estimulavam e designavam diferenciações entre esse grupo apresentado na coluna social e os demais grupos humanos maringaenses.

¹⁶⁵ ELIAS, Nobert. Op. cit., p. 25.

¹⁶⁶ Folha do Norte do Paraná, n. 1333, 5/7/1967, p. 4.

Como argumenta Pierre Bourdieu¹⁶⁷ acerca dos bens e das necessidades culturais, eles se constituem enquanto elementos que distinguem e hierarquizam os indivíduos. Assim, entendemos que vestimentas femininas, reuniões dosadas a whisky, trajes formais, vestidos longos, viagens de férias, eventos e bailes em clubes sociais, normas de etiqueta, debutar social, entre outros elementos, também faziam parte de um aparato e investimento na distinção social e na apresentação de si, buscando atender às demandas e às convenções de um grupo colocado como a “alta e boa sociedade”.

Além disso, considerando o Jornal enquanto uma instituição pedagógica e “civilizadora”, que buscava divulgar padrões, percebemos que a apresentação desse ciclo social feminino carregava, ainda, uma série de orientações, servindo de exemplo e modelo a todos os que tomassem contato com o conteúdo da coluna social. Notamos, portanto, a difusão de um modelo de feminilidade “ideal”, atravessada pela questão de classe, que reunia características como beleza, elegância, simplicidade, pureza, piedade, abnegação, delicadeza, recato, moderação, entre outros aspectos, que eram considerados “ideais”, visto que eram empregados pelo colunista como elogios.

Não podemos, no entanto, simplificar nossa análise e tomar o discurso do Jornal como uma apresentação fiel e completa dos modelos femininos que circulavam em Maringá e região entre os anos 1960 e 1970. Desta feita, apesar de dar enfoque a uma forma de feminilidade “ideal”, que conjugava aspectos mais tradicionais em relação ao papel social da mulher, notamos também que, em notas publicadas esporadicamente, algumas senhoras estavam envolvidas em outras atividades, como a apresentada em 6 de novembro de 1966, em que é divulgado que

A Srta. Maria Homi Kinashi, Candidata a Deputada Estadual está por nosso intermédio, estendendo a todas as senhoras e senhoritas da sociedade maringaense e da região, um convite para comparecerem hoje, às 15:00 horas ao salão do Indaiá Hotel para debaterem problemas da mulher moderna frente a atual conjuntura política.¹⁶⁸

Essa nota nos traz informações como a candidatura de uma mulher a deputada em plena ditadura e a reunião de mulheres para discutirem problemas políticos dois aspectos, que, dado ao seu contexto e a realidade feminina de sua época, destoavam das condições da maioria das mulheres, principalmente das representadas na coluna social. Nesse sentido, se, por um lado, esse trecho do Jornal parece progressista ao divulgar tal evento, a falta de informações e o pouco destaque dado a esse episódio nos provoca algumas questões como: –Quem eram essas senhoras e

¹⁶⁷ BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Editora da USP, 2007.

¹⁶⁸ Folha do Norte do Paraná, n. 1146, 6/11/1966, p. 4.

senhoritas da sociedade? –Quais os problemas da mulher moderna? –Como era sua relação com a política? –Quem era Maria Homi Kinashi?

Sobre a candidata Maria Homi Kinashi conseguimos algumas informações, como seu envolvimento com a União Maringaense dos Estudantes Secundaristas (UMES) em 1961 como candidata a presidente da instituição¹⁶⁹, bem como seu trabalho como juíza a partir da década de 1970¹⁷⁰. Durante a sua candidatura para o cargo de deputada estadual em 1966, Maria estava filiada ao partido da Arena, sendo a única mulher a se candidatar naquele pleito eleitoral¹⁷¹. De acordo com a nota anterior, sobre sua reunião com um grupo de mulheres, podemos inferir como sua candidatura visava polarizar o eleitorado feminino paranaense, convergindo para si os anseios e os votos das mulheres. Mesmo assim, ao final da campanha, a derrota eleitoral aponta para um problema, ainda hoje atual, em relação a representatividade feminina na política, isto é, a conquista efetiva de cargos pelas candidatas.

Ademais, vejamos como o texto acima, além de marcar a participação feminina na política, também indica a reunião de um grupo de mulheres para discussão dos problemas da mulher moderna e sua relação com a conjuntura política. Esses elementos nos apontam para como a realidade na qual o Jornal se inseria era complexa, sendo abordada de forma parcial e influenciada por sua linha editorial. Além disso, consideramos, de acordo com o conceito de maneiras de fazer propostos por Michel de Certeau¹⁷², que o conteúdo e as orientações da coluna social eram manipulados e (re)apropriados pelos sujeitos à sua maneira, ou seja, de acordo com suas experiências e condições sociais.

Por fim, o modelo de uma feminilidade “ideal” discutido neste tópico seria apenas uma das muitas formas de apresentação do feminino. Essa senhora da sociedade veiculada e evidenciada na coluna social, enquanto passiva, bela e zelosa, seria uma homogeneização irreal, constantemente questionada pela existência de mulheres como a candidata Maria Homi, como a médica pediatra Thelma, as mulheres donas de boutiques, casas de moda, costureiras e professoras, mencionadas em outras notas sociais, que, além das funções doméstica e do privado, transitavam e trabalhavam no espaço público, historicamente construído como um ambiente masculino.

¹⁶⁹ Diário do Paraná, n. 1936, 26/7/1961, p. 2.

¹⁷⁰ Diário do Paraná, n. 4448, 15/5/1970, p. 4.

¹⁷¹ Diário do Paraná, n. 3375, 23/10/1966, p. 2.

¹⁷² CERTEAU, Michel de. Op. cit., p. 45.

2.2 A construção das “vadias”, “doidivas” e “mariposas”

A feminilidade “ideal” apresentada no tópico anterior se inseria em um universo de outras feminilidades identificadas durante a leitura do Jornal. Por conseguinte, compreendemos que a coluna social selecionava e utilizava as senhoras da sociedade para construir a imagem de uma “mocinha”, que reunia atributos como pureza, piedade, beleza, delicadeza, recato, moderação, estando cercada, em sua maioria, por um ambiente de domesticidades, como cuidados do lar, do marido e dos filhos.

Por outro lado, os conteúdos policiais pareciam constituir uma “vilã” perigosa e transgressora, utilizando as imagens das “prostitutas”, “vadias”, “mariposas”, “doidivas” e “mulheres da vida” – nomenclaturas empregadas pelo periódico para descrevê-las –, como personificações de um modelo de feminilidade distante dos padrões aceitos pela sociedade. Entretanto, as prostitutas não eram as únicas mulheres “transgressoras” apresentadas na coluna policial. Havia também as ladras, as assassinas, as violentas e as escandalosas, enfim, uma série de sujeitos femininos que poderiam ser analisados neste texto, no entanto fizemos a escolha de priorizar as prostitutas, visto que eram elas as mais evidenciadas no Jornal, além de serem o maior alvo das ações da polícia.

Temos em vista que as prostitutas foram assim representadas e perseguidas por uma série de discursos construídos historicamente, como indica Magali Engel¹⁷³ ao argumentar como essas mulheres se tornaram um problema de saúde pública no Rio de Janeiro do século XIX. Segundo a autora, as falas médicas as descreviam e as legitimavam como uma sexualidade pervertida, desviante e antinatural. Nessa perspectiva, tais figuras deveriam ser controladas e isoladas do restante da população, principalmente dos ambientes considerados familiares, uma vez que elas eram tidas como perigo de corrupção aos valores morais.

A partir do entendimento do processo de constituição da prostituição enquanto problema social e moral, procuramos, no presente tópico, investigar como os discursos das notas policiais do Jornal – único espaço das edições dedicado a comentar ou mencionar as prostitutas – contribuíram para a construção e a manutenção de uma visão condenatória, controladora e disciplinadora da prostituição entre os anos de 1960 e 1970. Além disso, acreditamos que o periódico simplificava a realidade ao apresentar duas feminilidades opostas que ao mesmo tempo serviam de contraste e contaminação uma à outra, uma vez que, assim como nos romances, só nos aproximamos e nos relacionamos com as mocinhas por meio da presença constante de um mal, perigo ou desafio à sua felicidade, compreendido aqui como os malefícios morais da prostituição.

¹⁷³ENGEL, Magali. Op. cit., p. 12-13.

Os discursos sobre a prostituição em Maringá estavam inseridos em narrativas sobre a cidade que buscavam a construção de um espaço urbano ordeiro, moderno, centro do desenvolvimento regional, fundado a partir de um processo de ocupação planejado e racional, erguida pelas figuras heroicas dos pioneiros. Nesse contexto, a Folha do Norte do Paraná, de acordo com os vínculos de sua linha editorial, localizados e coniventes com tal discurso, assim como o poder público e policial, influenciariam no tratamento dado às prostitutas na cidade-jardim. Nesse sentido, também lançamos um questionamento acerca do enfoque das notas da Folha do Norte do Paraná e das medidas policiais em relação a prostituição. Consideramos que os interesses nessas ações estariam ligados a formação e a influência dos elementos religiosos na constituição da comunidade maringaense, bem como do Jornal.

Buscando manter a imagem moderna de Maringá, alinhado ao discurso ordeiro do regime civil militar e da Igreja Católica, o Jornal participava ativamente de uma verdadeira cruzada pela moralização da cidade e pelo combate à prostituição, em especial ao ato de esperar ou caminhar à procura de clientes nas ruas centrais da cidade, também chamado *trottoir*, e a prática do lenocínio¹⁷⁴, que seriam os pontos centrais dessa campanha. A matéria publicada em 1º de maio de 1965, além de dar o contexto de fechamento de bares e de locais de prostituição na Vila Operária, veiculava também que denúncias teriam sido apresentadas por famílias vizinhas reclamando da algazarra e da inconveniência causada pela presença das “mulheres da vida” e seus fregueses:

Nos últimos dias, famílias residentes nas imediações daquele bar comunicaram à Polícia que o estabelecimento fora reaberto. E o que é mais grave: a reabertura foi feita por ordem judicial, sem ser ouvido o Delegado.

Ontem, nossa reportagem encontrou na Delegacia de Polícia cerca de quarenta chefes de família vizinhas do bar, dizendo que até altas horas da noite a casa fica aberta, em permanente algazarra e com a presença de mulheres inconvenientes.

Os queixosos disseram à reportagem que mesmo durante o dia senhoras e senhoritas não podem passar em frente ao local, porque a imoralidade é completa.¹⁷⁵

Essas denúncias feitas pela vizinhança nos indicam como os populares se integravam ao processo de controle das práticas ditas transgressoras como a prostituição. Logo, tal população também era responsável pela vigilância sobre si mesmos, o que facilitava a dominação feita pelas autoridades e classes abastadas. Como aponta Sidney Chalhoub, as classes trabalhadoras, ao

¹⁷⁴ A partir da instituição do Código Penal Brasileiro pela lei nº 2848, de 1940, os artigos 229, 230 e 231 condenavam e criminalizavam, respectivamente, a manutenção de casas de prostituição, do rufianismo (ato de explorar a prostituição alheia) e o tráfico de mulheres para o exercício da prostituição considerado crime pelo Decreto-Lei nº 2848, de 1940.

¹⁷⁵ Folha do Norte do Paraná, n. 710, 1º/5/1965, p. 2.

contribuírem com as autoridades policiais, acusando e indicando os “transgressores”, se tornavam sujeitos de sua própria dominação¹⁷⁶.

Ao final da nota policial citada anteriormente percebemos a queixa em relação ao contato das senhoras e senhoritas e a sua possível contaminação com as imoralidades relacionadas ao mundo prostituição. Nesse sentido, o trecho anterior nos indica alguns pontos como a busca por separar os ambientes da “alta e boa sociedade” e da prostituição, construindo contrastes e fronteiras entre eles em relação ao seu caráter moral, higiênico e ordeiro. Entretanto, essas mulheres pertenciam a uma mesma cidade estando sujeitas a encontros e desencontros, neste contexto essas duas feminilidades são colocadas no discurso do Jornal como distantes, ao passo que seriam também complementares, como mocinhas e vilãs, o bem e o mal dos romances.

Nesta mesma matéria era destacada, ainda, a fala do coronel da polícia, que inclusive dá nome ao artigo, intitulado “Coronel Haroldo: ‘não tolerarei mais inferninhos’”. Além dessas vozes da população e da autoridade policial, o Jornal também marca sua opinião ao censurar os prostíbulos e defender a ação policial, quando diz: “Nós damos apoio a toda iniciativa policial que se orienta no sentido de moralizar a cidade, apelamos aos responsáveis pela Justiça a fim de que colaborem para exterminar os antros de vagabundagem”¹⁷⁷. O tom das palavras veiculadas nessa notícia, assim como em outras notas encontradas no Jornal, nos aponta como a prostituição era compreendida pela sociedade como uma corrupção e uma doença moral, que ameaçava as tentativas de constituição de população ordeira e apta ao trabalho, sendo igualada à vadiagem.

Por sua vez, o artigo “‘Arrastão’ de vadias”, publicado em 6 de janeiro de 1973, trazia a informação da prisão de uma série de mulheres por se prostituírem. Ocorre, no entanto, que, segundo o Código Penal Brasileiro, a prostituição nunca foi um crime. Nesse sentido, as prostitutas eram presas por outros crimes, como, por exemplo, promoverem a desordem enquanto andavam pelas ruas da cidade à procura de clientes. No trecho abaixo podemos observar como a ação da polícia em relação às “vadias” era retratada no Jornal como oportuna, uma vez que a presença das “mulheres da vida” era tida como uma praga que estava infestando a cidade. Assim:

Esta providência policial é mais que oportuna, sobretudo porque a cidade volta a ficar infestada de mulheres da vida. A propósito, tem sido várias as vezes em que reclamações chagaram às redações de jornais denunciando que a Praça Napoleão Moreira da Silva, sobretudo entre 22:00 e 24:00 horas, foi transformada em verdadeiro mercado de mulheres da vida^{178, 179}.

¹⁷⁶ CHALHOUB, Sidney. Op. cit., p. 240.

¹⁷⁷ Folha do Norte do Paraná, n. 710, 1º/5/1965, p. 2.

¹⁷⁸ A expressão “mulher da vida” é uma gíria utilizada para designar aquelas mulheres que, por falta de condições econômicas e sociais, acabaram encontrando na prostituição um meio para garantir sua sobrevivência.

A partir dessa matéria podemos inferir que, além do trabalho policial, o Jornal também cumpria um papel no processo da repressão à prostituição, em especial quando denunciava o local e o horário em que podiam ser avistadas as “mulheres da vida”. Dessa maneira, vislumbramos o trabalho conjunto entre poder público, Jornal e população, na denúncia e prisão das prostitutas, sendo que cada qual, à sua maneira, possuía uma função na vigilância e enquadramento desses sujeitos ditos “desviantes”. Por conseguinte, a colaboração entre essas diferentes instâncias aponta para a forma como o poder estava organizado e espalhado pelas teias sociais, sendo exercido nas relações de força entre os indivíduos. Seu exercício era, portanto, capilar, microfísico, fluido, envolvendo mudanças, ação e, por fim, desenvolvendo diferentes técnicas variáveis historicamente¹⁸⁰.

Essa vigilância dispensada à prostituição se desenvolvia devido à leitura dessa prática, pela Folha do Norte do Paraná e pelas autoridades policiais, como um obstáculo moral à higienização da sociedade. Dessa maneira, as ações desses grupos se baseavam na busca por defender o que acreditavam ser o melhor para a sociedade. Nesse contexto, o Jornal contribuía com suas denúncias, destacando os nomes das mulheres presas, divulgando o local e horário em que foram encontradas, utilizando manchetes chamativas e as falas de autoridades policiais, como delegados e coronéis, que colaboravam na legitimidade das notícias.

Nessa perspectiva, em 4 de maio de 1965 era publicada a seguinte notícia: “Coronel Haroldo Solicita Novamente Fechamento de Prostíbulos Camuflados”, que trazia informações a respeito da finalização de uma investigação iniciada após denúncias da Folha do Norte do Paraná acerca do funcionamento de dois bares em uma avenida da cidade. A partir das acusações de que esses estabelecimentos favoreciam a prostituição, suas proprietárias foram ouvidas na 13ª Delegacia Regional de Polícia de Maringá. A respeito do caso, o Jornal informava que,

Através das testemunhas das famílias residentes nas imediações e inclusive as acusações mútuas que vem contestar a culpabilidade de ambas, o Coronel Haroldo Cordeiro, de posse de provas, contando com a colaboração do Superintendente Haroldo de Castro, solicita a revogação da limiar feita através de ordem judicial concedida a impetrante, de forma ilegal, já que os dois estabelecimentos não passam de prostíbulos camuflados.

Como se nota, o delegado de polícia de nossa cidade está fazendo todo o possível para atender os reclames dos moradores daquela vizinhança que querem paz e sossego.¹⁸¹

¹⁷⁹ Folha do Norte do Paraná, n. 3019, 6/7/1973, p. 4.

¹⁸⁰ FOUCAULT, Michel. 1995, p. 240.

¹⁸¹ Folha do Norte do Paraná, n. 711, 4/5/1965, p. 2.

Para atender às reclamações da vizinhança e em busca da manutenção da paz, supostamente ameaçada pela presença das prostitutas, a polícia organizava investigações, cujos objetivos eram localizar e fechar os bares frequentados pelas prostitutas. A relação dessas mulheres com as autoridades policiais, portanto, era uma mistura de desconfiança e de medo das repressões e das prisões arbitrárias. Desse modo, quando a nota aponta para a troca de acusações, e mesmo pela recorrência de várias investigações policiais, nós podemos inferir, assim como indica Chalhoub¹⁸², que os populares utilizavam de algumas estratégias para resistirem ao poder polícia, como o oferecimento de testemunhos que se alteravam e se contradiziam durante o processo e as mudanças de endereço que dificultavam sua localização.

Além de apontar para a articulação dos diferentes poderes da população e das autoridades policiais, esse trecho apresenta o trabalho crucial do coronel Haroldo na investigação, confirmando as acusações contra os bares e encaminhando liminares judiciais para garantir o fechamento de ambos os estabelecimentos. Todas as suas ações eram coroadas pelos comentários do Jornal ao final da notícia, indicando que a polícia vinha se esforçando para garantir o sossego da população.

Em defesa dessa paz, sossego e moral, a batalha contra a prostituição prosseguia sendo registrada no Jornal e a força policial continuava sendo constituída como a personificação dos valores e ações defendidos pela Folha do Norte do Paraná. Na matéria publicada em 29 de janeiro de 1966, intitulada “Polícia atende FOLHA: GUERRA AO ‘TROTTOIR’”, era destacada a fotografia do superintendente Haroldo de Castro, recebendo também uma chamada na capa e uma continuação na página 2 da edição:



Imagem 07: Imagem da chamada para a matéria presente na capa da edição de 29 de janeiro de 1966, além do destaque das letras da manchete, sobressai a imagem do superintendente policial Haroldo de Castro.

¹⁸² CHALHOUB, Sidney. Op. cit. p. 152.

Na imagem ilustrativa acima, as escolhas gráficas da manchete, ao destacar informações por meio de letras maiúsculas e em negrito, mecanismos que contribuem para despertar a atenção para o texto, bem como seleciona as informações mais importantes a serem passadas de imediato ao leitor, ou seja, nesse caso identificar que a guerra ao *trottoir* na cidade ganhou uma nova nota na imprensa. Essa manchete, alinhada à fotografia do superintendente e do texto veiculado ao lado, nos transmitia informações como a determinação e o empenho policial para erradicar a prostituição.

Em sua continuação na página 2, a matéria informa as outras medidas tomadas para frear a prostituição, como a “[...] investigação visando a identificação dos hotéis da chamada alta categoria que comercializam mulheres”¹⁸³. Ao veicular essas palavras, o periódico nos indica como as “mulheres da vida” eram igualadas a mercadoria, como coisas e objetos sem razão ou consciência, que podiam ser comprados. Ao passo que também permite questionar os níveis de organização da prostituição da cidade ao ponto de existirem hotéis de alta categoria comercializando mulheres.

De acordo com o conteúdo apresentado até o momento, notamos algumas características que envolviam a veiculação de notícias sobre a prostituição em Maringá. Entre elas, a participação de diferentes sujeitos na vigilância da conduta feminina e, principalmente, como as páginas do Jornal serviam de local para denúncia das prostitutas e veiculação de textos moralizantes. Para além disso, compreendemos que essa preocupação com o controle do meretrício se associava à própria construção de uma imagem de Maringá planejada, moderna, racional e civilizadora, na qual esses sujeitos considerados “desviantes” deveriam estar sobre constante controle.

Seguindo as indicações de Paulo F. de S. Campos¹⁸⁴, acerca do processo de moralização de Maringá na segunda metade do século XX, acreditamos que o crescimento populacional da cidade entre os anos 1960 e 70, contribuiu para o surgimento de novos sujeitos “desviantes” em um espaço urbano tecnicamente planejado, o que justificaria o acirramento das reclamações, dos pedidos, das campanhas de higienização e de combate ao *trottoir*. A Folha do Norte do Paraná, constituída enquanto uma mediadora social, nesse contexto trabalhava denunciando e identificando esses sujeitos “transgressores”, bem como divulgando textos morais e representações de modelos de condutas “ideais”.

O tratamento dispensado às mulheres apreendidas compreendia ações como as “deportações” para outros municípios. Assim, a nota veiculada em 29 de janeiro de 1966 comentava

¹⁸³ Folha do Norte do Paraná, n. 928, 29/1/1966, p. 2.

¹⁸⁴ CAMPOS, Paulo Fernando de Souza. Op. cit., p. 315.

a deportação de algumas “doidivas” e apresentava o local onde o exercício da prostituição poderia ser admissível – a Zona do Meretrício ou Vila Marumbi:

A medida da Polícia tomará, segundo Sr. Haroldo Castro, para combater o ‘trottoir’ será a deportação das doidivas detidas para outras cidades, onde existem zonas de meretrício. O fechamento da Vila Marumbi, na opinião do comandante da 13ª RPM, é inoportuno, já que o fechamento de zonas localizadas nas cidades adjacentes a Maringá provocaram a evacuação para o setor local, e conseqüentemente não há acomodações.¹⁸⁵

O texto acima indica a movimentação das “doidivas”, que, pressionadas e deportadas pela polícia, transitavam por diferentes cidades. Com base nos argumentos de Ivonete Pereira, em seu estudo sobre a prostituição em Florianópolis entre os anos 1900 e 1940, concebemos esse deslocamento como uma forma de resistência e de sobrevivência adotadas por essas “mariposas”¹⁸⁶. Inseridas em uma sociedade que valorizava a virgindade e o recato feminino, as “mulheres da vida” não usufruíam de proteção pública, visto que a sua relação com o poder policial pressupunha a repressão. Ao serem desqualificadas dessa maneira, as prostitutas buscavam garantir a sua existência por meio de mecanismos e estratégias como a mobilidade, “[...] que, ora por pressão dos vizinhos, ora por pressão de polícia, ou ainda por conveniência, constantemente mudavam de residência, afastando-se cada vez mais do centro da cidade, que, mesmo lentamente, urbanizava-se e exigia a ‘limpeza’ dos locais”¹⁸⁷.

Ademais, notamos como o texto anterior se silencia em relação à possibilidade ou a existência do desejo de fechar as áreas de zonas de meretrício, principalmente em relação a outros aspectos para além dos motivos elencados pelo fragmento do Jornal. Compreendemos, de acordo com Foucault, que, no caso de algumas dessas interdições, o silêncio que se impunha aos discursos se relaciona ao de fato de “[...] que não se tem o direito de dizer tudo, não se pode falar tudo em qualquer circunstância, que qualquer um não pode falar de qualquer coisa”¹⁸⁸. Ou seja, o não dito se impõe em relação aos clientes, às sociabilidades e à economia que eram movimentados pela prostituição na região.

Nessa perspectiva, a Vila Marumbi era recorrentemente apresentada nas notas policiais como uma local de regulamentação do meretrício e de isolamento das prostitutas depois de fichadas pelas forças policiais, como podemos notar na publicação de 25 de maio de 1969, na qual era informado que algumas mulheres, “[...] após o formal fichamento como prostitutas, foram postas

¹⁸⁵ Folha do Norte do Paraná, n. 928, 29/1/1966, p. 2.

¹⁸⁶ PEREIRA, Ivonete. Op. cit., p. 21.

¹⁸⁷ Ibidem, p. 88.

¹⁸⁸ FOUCAULT, Michel. 2014, p. 9.

em liberdade e encaminhadas à Vila Marumby, zona do meretrício”¹⁸⁹. Notamos que textos como esse contribuíam para a formação de narrativas que associavam esse bairro a uma prática específica.

A partir do objetivo de dar visibilidade e de restringir os locais de prostituição, o Jornal, constantemente, veiculava algumas notícias informando sobre as batidas policiais como a relatada na matéria “Delegado Comandou ‘Blitz’ na Cidade”, de 8 de outubro de 1969, na qual um conjunto de autoridades policiais “[...] realizou diversas ‘blitz’ em nossa cidade, principalmente nos lugares onde as queixas eram feitas com maior frequência”¹⁹⁰. Em seguida apresenta os locais verificados pela polícia:

A primeira “batida” foi num dormitório situado na Rua Neo Alves Martins, onde prendeu as mundanas [...]. A segunda foi no “manjado” Kanekinho, prendendo uma menor que trabalha no Restaurante Estoril e as mulheres [...] as quais praticavam o “trotóir”. O “inferninho” existente na Praça Rocha Pombo foi o terceiro lugar onde a “blitz” comandada pela delegacia de Polícia de Maringá efetuou a prisão dos indivíduos [...] e das mulheres.¹⁹¹

A divulgação dos nomes dos locais investigados pela polícia sob a suspeita de favorecerem a prostituição permitia que os leitores do Jornal tomassem conhecimento e identificassem as zonas de meretrício. Nesse sentido, as demarcações desses lugares se constituíam em uma das peças importantes no jogo de visibilidade que, segundo Michel Foucault¹⁹², tem por função garantir a vigilância constante dos sujeitos, sendo este o princípio identificado na estrutura do panóptico. Essa estratégia disciplinar proporcionava, portanto, a observação, o registro, a classificação, o controle das atividades e uma distribuição espacial funcional da população.

Por meio desses dispositivos do poder inferimos que, tanto as notas policiais como as sociais, por meio de seu conteúdo, exercem um papel importante na organização espacial dos sujeitos. Sendo assim, as matérias do Jornal, ao veicularem determinados sujeitos, suas práticas e as qualificarem, colaboravam para a gratificação e ascensão social de uns e as penalidades e isolamento de outros. Todavia, não podemos simplificar e acreditar que o discurso da imprensa sozinho possuía tal poder sobre os sujeitos. Na verdade, suas orientações se encontravam alinhadas a instituições, estruturas arquitetônicas, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições morais, religiosas e filosóficas que, propagadas pelo tecido social, se materializavam nos gestos, nas práticas e nas subjetividades.

¹⁸⁹ Folha do Norte do Paraná, n. 1894, 25/5/1969, p. 2b.

¹⁹⁰ Folha do Norte do Paraná, n. 2007, 8/10/1969, p. 7.

¹⁹¹ Idem.

¹⁹² FOUCAULT, Michel. 2004, p. 167.

Por intermédio da *blitz* policial, da investigação e do fechamento de bares e hotéis suspeitos de servirem de espaço à prática da prostituição, o círculo de repressão continuava se fechando sobre as “vadias” a exemplo da notícia “Dono de ‘Inferninho’ também processado por Lenocínio”, veiculada em 12 de abril de 1966:

O indivíduo conhecido vulgarmente pela alcunha de Caraco, dono do Tony Bar, também está sendo processado na 13ª SDEP, pela prática do lenocínio. Em seu “inferninho”, a Polícia deteve duas mulheres [que] possuem fichas como meretrizes, as quais confessaram ser frequentadoras assíduas, sempre do boteco. Será pedida a cassação do alvará do estabelecimento. [Uma das mulheres apreendidas] denunciou também o Hotel Lord como antro de prostituição.¹⁹³

Nesse texto vislumbramos a condução legal do proprietário de um bar acusado de servir de espaço para a prostituição, visto que, segundo o Código Penal, o lenocínio, ou seja, o agenciamento de outras pessoas ou o comando de estabelecimentos como prostíbulos era crime. Mesmo assim, no entanto, o fichamento e a apreensão das “meretrizes” era ilegal, pois a prostituição não era crime. Assim, a denúncia do Jornal e o uso do instrumento legislativo, marcados pela arbitrariedade, mais uma vez serviam de mecanismo para o controle e a contenção das prostitutas.

As ações contra as “meretrizes” eram conduzidas como uma caça às bruxas, uma caça organizada, em especial, pela força policial e pelo Jornal. Dessa maneira, as autoridades policiais continuavam suas investigações acerca dos estabelecimentos denunciados pela população ou considerados suspeitos, como na publicação “Polícia Combaterá Inferninho”, de 1º de julho de 1966, na qual era informado que a polícia continuava recebendo denúncias da população acerca de estabelecimentos suspeitos de serem “antros de prostituição”, estando trabalhando para “[...] reiniciar o combate para a erradicação dos inferninhos existentes na cidade”. Além disso, a notícia destaca que “[...] a autoridade policial fará completo levantamento, principalmente no centro da cidade, e os bares encontrados em condições irregulares terão seus alvarás cassados pela municipalidade e seus proprietários serão processados por crime de favorecimento à prostituição”¹⁹⁴.

Esses trechos nos indicam outras duas características das notas policiais no que se refere ao tratamento dispensado à prostituição. Em primeiro lugar, encontramos a busca do Jornal por identificar e apresentar, em suas matérias, os locais onde as “prostitutas” circulavam, bem como de afastá-las das áreas centrais da cidade. Dessa maneira, o periódico denunciava sua movimentação na cidade e identificava esses sujeitos, contribuindo para a fixação de linhas demarcatórias entre

¹⁹³ Folha do Norte do Paraná, n. 985, 12/4/1966, p. 2.

¹⁹⁴ Folha do Norte do Paraná, n. 1048, 1º/7/1966, p. 2.

duas feminilidades opostas, ou seja, aquela das senhoras da sociedade e aquela outra das “vadias”. Demarcava também os espaços urbanos em que essas mulheres circulariam, isolando a prostituição dos ambientes centrais e familiares de Maringá.

Em segundo lugar, a forma como esses discursos construía a prostituição indica que essa prática era maléfica a ser erradicada e que devia ser combatida como uma doença que infectava a comunidade maringaense. Nessa perspectiva, seguindo as proposições de Magali Engel¹⁹⁵, acreditamos que o discurso da Folha do Norte do Paraná, assim como o discurso médico, também constituía o meretrício como um problema, um obstáculo à moralização e à higienização do corpo e da sociedade.

Ao caracterizar a prática da prostituição, o Jornal, mesmo sem se dedicar a descrever ou falar especificamente das subjetividades das prostitutas, focalizava seu discurso, principalmente, nas regulações e nas tentativas de controle, vigilância e disciplinarização dessas mulheres. Isso nos permite inferir como as suas feminilidades eram apagadas, silenciadas e negligenciadas, visto que se afastavam e contradiziam um modelo feminino que se buscava “ideal”. Ou seja, as “mulheres da vida”, ao não se encaixarem nos moldes do recato, da maternidade, do casamento, entre outros aspectos associados às figuras femininas, apresentavam uma leitura desviante acerca dessas normativas, como aponta Gilberto Velho sobre o comportamento desviante:

[...] em qualquer sociedade ou cultura, existe uma permanente margem ou áreas de significado “aberto” onde possam surgir comportamentos divergentes e contraditórios [...] Ou seja, não só é preciso atentar para as diferentes visões de mundo dos grandes grupos sociais mas é preciso tomar cuidado com a tendência de homogeneizar, arbitrariamente, comportamentos dentro desses grupos.¹⁹⁶

A partir dessa perspectiva, consideramos que essa outra feminilidade apresentada pelas prostitutas estava inserida no contexto social de Maringá, assim como o modelo feminino “ideal” e outras *performances* apresentadas pelas mulheres dessa cidade. Além disso, tanto as senhoras da sociedade como as “vadias” representavam dois extremos de uma realidade complexa e diversa, no que se referia à constituição das feminilidades pelas mulheres.

Outra interdição que percebemos em relação ao discurso da coluna policial acerca da prostituição se encontra no silenciamento das subjetividades das prostitutas, de suas formas de comportamento, de seus gestos, de suas maneiras de falar e de seus trejeitos. Essa característica do conteúdo do Jornal nos indica como as prostitutas eram definidas e enxergadas pela sociedade apenas pelo aspecto da prostituição, sendo apagadas as suas vivências para além do encontro com o

¹⁹⁵ ENGEL, Magali. Op. cit., p. 27.

¹⁹⁶ Velho, Gilberto. Op. cit., p. 22.

poder policial e da repressão. Era silenciado o que mais essas mulheres poderiam dizer sobre o seu cotidiano, uma vez que elas estariam fora da ordem do discurso por não participarem ou não cumprirem os rituais compartilhados pelos membros que construíam o periódico.

Além desses elementos, observamos também o caráter moral de base desse combate à prostituição, como exemplificava a notícia publicada em 15 de janeiro de 1969, cujo texto apresentava informações como:

Mesmo que a campanha que se desenvolve no centro da cidade exija muito fôlego da polícia, também na própria Vila Marumby as ações policiais vem se desenvolvendo a contento. Assim é que qualquer indivíduo, independentemente do sexo, vai preso se abusar do álcool. Qualquer mulher que também for encontrada fora de sua “casa”, ou mesmo na área, é detida imediatamente. Além disso, agora aquele local tem horário fixado para funcionar. Além das 24:00 horas, não é permitida a presença de nenhuma pessoa na rua, seja qual for o pretexto. Tudo isto, sem contar que todas as mulheres estão sendo fichadas e documentadas. Dentro de um prazo que está sendo estipulado pela polícia, a “mulher” que não tiver título de eleitor, carteira de identidade e ficha policial, não poderá habitar mais na Vila Marumby... e muito menos na cidade.

O trecho anterior pontua uma série de normas e regulações que tinham como objetivo facilitar o controle imposto às prostitutas. Nessa perspectiva, as ações policiais, como a prisão, o fichamento, a documentação e a deportação das “meretrizes”, foram realizadas em dois pontos da cidade, o Centro e a Vila Marumby. As regulamentações que pautavam a repressão policial nesses espaços, como a desobediência de regras quanto ao horário de circulação nas ruas da Vila, bem como a ausência de documentação, seriam pontos que impediriam as prostitutas de habitarem o bairro e a cidade. Acerca desses pontos, destacamos a vigência de um controle sobre o tempo e a circulação que recaíam apenas sobre “mulheres da vida” e os populares, além de questionarmos a necessidade de apresentar o título de eleitor, uma vez que a apresentação do documento de identificação e de passagem criminal se justificam pela necessidade de identificar essas mulheres.

A presença de tais regras em relação à prostituição nos indica a busca do Jornal e das autoridades policiais por separar, afastar e demarcar claramente os ambientes familiares e da prostituição. A mesma realidade foi apontada por Marilenge Nonnenmacher¹⁹⁷ e por Raquel A. S. Venera¹⁹⁸, ao investigarem as múltiplas tentativas de erradicar a prostituição do centro das cidades,

¹⁹⁷ NONNENMACHER, Marilenge. Conselheiro Mafra – a alma de uma rua chamada ‘pecado’. In: FÁVERI, Marlene de; SILVA, Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Prostituição em áreas urbanas: histórias do tempo presente**. Florianópolis, SC: Editora da UDESC, 2010. p. 95-114.

¹⁹⁸ VENERA, Raquel Alvarenga Sena. A cidade das Camélias e as Camélias da cidade. In: FÁVERI, Marlene de; SILVA, Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Prostituição em áreas urbanas: histórias do tempo presente**. Florianópolis, SC: Editora da UDESC, 2010. p. 115-132.

impondo a regulamentação e o isolamento dessa prática em áreas periféricas nas cidades de Florianópolis e Itajaí, respectivamente.

Esses regulamentos e registros que se impunham às prostitutas nos indicam a forma de organização de uma sociedade do controle, que como define Deleuze¹⁹⁹. Essa organização se debruçava sobre os sujeitos de maneira contínua e ilimitada, na qual mais valiam as informações acerca dos indivíduos do que o investimento em instituições cujo objetivo era a disciplinarização e integração social. Sendo assim, como vemos na matéria, a preocupação em relação à prostituição não se centrava em tornar os corpos das prostitutas dóceis e reinseri-los na sociedade, mais, sim, em controlar sua circulação, mantê-las registradas e reunir informações sobre elas, ou seja, garantir o seu controle.

Além disso, atentamos para o uso das aspas nas palavras “casa” e “mulher” veiculadas na notícia, a primeira se referindo aos locais de prostituição, e a segunda utilizada para se referir às prostitutas. O emprego das aspas em um texto, em geral, é aplicado para expressar ironia, uma citação, uma gíria ou para indicar que aquela palavra está sendo utilizada fora de seu contexto habitual, entre outras funções. Dessa maneira, a partir de tais funções desse sinal de pontuação, consideramos que, ao ser utilizado nas palavras “casa” e “mulher”, em especial nesta última, indicava que os sujeitos aos quais a notícia se referia não correspondiam ao que se esperava das mulheres naquele período, ou seja, não se adaptavam a um modelo de feminilidade que englobava maternidade, domesticidade, recato, entre outras características.

A busca por uma moralização social presente nos discursos relacionados com o meretrício, a exemplo das matérias anteriores e também do texto veiculado a seguir, se alinhavam a elementos do contexto nacional, como a defesa de valores tradicionais, investida pelo regime civil militar em um discurso de ordem e ataque às subversões, bem como ao contexto maringense e da Folha do Norte do Paraná, contribuindo para embasar e criar as condições necessárias para que as ações de repressão e de controle sobre outras feminilidades que contradiziam o modelo “ideal”, se tornassem legítimas.

Por conseguinte, observamos que a prisão dessas mulheres era, na verdade, um sequestro, visto que prostituir-se não era crime, ou seja, sua condução pela polícia se configurava em um mecanismo ilegal que visava facilitar a vigilância sobre essas figuras femininas. Tomamos essas estratégias como uma forma de controle de uma outra feminilidade apresentada pelo Jornal em oposição às senhoras e às senhoritas da sociedade descritas na coluna social. Esses sujeitos da coluna policial eram, portanto, retratadas como “mulheres da vida”, “doidivas”, “vadias”,

¹⁹⁹ DELEUZE, Gilles. Op. cit., p. 224.

“mundanas”, entre outros termos, sendo caracterizadas pelo exercício de sua sexualidade como forma de sobrevivência.

Nesse sentido, é veiculado o texto “Polícia Prende Mulheres, ‘Bebuns’ e Promete Fechar Hotéis Suspeitos”, no qual era apresentada a fala do delegado de polícia, informando acerca da realização de novas *blitz* policiais, com a pretensão de

[...] no mínimo, afastar da cidade cerca de noventa por cento de mulheres vadias. Estaremos fiscalizando permanentemente as artérias onde se aglomeram maior número de estabelecimentos de hospedagem, focos de vadiagem conforme constatações feitas. Além disso, voltamos a lembrar aos navegantes, que estaremos a partir da próxima semana fechando todos os hotéis em que forem encontradas pistas de casais suspeitos. Já está em nossas mãos uma longa lista de hotéis que deverão ser fechados, logo após a cassação, pela Prefeitura, dos respectivos alvarás de licença”.²⁰⁰

Nesse trecho, a autoridade policial apresentava suas ações de fiscalização e fechamento de hotéis que favoreciam a prostituição, com o objetivo de afastar as “vadias” do centro da cidade. Notamos como a vigilância da Polícia focalizava a presença de casais suspeitos para determinar a cassação dos alvarás dos hotéis, razão essa que nos faz questionar como eram identificados esses casais, provavelmente por uma série de comportamentos, condutas, trejeitos e vestimentas que diferiam do que se esperava de um relacionamento entre esposa e marido. De acordo com as indicações de Marilenge Nonnenmacher²⁰¹, sobre o contexto de Florianópolis nos anos 1960 e 1970, compreendemos como os discursos buscavam demarcar fronteiras entre as mulheres honestas e as perdidas, discursos esses baseados na percepção de diferenças externas, como suas roupas, gestos, maneiras de falar, etc.

Além disso, a notícia, ao fazer uso de expressões como “artérias” e “focos”, utilizadas comumente para se referir a epidemias ou problemas de saúde, contribuía para equiparar o combate ao meretrício ao tratamento de doenças, associando esse problema social a uma questão de bem-estar e de qualidade moral. Desde modo, o discurso do Jornal apresentava traços presentes nos discursos médicos acerca da prostituição produzidos no início do século XIX, como indica Magali Engel²⁰², quando as prostitutas são colocadas como doentes físicas e morais, sendo um obstáculo ao desenvolvimento de uma sociedade ordeira.

A partir dessas reflexões identificamos a preocupação e o engajamento, tanto da força policial quanto da Folha do Norte do Paraná, em moralizar, melhorar e ordenar a cidade. Com esses

²⁰⁰ Folha do Norte do Paraná, n. 1894, 25/5/1969, p. 2b.

²⁰¹ NONNENMACHER, Marilenge. Op. cit., p. 97.

²⁰² ENGEL, Magali. Op. cit., p. 64.

objetivos ambas as instituições organizaram várias ações de combate à prostituição, que, por meio de uma série de medidas, apertava o cerco a essa prática, dificultando a circulação das “prostitutas”, como podemos notar nas duas notas apresentadas abaixo, veiculadas em 18 de novembro de 1969 e em 11 de janeiro de 1970, respectivamente, as quais informavam:

Os policiais foram até o antigo Hotel São Paulo, na Avenida Duque de Caxias 341, de propriedade da mulher (...) e prenderam as seguintes mulheres [...]. O negócio está mesmo ficando quente pro lado das mundanas de Maringá. Ou se corrigem ou vão para a cadeia.²⁰³

O total de “gatas” encanadas por vadiagem soma o montante de 25. Foram apanhadas em vários pontos da cidade, sendo que a “blitz” teve no comando o próprio Delegado de Polícia Sebastião Lopes Franco, o que dará prosseguimento nesta “Operação Limpeza” e acabar com o “trottoir” em nossa cidade.²⁰⁴

Na primeira nota é destacada a repressão às “mundanas”, que teriam duas opções, ou se corrigiam e se adequavam ou seriam encaminhadas à cadeia. Além disso, o texto informava sobre a prisão de algumas mulheres, identificando-as e apresentando o endereço em que foram apreendidas, bem como a quem pertencia tal estabelecimento. Na segunda nota, por sua vez, era informada a realização de uma *blitz* que apanhou 25 mulheres presas em uma das ações policiais que faziam parte de uma ação policial de limpeza, que visava pôr fim ao *trottoir*. Ambos os textos indicavam para medidas de higienização – como o título da operação sugere –, de erradicação e de perseguição ao meretrício.

Ademais, a busca por acabar com o *trottoir*, ou seja, o ato das prostitutas de esperar ou procurar clientes nas ruas faz com que questionemos a constituição do espaço urbano da cidade. Isto é, por que às “mulheres da vida” eram negadas a livre circulação e o acesso às ruas, principalmente, às localizadas no Centro e nas áreas comerciais de Maringá, uma vez que esses locais eram públicos e deveriam ser de acesso a toda população. Compreendemos que essa regulação e disposição dos sujeitos na urbe estava relacionada com a organização do poder disciplinar na sociedade. Assim, como considera Foucault²⁰⁵, os poderes disciplinares funcionavam a partir de uma apropriação do corpo, controle do espaço e decomposição do tempo de maneira contínua, em que os principais alvos eram os anormais, ou seja, doentes mentais, as prostitutas, os criminosos, etc.

A partir das notas policiais apresentadas nas edições do Jornal podemos identificar locais como hotéis, bares, ruas e bairros como a Vila Marumbi enquanto locais de ocorrência das denúncias de reunião e presença de prostitutas a espera de clientes ou de estabelecimentos que

²⁰³ Folha do Norte do Paraná, n. 2041, 18/11/1969, p. 9.

²⁰⁴ Folha do Norte do Paraná, n. 2082, 11/1/1970, p. 11.

²⁰⁵ FOUCAULT, Michel. 2004, p. 128.

favoreciam a prostituição. A identificação e nomeação desses espaços na Folha do Norte do Paraná além de localizar os sujeitos no espaço urbano e, conseqüentemente, torna-los visíveis e alvos do controle e da vigilância dos vizinhos, da população e da polícia, também constituía discursos sobre esses espaços. Sendo assim, seguindo as indicações de Michel De Certeau, segundo o qual os espaços são constituídos pelas práticas e discursos que ali se desenvolvem, compreendemos que os conjuntos de narrativas fragmentados fundam, articulam, descrevem, fixam, delimitam os lugares, por fim “os relatos são cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer. São feitura de espaços”²⁰⁶. Portanto, por meio dessas características e da relação do discurso e dos lugares é que eram constituídas determinadas performances dos sujeitos em sua circulação pela cidade. Ponderamos a partir desse conceito como o periódico e os indivíduos influenciavam e eram influenciados pelos ambientes que frequentavam.

Neste contexto, notamos como as Colunas Social e Policial contribuía para a construção dos espaços centrais da cidade, do lar e dos clubes sociais como destinados a uma feminilidade “ideal”, enquanto os estabelecimentos de baixo escalão e o bairro da Vila Marumbi eram relacionados com a prostituição. No entanto, consideramos que o discurso do Jornal e seu papel na delimitação destes espaços, identificação e formação dos sujeitos era passível de apropriações e manipulações por parte de seus leitores. Nesse sentido, as fronteiras entre os modelos de feminilidades e os espaços aos quais essas mulheres circulavam eram flexíveis e possibilitavam negociações, como nos indicam as recorrências nas denúncias da presença das prostitutas nas áreas comerciais, apontando para como essas mulheres manipulavam e desafiavam as normas que buscavam fixar seus locais de circulação.

Por conseguinte, aliado à ação policial, o Jornal contribuía para com a identificação de locais e de sujeitos em seu discurso relacionado com o combate e a caça à prostituição na cidade, especialmente por meio de algumas estratégias como a qualificação e apresentação das medidas policiais, a veiculação dos nomes das mulheres apreendidas, dos locais onde se encontravam e do horário em que eram realizadas as apreensões. Além disso, as escolhas da diagramação, como o uso de letras maiúsculas para destacar os nomes das prostitutas do restante do texto, a veiculação de falas de delegados dando autoridade e legitimidade ao conteúdo, eram outros mecanismos que ajudavam na constituição de uma imagem negativa do meretrício. Cabe atentar para a notícia publicada em 15 de novembro de 1969, intitulada “14 Mulheres Foram Presas em Nova “Blitz” Policial”, na qual é apresentado que

²⁰⁶ CERTEAU, Michel De, op. cit., p. 189.

[...] a Polícia de Maringá mais uma vez demonstra de que está realmente preocupada com o bom andamento da lei e da ordem em nossa cidade efetuou antenonem à noite, terminando na madrugada de ontem, outra “blitz” para combater o “trottoir” e a vadiagem em Maringá. [...] Fizeram “batida” na Praça Napoleão Moreira da Silva, Avenida Brasil, Vila Operária e na Zona Velha, prendendo as seguintes mundanas: LOURDES FERREIRA, 18 anos, solteira, natural de Videira – SC, filha de Sebastião Ferreira e Ibrantina Ferreira. APARECIDA DOS SANTOS, 26 anos, separada do marido, natural de Araçatuba – SP, filha de José dos Santos e Benedita Alves dos Santos. ROSA MARTINS, 20 anos, separada do marido, natural de Marialva – PR, filha de José Ramires Fernandes e Helena Fernandes. LEONILDA INÁCIO RIBEIRO, 22 anos, solteira, natural de Presidente Prudente, filha de Waldemar Inácio Ribeiro e Helena Fernandes. ROSEMEIRE BUENO, 20 anos, solteira, natural de Apucarana, filha de João Alves Bueno e Cecília Bueno. CLAUDETE NOGUEIRA, 19 anos, separada do marido, natural de Assunção – Paraguai, filha de Raimundo Nogueira e Maria Pereira. MARIA APARECIDA, 18 anos, solteira, natural de Marialva, filha de Pio Barbado e Isabel Reis Barbado. ROSEMEIRE FERNANDES, 30 anos, natural de Presidente Prudente, filha de João Fernandes e Assunta Matricardi. DORALICE FERREIRA, 20 anos, solteira, natural de Arapongas, filha de Vicente Ferreira e Aparecida Ferreira. MARIA TEREZA DA SILVA, 21 anos, natural de Recife, filha de Pidalcino Gomes da Silva e Maria Ferreira. ROSILDA CONCEIÇÃO, 18 anos, solteira, natural de Recife, filha de José Tibutino e Iraci da Conceição. SUZANA BENI (a Marta Rocha), viúva, natural de Campinas, filha de Francisco Beni e Valentina Beni. MARIA LOPES, 30 anos, viúva, natural de Santo Antonio da Platina, filha de Antonio Pereira e Rita Maria da Conceição. MARLENE CARDOSO, 18 anos, casada, natural de Salvador, filha de Sebastião Cardoso da Silva e Ana Moreira da Silva, detida na zona velha quando em companhia de alguns homens fazia algazarra dentro de um bar com as portas fechadas a altas horas da noite. Resistiu aos policiais e a muito custo foi dominada.

Com mais esta ação do Agente Pio e seus agentes, registra-se mais um voto de louvor à Polícia em geral que muito vem fazendo para manter a ordem na cidade.²⁰⁷

Observamos como diferente de outras notas policiais do Jornal, que pouco se preocupavam em descrever e acrescentar informações sobre as mulheres presas, dificultando a nossa análise acerca das subjetividades, dos comportamentos e das maneiras das prostitutas e suas feminilidades, a nota anterior nos permite algumas considerações. Em primeiro lugar, a publicação dessa notícia identifica com detalhes essas mulheres, apresentando-as como viúvas, casadas, solteiras, jovens, velhas, paranaenses, paulistas, nordestinas e filhas. Em segundo lugar, a partir de seus dados podemos inferir acerca das movimentações dessas figuras femininas, principalmente, pela constatação de que elas vinham de diferentes lugares, o que nos indica a existência de redes de sociabilidades, comunicação e apoio entre elas algo que lhes garantia a sobrevivência, eram suas estratégias de existência.

Ademais, ao elogiar as ações policiais, o discurso do Jornal construía uma realidade em que a polícia era colocada como a defensora da ordem e da lei na cidade, ambas ameaçadas pela

²⁰⁷ Folha do Norte do Paraná, n. 2040, 15/11/1969, p. 11.

circulação e presença de sujeitos ditos desviantes e transgressores como as “mundanas”. Assim, portanto, o bom andamento da sociedade necessitava da manutenção do controle sobre os populares, em especial sobre as prostitutas, garantido, por meio de mecanismos como a construção de um verdadeiro arquivo sobre essas mulheres, sobre os locais em que circulavam, a identificação de seus nomes, idade, estado civil, filiação e naturalidade. A partir dessas informações eram constituídos saberes e verdades sobre esses sujeitos e suas feminilidades “transgressoras”.

A partir dos aspectos discutidos podemos relacionar os posicionamentos do Jornal em relação à prostituição, com o que Sidney Chalhoub²⁰⁸ abordou ao apresentar o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro no início do século XX. Segundo o autor, as mudanças demográficas e a construção do capitalismo no contexto brasileiro produziram discurso de combate à ociosidade, acentuando a positividade do trabalho e as tentativas de disciplinarização da população. Dessa forma, cremos que o crescimento urbano de Maringá, entre os anos 1960 e 70, bem como a busca por desenvolvimento econômico da cidade, contribuíram para o processo de repressão a sujeitos ditos “desviantes”, como as prostitutas.

Nessa perspectiva, eram organizadas formas de controle dessas mulheres, que não se encaixavam no modelo de feminilidade “ideal” e aceita socialmente, controle esse considerado necessário para a concretização de uma sociedade ordeira. Com vistas à adequação das prostitutas a esse projeto social, as ações dos agentes policiais e do Jornal buscavam identificar, vigiar, impor leis e padrões de condutas às “mundanas”.

Dessa maneira, a Folha do Norte do Paraná tinha a preocupação, em suas notas, de apresentar os sujeitos e os lugares onde eles circulavam. Esse procedimento, como inferimos, contribuía na fixação e na associação de indivíduos e espaços, criando uma oposição entre os espaços em que as “senhoras da sociedade” e as “meretrizes” frequentavam, como se elas nunca se encontrassem, como se não vivessem na mesma cidade. Essas construções discursivas materializadas no conteúdo do Jornal procuravam organizar e ordenar a urbe, distribuindo a população em seus devidos espaços, facilitando seu controle e vigilância.

Na Folha do Norte do Paraná, portanto, enquanto uma feminilidade associada à elegância era celebrada e elogiada nas páginas sociais, as feminilidades representadas pelas mulheres envolvidas em casos de prostituição, que transgrediam os “bons” modos, as normas de etiqueta, o “bom gosto”, a colaboração e o desenvolvimento para a construção de uma cidade moderna e organizada, eram apresentadas como figuras perigosas para a ordem e a moral personificadas pelas senhoras da sociedade.

²⁰⁸ CHALHOUB, Sidney. Op. cit., p. 53.

Ao destinar esse espaço e papel às “vadias”, o Jornal, como podemos observar, abordava aspectos como a repressão, a condenação e o desvio moral da prostituição, porém silenciando acerca de outros elementos que compunham as subjetividades dessas mulheres. Assim, neste capítulo, enquanto podemos conhecer com detalhes os trajés e as sociabilidades das “senhoras da sociedade”, as “mulheres da vida” ainda nos são uma incógnita em relação à qual a imaginação pode responder a questões como sua origem, trajetória de vida, entre outros detalhes que permeavam suas histórias.

A partir dos elementos analisados, vislumbramos como o discurso do Jornal mesmo ao constituir as “vadias” como mulheres perigosas e perdidas, que recorreram a uma maneira de sobrevivência considerada imoral, mostrava e marcava a existência desses outros sujeitos que expandiam a norma e as narrativas sobre o espaço urbano tecnicamente planejado e racional de Maringá.

Além disso, a discussão da prostituição no Jornal se restringia, em especial, a aspectos como o controle/vigilância das mulheres, associando a prostituição apenas ao universo feminino. Dessa maneira, duas interdições recaíam sobre o discurso da Folha do Norte do Paraná, a primeira em relação a subjetividade dessas “mulheres da vida”, as quais podemos inferir que eram itinerantes, em constante trânsito. Eram provavelmente pessoas empobrecidas, que recorreram essa vida por motivos como a falta de meios para viver, problemas familiares, abandono, imposição e/ou escolha. Eram casadas, viúvas, amasiadas ou solteiras e jovens. A segunda interdição está relacionada a identidade dos homens com os quais elas se relacionavam, que além de não serem não combatidos e identificados enquanto clientes, que garantia a manutenção e permanência da prostituição. Essas masculinidades presentes em Maringá, serão o cerne das discussões apresentadas no capítulo a seguir.

3 “BEBUNS” E “HOMENS DE BEM”: A CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES

Um dia, vivi a ilusão
De que ser homem bastaria
Que o mundo masculino
Tudo me daria
Do que eu quisesse ter
(Gilberto Gil, Super-homem (A canção), 1979)

Essa estrofe, cantada por Gilberto Gil, nos apresenta a desilusão do eu-lírico ao concluir que ser homem não bastaria, de que apenas pertencer ao mundo masculino não lhe garantia tudo. Fazemos a leitura desses versos compreendendo que, em um universo de masculinidades possíveis, era necessário bem mais que apenas um órgão sexual ou uma designação. Era preciso congregiar uma série de atributos associados ao masculino e valorizados socialmente para que o mundo lhe garantisse acesso a tudo o que esse sujeito quisesse ter.

Um modelo de masculinidade assim, com valor social, é denominado, por Connel e Messerschmidt, como masculinidade hegemônica, ou seja, uma figura masculina predominante, que corresponde às expectativas da sociedade, variando conforme seu contexto e historicidade. De acordo com essa concepção, os próprios sujeitos beneficiados pelo acesso ao poder proporcionado pela correspondência a esse padrão manteriam tais construções sociais. Além disso, o estabelecimento de um modelo masculino padrão tinha como consequência a criação de outras masculinidades cúmplices, subordinadas e marginalizadas²⁰⁹.

A identificação e o processo de constituição das masculinidades no contexto maringense é o que nos move neste capítulo. Para tanto, buscamos investigar o trabalho de construção e adequação de modelos de condutas masculinas nas colunas social e policial da Folha do Norte do Paraná. Assim, durante o processo de leitura das edições do Jornal podemos notar o enfoque em figuras como os “homens de bem” e seu oposto, os “embriagados”, dois sujeitos reais apresentados, significados, orientados, classificados e hierarquizados na narrativa do periódico.

A partir desse objetivo de abordar as masculinidades produzidas no Jornal, procuramos problematizar como esses personagens eram veiculados nas edições, os espaços em que circulavam, suas atividades, seu lazer e suas sociabilidades. Temos em consideração alguns aspectos que influenciavam na constituição dessas subjetividades, como os elementos contextuais, os vínculos do periódico e o fato de a construção de um modelo de “homem do bem” estar relacionada a um projeto de sociedade.

²⁰⁹ CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Op. cit., p. 245.

Por meio da identificação desses indivíduos “bebuns” e “homens de bem”, podemos observar as relações sociais, a constituição de modelos dominantes de organização da sociedade e os meios de acesso ao poder de certos grupos em detrimento a outros. Finalmente, cabe questionar a própria noção de masculinidade hegemônica, visto que essa *performance* masculina dificilmente era seguida em todos os seus aspectos, sendo mais um projeto que se buscava predominante, por essa razão nos referimos a esse modelo masculino como “ideal”.

3.10s “Homens de bem” a constituição de uma masculinidade “ideal”

Uma leitura rápida e superficial do conteúdo produzido pelas colunas social e policial da Folha do Norte do Paraná pode passar a impressão da existência de “mocinhos” e “bandidos”. Entretanto, a partir de análises e de discussões é possível compreender o trabalho empreendido pelo discurso do Jornal em criar fronteiras entre esses homens que pertenciam a um mesmo espaço urbano, em distingui-los, classificá-los e hierarquizá-los. Dessa maneira, era construída essa dualidade ilusória entre os “bebuns” e os “homens de bem” sustentáculos de uma masculinidade hegemônica.

Essa tentativa do discurso do Jornal de constituir uma imagem dos “homens de bem”, enquanto representantes de uma masculinidade “ideal”, estava presente, principalmente, no conteúdo da coluna social, em que essa *performance* masculina incorporava a maneira “[...] mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens”²¹⁰.

Nesse sentido, concebemos que o Jornal produzia conteúdos para além dos presentes nas colunas social e policial, que colaboravam na constituição de uma modelo dominante de masculinidade, como o anúncio de cerveja publicado na última página da edição de 15 de abril de 1969:

²¹⁰ CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Op. cit., p. 245.



Imagem 08: Foto de um dos anúncios de cerveja publicado no Jornal em 15 de abril de 1969.

Observamos como essa fotografia ilustrativa criava algumas associações e representações entre o consumo da cerveja e a constituição de masculinidades. A primeira frase do anúncio dizia que a cerveja anunciada que “marca deliciosamente os momentos felizes da vida”, sendo veiculado, logo abaixo, um desenho que ilustrava a socialização de homens e mulheres em um estabelecimento. Depois da fotografia da garrafa e do copo de cerveja, seguiam, em segundo plano, um casal sorridente, conversando de maneira descontraída, enquanto apreciavam um copo de cerveja. Seus corpos aparecem inclinados sugerindo um possível flerte. Os trajes masculinos construíam a figura de um homem saudável, vestido formal e elegantemente. Além disso, em uma segunda frase da propaganda, vinculada entre fotografia de uma garrafa e o desenho do casal, se dizia “Leve! Saborosa! Irresistível”, o que pode ser associado tanto à cerveja, quanto à conversa do casal ou à própria mulher do anúncio.

Por conseguinte, como argumentam Vestergaard e Schroder²¹¹, a linguagem utilizada nos anúncios publicitários possuía o objetivo final da indução a sensação de carência e necessidade do produto anunciado, conquistando sua satisfação a partir da aquisição da mercadoria. Para tanto, um dos principais mecanismos utilizados era o de associar uma identidade desejada a um produto. De tal modo, na propaganda apresentada, a imagem do homem confiante, elegante, atraente, flertando com uma mulher, é relacionada ao consumo da cerveja anunciada.

²¹¹ VESTERGAARD, Torben; SCHRODER, Kim. Estratégias de comunicação: sexo e classe. In: **A linguagem da propaganda**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 105-107.

Em outro anúncio veiculado, desta vez ao lado da coluna social, em 11 de fevereiro de 1971, vemos, novamente, a propaganda se dirigindo ao público masculino e associando o consumo da cerveja à posse da mulher:



Imagem 09: Foto de um dos anúncios de cerveja publicado ao lado da coluna social em 11 de fevereiro de 1971.

Na imagem ilustrativa temos as figuras da garrafa de cerveja e do rosto feminino, que, sobrepostas, produzem uma associação entre esses dois elementos, associação reforçada pelo texto do anúncio, que dizia: “Ela é loira como os trigos. O seu sabor é exuberante. É um prazer tomá-la. Calma... estamos falando da cerveja!”. Essa propaganda reforçava a objetivação da mulher, em especial da loira equiparada à garrafa de cerveja, construindo um modelo feminino diferente daquele que analisamos no capítulo anterior. Aqui ela se associava ao desejo, à sensualidade e à sexualização, buscando estimular o consumo masculino do produto anunciado.

Esse modelo de feminilidade da mulher branca, loira, acessível, apresentado no anúncio, se diferencia das *performances* femininas enfatizadas nas colunas social e policial, uma vez que ela comporta traços de uma sexualidade inexistente nas “mocinhas” e repelida nas “mulheres da vida”, aspecto esse que não contradiz com o discurso do Jornal, visto que as propagandas correspondiam ao interesse dos patrocinadores e dos anunciantes. Além disso, a figura feminina da publicidade se relacionava com a constituição de uma masculinidade dominante, máscula e viril. Sendo assim, como pontuam Vestergaard e Schroder²¹², ao se dirigirem ao público masculino, as publicidades produzem, em geral, imagens femininas ligadas ao desejo, à submissão e ao estar à disposição para servi-los.

²¹² Ibidem.

Além da constituição de masculinidades sofisticadas, poderosas, confiantes, atraentes e conquistadoras produzidas pela publicidade do Jornal relacionada ao consumo das bebidas alcoólicas, outras notas veiculadas na coluna social, como a publicada em 4 de fevereiro de 1970, retratavam as reuniões sociais e as sociabilidades ligadas ao compartilhar de bebidas:

Na residência do casal Waldemiro Planas, estivemos tomando whiskey (da variada coleção particular) em meio a um animado bate-papo do qual participavam os senhores Bruno Lessio, Enzo Palandri e Paulo (que deitava conhecimento sobre os Estados Unidos de onde veio há menos de cinco anos).²¹³

Tal texto nos apresenta uma forma de encontro social baseada em dois elementos: o consumo do whisky e a socialização masculina. A partir desses fatores concebemos que tais aspectos contribuía para a distinção desses homens do restante das figuras masculinas que circulavam na cidade, uma vez que compartilhavam códigos de honra, comportamento e consumo que incluíam a ingestão de bebidas alcoólicas de alto valor e a conversa sobre assuntos internacionais. Como argumenta Bourdieu²¹⁴, essa produção de bens culturais e de gostos funcionaria como marcadores das diferenças entre os grupos, legitimando suas posições na hierarquia e atribuindo-lhes valor social.

Para além do consumo e da sociabilidade associada ao álcool, a possibilidade de negócios empresariais relacionados a esse produto também gerava notas e especulações nas páginas sociais, como o texto veiculado em 17 de junho de 1967, informando que

A Cervejaria SKOL terá como representante em Maringá o sr. Eder Luiz Nonino e seu lançamento será dentro de mais alguns dias. SKOL é conhecida como a melhor cerveja do mundo, a mais procurada no Europa. Está, portanto, confirmado o “furo” publicado antes em nossa coluna.²¹⁵

A partir das informações anteriores, o Jornal construía a ideia de “furo” de reportagem, ou seja, de uma grande novidade acerca da instalação de uma cervejaria em Maringá, considerada uma das melhores do mundo, o que agregaria *status* à cidade e beneficiaria o seu desenvolvimento e destaque na região. Além disso, ao veicular que a empresa era dirigida por uma figura masculina, a nota contribuía para reforçar a ligação entre as masculinidades e a gestão, administração, comando e sucesso. Esse homem não apenas guiava uma empresa, como trabalhava em prol do desenvolvimento urbano, um exemplo do que era denominado por “homem de bem” no contexto da sociedade maringaense.

²¹³ Folha do Norte do Paraná, n. 2102, 4/2/1970, p. 4.

²¹⁴ BOURDIEU, Pierre. Op. cit., p. 9.

²¹⁵ Folha do Norte do Paraná, n. 1316, 17/6/1967, p. 4.

Assim como algumas das imagens masculinas relacionavam o sucesso e a sofisticação com o consumo de determinadas bebidas, como a cerveja e o whisky, outro produto que distinguia os “homens de bem” da coluna social era a posse de carros, que, além de estarem presentes em grande parte dos espaços destinados à publicidade no Jornal, ainda eram registrados em notas como a publicada em 29 de janeiro de 1966, na qual era informado que estava

Desfilando de Impala-62 o Dr. Ildefonso Nogueira Campo, Presidente do Maringá Boliche Clube já em fase de conclusão. Aliás, cogita-se que aquele ambiente de alto luxo de Maringá será entregue aos seus associados na próxima quinzena de fevereiro. Estivemos recentemente no MBC e aquilo está uma maravilha.²¹⁶

Alguns elementos desse trecho colaboravam na construção de uma masculinidade de sucesso, associada à “alta e boa sociedade”, como o fato de esse homem dirigir um determinado modelo de automóvel e ser presidente de um clube social “ambiente de alto luxo de Maringá”. Além disso, o texto o apresenta como um ótimo administrador, uma vez que o clube que gerenciava estava uma maravilha. Por fim, tais aspectos qualificavam esse sujeito, aproximando-o de uma conduta masculina que se buscava “ideal”.

Compreendemos que esse consumo e essa posse de bens materiais contribuía na formação de uma masculinidade vencedora. Assim, as construções da figura dos “homens de bem” passava, respectivamente, pela capacidade de consumir e de frequentar determinados produtos e espaços. De acordo com as indicações de Vanderlei Machado²¹⁷, sobre a modernização de Florianópolis e a constituição de um modelo hegemônico de masculinidade entre os anos 1889 e 1930, entendemos que a formação de uma subjetividade masculina demandava a manutenção de maneiras de vestir, de socializar e de consumir, criando estilos de vida “ideais” e aceitos.

Outro exemplo de um “homem de bem” desfilando nas ruas da cidade com um carro novo, enfatizando também aspectos como a posição profissional e a capacidade de consumo desse sujeito, fora veiculado em 11 de julho de 1969:

Benjamim Santana. Gerente do Bradesco, está desfilando com um Opala amarelo. Um seu amigo está bastante chateado com ele porque, no dia que o Opala saiu da agência, ele pediu emprestado para ir até a fazenda em Umuarama (e tinha chovido) e o Santana não emprestou o veículo. Comentário do cidadão: “Que amigo... o Santana”.²¹⁸

²¹⁶ Folha do Norte do Paraná, n. 928, 29/1/1966, p. 4.

²¹⁷ MACHADO, Vanderlei. Op. cit., p. 18-19.

²¹⁸ Folha do Norte do Paraná, n. 1933, 11/7/1969, p. 4.

Novamente, o ato de possuir um carro novo associado a um emprego de destaque como gerente de uma instituição bancária, colocava este homem em um outro patamar de distinção, poder e sucesso²¹⁹. O valor dado à posse de um automóvel nos indica as mudanças econômicas iniciadas desde a década de 1950 em relação ao desenvolvimento do capitalismo na sociedade brasileira e aos novos padrões de consumo impostos pela invasão dos produtos industrializados revendidos nas novas lojas de departamento e em *shopping centers*, que influenciariam as sociabilidades modernas e a organização social dos sujeitos, classificando-os de acordo com sua capacidade de consumir²²⁰.

A coluna de Frank Silva acompanhava também os eventos sociais e empresariais do universo masculino, suas reuniões para inaugurarem seus comércios e industriais, para discutirem negócios e para celebrarem seus sucessos, como, por exemplo, na fotografia publicada em 2 de junho de 1966:



Imagem 10: Fotografia dos dirigentes do estabelecimento inaugurado e do gerente bancário conversando. Abaixo, a legenda destacava a inauguração do supermercado em 2 de junho de 1966.

²¹⁹ O consumo de carros também fora estimulado na década de 1950 pela instalação das primeiras fábricas da Volkswagen. A partir desse contexto, os carros passaram a ser associados ao momento de ascensão da classe média urbana.

²²⁰ MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARZ, Lília Moritz (Org.). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia da Letras, 2006. p. 559-658.

A foto desses dois senhores conversando durante o evento de inauguração de um supermercado, sendo apresentados na legenda e relacionados aos altos cargos que exerciam, bem como a cena cotidiana, apresentada na nota anterior, acerca do zelo com o carro, nos apontam para as relações de amizade entre homens. Consideramos que a construção da amizade masculina se constituía enquanto um ponto importante na constituição dos discursos sobre as masculinidades. Eram esses laços que colocavam esses sujeitos como camaradas e parceiros, ao passo que as mulheres eram colocadas como inimigas e concorrentes entre si.

Além disso, a imagem anterior colaborava para a constituição de uma *performance* de gênero, que envolvia a apresentação de uma série de trejeitos, gestos e maneiras de vestir²²¹. Desse modo, compreendemos que, desde o uso dos ternos e gravatas até a descrição dos cargos ocupados por essas figuras masculinas, tudo contribuía para criar uma imagem que corroborava a constituição de um modelo de masculinidade “ideal” na sociedade de Maringá.

A partir das notas sociais eram construídos os elementos que constituíam e concretizavam uma imagem de Maringá e dos homens que faziam parte dessa comunidade. Eram eles trabalhadores, investidores, administradores, empresários de sucesso e com visão para promover um futuro de desenvolvimento. Identificamos uma série de textos dedicados a retratar esses homens e suas empresas que “contribuíam” para o engrandecimento da cidade, como a publicação de 27 de fevereiro de 1966, que registrava as viagens de um engenheiro:

Procedente de Curitiba, encontra-se em nossa cidade o Dr. Cezar Martini, engenheiro que dirige as obras do setor de construção da divisão da rede da COPEL. O trabalho vem sendo árduo, mas tudo é feito no sentido de proporcionar aos habitantes de Maringá e logicamente à própria cidade, vias dotadas de luminárias que só deverão ser elogiadas pelos municípios.

Dr. Marcos Mauro, da URBASA, na manhã de sábado, estava no estafante mister de medições das vias asfaltadas para complementar o seu relatório bimensal. Já não é a primeira vez que vimos o simpático Dr. Marcos, em constante atividade em assuntos que se relacionam com a firma que representa em todo o Norte do Estado. O resultado é essa beleza que se vê estendida por todo esse Maringá.²²²

Textos construídos dessa maneira colaboravam para reforçar a associação entre o desenvolvimento urbano, o trabalho e o sucesso masculino. Assim, ao veicular frases como “o trabalho vem sendo árduo” ou “em constante atividade em assuntos que se relacionam com a firma”, o discurso do Jornal relaciona o universo masculino ao trabalho como uma parte importante da constituição desses sujeitos. Assim, portanto, os atributos congregados em um modelo de

²²¹BUTLER, Judith. Op. cit., p. 241.

²²²Folha do Norte do Paraná, n. 950, 27/2/1966, p. 4.

masculinidade “ideal”, como a força, a gestão e o sucesso vinculados nessas notas, construía um modelo masculino arrolado com o trabalho e sua valorização enquanto lei social e organizador da sociedade²²³. Tal associação e apresentação desses homens na coluna social, seguidos pelos seus feitos no mundo do trabalho, se constituía como aspecto de qualificação, ascensão e orgulho.

A Folha do Norte do Paraná, a partir de seu discurso, circunscrevia sujeitos masculinos de sucesso, como nos indica a nota de 21 de janeiro de 1967, que dizia serem os “industriais [...] os pontos-altos da palestra atual. Podem reparar nossos leitores que quase todos os jornais da região trazem, em suas primeiras páginas – reportagens sobre a industrialização no norte-paranaense”²²⁴. Essa espécie de conteúdo estava intimamente ligada ao contexto de desenvolvimento e de investimento na industrialização da região, contexto no qual a atenção do periódico recaía na valorização de características como trabalho, consumo e esforço, características bem próprias das figuras dos empresários, dos industriais e dos homens de negócios.

Notamos, ainda, como a coluna social constituía *performances* masculinas e femininas, reproduzindo algumas atribuições e separações de gênero, como na nota publicada em 17 de fevereiro de 1968, que apresentava uma reunião no

Grande Hotel, por sua vez, continuou sendo o “QG” dos diretores da MILIPAR. A presença de D. Mariana Celidonio, esposa do deputado Renato Celidonio, e a Elizabeth Marun, esposa de um dos sócios, dava o toque feminino na palestra “for man” que debulhava (já que falamos em milho) assuntos políticos e empresariais.²²⁵

Observamos, no trecho acima, como os homens são descritos em meio a uma importante reunião sobre “assuntos políticos e empresariais”, enquanto a presença feminina dava um “toque feminino”, adicionando beleza e delicadeza em um ambiente destinado aos homens. Essa imagem construída pelo Jornal reiterava a separação das esferas, definidas ainda durante o século XIX com a consolidação da sociedade burguesa, na qual caberiam aos homens as atividades e gestões públicas e às mulheres o domínio do privado, da família e das domesticidades²²⁶.

A partir do conteúdo apresentado pela coluna social podemos nos aproximar do modelo de masculinidade “ideal”. Os homens constituídos na Folha do Norte do Paraná apresentavam *performances* de gênero que congregavam atributos como sucesso, a capacidade provedora, o consumo, a sociabilidade entre seu grupo, o destaque e o domínio do espaço público. Assim, a

²²³ CHALHOUB, Sidney. Op. cit., p. 52.

²²⁴ Folha do Norte do Paraná, n. 1200, 21/1/1967, p. 4.

²²⁵ Folha do Norte do Paraná, n. 1517, 17/2/1968, p. 4.

²²⁶ PEDRO, Joana Maria. As mulheres e a separação das esferas. *Diálogos*, Maringá, v. 4, n. 4, p. 33-39, 2000.

divulgação de suas reuniões de negócios e atividades apresentadas nas notas sociais promovia a visibilidade da “alta e boa sociedade”. Nesse sentido, as ações empresariais eram realizadas em meio a eventos sociais e comemorações, como nos indica o texto veiculado em 7 de março de 1968, em que era informado sobre as discussões que ocorreram no

[...] salão “superior” do Ferrareto, na noite de terça feira última, foi local de reunião de diretores e revendedores da Esso Brasileira de Petróleo S/A. O motivo da reunião foi o lançamento do “Plano de Incentivo para Revendedores e Equipes de Postos de Serviços”. Para tal, antes do jantar houve uma reunião informal onde foi explicado o plano-68 da ESSO.

O grande anfitrião da pedida foi o Sr. Afonso Celso Seara, inspetor da ESSO na região, e atenção para todos os convidados era a tônica principal da reunião. Um detalhe interessante entre os “linha de frente” – da região sul do País – da Esso Brasileira, é que são todos jovens e “pra frente”. Num ambiente de extrema cordialidade e com música de “Os Cometas”, o jantar encerrou-se às 23:00 horas.

Além dos diretores e revendedores Esso, os únicos convidados eram os doutores Heleton Borba Cortes e Adriano Valente. Charuto da melhor marca, ao término do jantar, foi distribuído entre os presentes. A Esso, por ocasião deste acontecimento, reuniu revendedores de toda a região que saíram entusiasmados com a esquemática abordada pelos diretores da firma, “Plano de Incentivo”.²²⁷

Nesse trecho era apresentada uma reunião de negócios realizada em meio a uma “pedida” musical, o que colaborava para tornar esses eventos em grandes espetáculos sociais de visibilidade aos “homens de bem”, suas empresas e famílias. Nesse sentido, notamos a relação de cumplicidade entre a “alta e boa sociedade” e a coluna social, enquanto um mecanismo que divulgava as marcas de pertencimento e distinção desses grupos, atribuindo-lhes valor social e expondo seus estilos de vida²²⁸.

O comentário acima menciona algumas informações como a cordialidade e entusiasmo do evento, a jovialidade e modernidade da “linha de frente” dos comandantes e representantes da empresa, caracterizando e construindo uma imagem positiva desses homens reunidos em uma celebração empresarial. Além disso, essas figuras masculinas eram, novamente, associadas ao consumo de marcas e bens como o “charuto da melhor marca”, o que atestava seu alto padrão social. Nesse sentido, o texto não só divulgava um evento, como também todo um estilo de vida, modo de consumo, que caracterizava o nível de civilização e educação dessa “alta e boa sociedade” e garantia aos sujeitos a projeção de suas imagens nas notas sociais, colocando-se como modelos “ideais” para toda a comunidade.

²²⁷ Folha do Norte do Paraná, n. 1532, 7/3/1968, p. 4.

²²⁸ MARIA, Maurício de Fraga Alves. Op. cit., p. 10.

A valorização do sucesso profissional masculino se relacionava com a afirmação de sua capacidade de administrar e prover. Essa caracterização do homem como provedor, além de historicamente construída, parece, nesses casos, se estender para além das suas obrigações com a sua família, em especial quando a coluna destaca seus trabalhos para o desenvolvimento da comunidade. Conseqüentemente, esses “homens de bem” eram constituídos como pais, líderes e gestores da cidade.

Essa masculinidade “ideal”, divulgada e constituída pela coluna social, relacionava a figura dos “homens de bem” ao seu pioneirismo e sucesso no mundo empresarial. De acordo com Adriana Piscitelli²²⁹, ao analisar as narrativas e trajetórias de alguns pioneiros empresariais no Brasil, os empresários eram figuras masculinas que agregavam características como intuição, percepção, força, energia, ousadia, coragem, resolução, inovação e liderança, características essenciais e que lhes garantiu o mérito e vitória individual.

Acreditamos que os homens apresentados pela coluna de Frank Silva também se alinhavam a um discurso acerca de uma masculinidade bem-sucedida e desejada, como ilustra a nota publicada em 1º de junho de 1968, contando história de empreendimento do dono do primeiro posto de gasolina da cidade, que completava 20 anos naquela data, dizendo que

A data de hoje marca uma significativa efeméride na história de Maringá. Está completando seu vigésimo aniversário a firma pioneira Maluf S/A, que fêz funcionar o primeiro posto de gasolina da cidade e que se constituiu num dos maiores patrimônios do comércio local.

Nesses vinte anos, Maluf cresceu ininterruptamente e hoje, nas suas várias seções, presta excelentes serviços à comunidade regional. Está situada no ponto divisor do Maringá Velho e do Maringá Novo e estabeleceu o marco inicial da era definitiva do desenvolvimento da cidade.²³⁰

Este trecho elogiava e parabenizava a iniciativa do “pioneiro”, colocando seu estabelecimento como um marco e prova do desenvolvimento da cidade. Ademais, esse exemplo de “homem do bem” se configurava na personificação de elementos como trabalho, planejamento, esforço pessoal, superação das adversidades e empreendedorismo, aspectos relacionados com os discursos e as narrativas sobre a fundação de Maringá. O empreendedor apresentado na nota social seria, portanto, um exemplo de um discurso construído acerca de um modelo da masculinidade desejada a todos os homens da sociedade maringaense.

²²⁹ PISCITELLI, Adriana. “Pioneiros”: masculinidades em narrativas sobre fundadores de grupos empresariais brasileiros. SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Bom Tempo Editorial, 2004. p. 175-202.

²³⁰ Folha do Norte do Paraná, n. 1604, 1º/6/1968, p. 4.

Além disso, no restante desse mesmo texto, o autor da coluna informava que, para comemorar essa data, o empresário optou por uma celebração religiosa simples, revertendo o dinheiro que seria gasto com uma festa grandiosa em doações para instituições assistenciais. Assim, em seu comentário final, o colunista parabeniza esse senhor, que “[...] tanto que vem colaborando com o progresso da cidade, pela maneira como ajuda as nossas entidades assistenciais e culturais, por tudo, enfim, que ele, com sua bondade e sua simpatia, tem dado à comunidade que ele ajudou a construir e à qual tanto ama”²³¹. Desse modo, eram colocados como interdependentes o crescimento da cidade e a ação dos “homens de bem”, que eram constituídos como construtores de Maringá.

Além de classificar e apresentar os indivíduos, suas sociabilidades, seus consumos e condutas, as notas sociais que analisamos também orientavam o comportamento masculino, como a nota vinculada em 28 de março de 1969, na qual foram publicadas algumas normas de etiqueta relacionadas às maneiras de se referir às suas esposas, dizendo que, “[...] quando você se referir à mulher, o correto é dizer ‘minha mulher’ e não ‘minha senhora’. Também, quando se referir à esposa de seu interlocutor, o certo é dizer: ‘Sua mulher estava muito elegante hoje’”²³². Ao indicar que os maridos se referissem às suas esposas de tal maneira, o Jornal delimitava atitudes e divulgava valores associados à imagem que se pretendia da “alta e boa sociedade”. Ademais, ao apresentar e orientar o comportamento masculino, as notas sociais buscavam constituir sujeitos distintos e inspiradores para os seus leitores, especialmente ao detalhar suas

[...] belas roupas, as maneiras de andar, comer, falar e o que falar representavam não apenas atos cotidianos, mas apontavam para representações muito amplas no sentido de construir ideais de condutas, modelos a serem seguidos, hábitos de refinamento e que deviam ser praticados, apreciados e copiados por todos. Nesse sentido, as colunas representavam uma maneira de divulgar todos esses códigos, tornando os colunáveis em modelos sociais ao mesmo tempo em que permitiam ao público leitor, não pertencente a esse mundo, participar artificialmente, ou seja, vislumbrá-lo²³³.

A coluna social se configurava em um dos espaços que constituía as condições, o contexto e as normativas para o comportamento e a distinção masculina, por meio de elogios, da divulgação de seus nomes, seus estilos de vida e seus trabalhos. Nessa perspectiva, o Jornal conseguia, por meio de seus mecanismos e de suas estratégias de funcionamento, denunciar e produzir campanhas para a criação de estabelecimentos e de estruturas distintas para o atendimento da “alta e boa sociedade”,

²³¹ Idem.

²³² Folha do Norte do Paraná, n. 1851, 28/3/1969, p. 4.

²³³ MARIA, Maurício de Fraga Alves. Op. cit., loc. cit.

como nos indica o texto vinculado em 5 de julho de 1969, acerca das barbearias, texto no qual o autor instiga:

É muito natural e altamente civilizado, quando vamos a uma cidade com fóruns de Capital, nos dirigimos a uma Barbearia (Barbearia com “B” maiúsculo), para um corte de cabelo e uma barba bem feita, de acordo com os ditames da época em que vivemos, uma vez que o Homem já está chegando a Lua.

Aqui em Maringá, por exemplo, neste mister, ainda estamos no tempo da “pedra lascada”. Não existe uma barbearia que possa oferecer um ambiente à altura dos homens civilizados que convivem em nossa sociedade. Vamos começar a contar o tempo, até que se instale uma Barbearia daquelas que é comum encontrar em cidade grande.²³⁴

Os comentários do autor pontuavam acerca da necessidade de uma barbearia distinta na cidade, o que criaria um ambiente masculino que se diferenciava dos salões de beleza femininos, e que seria um sinal de civilização e de acompanhamento das tendências presentes nas grandes cidades. Seguindo os apontamentos de Vanderlei Machado²³⁵, em que considera como a imprensa participava ativamente da constituição e educação dos sujeitos, adequando-os aos novos tempos, entendemos que a Folha do Norte do Paraná também procurava orientar os indivíduos e, como no caso da nota acima, estimular a criação de espaços modernos para o desenvolvimento de novas sociabilidades ligadas, principalmente, aos grupos dominantes.

Entretanto, o desejo e a necessidade de uma barbearia na cidade nos indicam também a tentativa de estabelecer regras para a masculinidade, ou seja, além de se alinhar aos grandes centros, a existência de boas barbearias se alinhavam a uma normativa em relação à estética masculina. Este aspecto nos aponta para uma disciplinarização de corpos via estética, isto é, a barba bem feita enquanto uma imagem corporal símbolo de virilidade, força, respeito.

Nessa perspectiva, a coluna social seguia orientando o comportamento da população, como podemos observar na publicação de 3 de janeiro de 1971, quando foi impresso o texto “Os Perturbativos”, sobre a desordem causada por alguns jovens nas noites da cidade, advertindo que

Tudo na vida tem limite e acontece que a zueira dos perturbativos no centro da cidade já ultrapassou todos os limites da paciência. Nestas últimas noites a turma esteve no auge da bagunça, com suas “lenhas” e a barulhada dos carros de escapamento aberto. Isto não seria lá muito chato se os “boys” apenas arriscassem suas próprias vidas. O pior é que eles botam em risco a vida de todo mundo e agridem os transeuntes com o seu festival de palavrões, inclusive mexendo com as senhoras e senhoritas que passam por perto. Os caras não têm classe: vão abordando as moças estupidamente. Nunca ouviram falar numa coisa chamada

²³⁴ Folha do Norte do Paraná, n. 1928, 5/6/1969, p. 4.

²³⁵ MACHADO, Vanderlei. Op. cit., p. 19.

cavalheirismo. Daqui vai ser preciso colocar uns cinquenta policiais na área da zueira, para segurar os “meninhos” bagunceiros. Gente direita nem quer mais passar pelos locais preferidos desses “boys” de araque. Com isso, os estabelecimentos comerciais (bares e restaurantes) situados nas imediações começam a sofrer prejuízos. Os louquinhos não gastam nada e impedem a aproximação de quem pode gastar alguma coisa. Polícia neles!²³⁶

Nesse trecho notamos como as reclamações do Jornal em relação ao comportamento desses jovens ricos se diferia do tratamento dado aos “bebuns” da coluna policial, como veremos no próximo tópico, mesmo ambas se constituindo enquanto condutas divergentes do modelo de masculinidade “ideal”. Assim, diferente da zombaria que envolvia o tratamento dos “pinguços”, que desacreditava e transformava esses sujeitos em piadas, os “boys” eram tratados com indignação, uma vez que, além de “transgressores”, esses indivíduos também desviavam das expectativas relacionadas à sua posição social como sustentáculos de uma masculinidade hegemônica.

Além disso, notamos como a notícia não faz uso de nenhuma menção desonrosa e de humor, que possibilite uma exposição, visto que os nomes ou sobrenomes desses jovens não eram publicados no texto. Dessa maneira, esses sujeitos pertencentes a famílias de bom conceito na cidade, como afirma a fonte, eram protegidos pelo Jornal, diferentemente dos “bebuns”, constantemente identificados e nomeados nas edições do periódico.

Diante desse cenário, a indicação do Jornal é clara: “Polícia Neles!”. A vinculação dessa denúncia nos indica a função pedagógica da coluna social, buscando adequar o comportamento desses jovens para aproximá-los de um modelo de masculinidade civilizada, educada e moderada. Ademais, a manutenção desse modelo masculino era a garantia de *status* para as grandes famílias, que utilizavam o espaço das notas sociais para se firmarem enquanto grupo dominante e exemplo para o restante da população.

Aliadas às denúncias da coluna social, as notas policiais também expunham ações desordeiras de jovens vinculados a “famílias de bom conceito”, como nos aponta a notícia “Rapazes embriagados provocam tremenda confusão na cidade”, publicada em 20 de junho de 1969:

Tem sido bastante frequentes os casos de brigas e confusões provocadas por jovens pertencentes a famílias de bom conceito na cidade. São moços ricos que se acham no direito de fazer o que bem entendem, criando riscos para quem está preso e dando um desagradável trabalho à Polícia. Recentemente, numa festa, foram presos diversos deles, num episódio que deixou a sociedade entristecida e muitas famílias sem graça pelo ato praticado pelos rapazes.²³⁷

²³⁶ Folha do Norte do Paraná, n. 2278, 3/1/1971, p. 4.

²³⁷ Folha do Norte do Paraná, n. 1915, 20/6/1969, p. 2b.

Essa nota da coluna policial aponta para como as atitudes desses “perturbativos” eram motivos de entristecimento para a sociedade e vergonha para as suas famílias. Desse modo, compreendemos que a desqualificação dos rapazes atingia seus familiares, principalmente em relação à manutenção de seu *status quo*, sua relevância social e, conseqüentemente, econômica e política, visto que ambos esses aspectos se relacionam com a correspondência desses sujeitos aos valores e imagens valorizadas na sociedade à qual estavam vinculados. Nesse sentido, as notas no Jornal expondo esses vexames sociais buscavam chamar a atenção, avisar e orientar o comportamento desses rapazes, que, por serem jovens, ainda podiam ser corrigidos.

Assim, portanto, entre as fronteiras que separavam “bebuns” dos “homens de bem”, o consumo de bebidas alcoólicas e a arruaça não eram permitidas, sendo elementos de desqualificação do sujeito. Além disso, uma vez tomado esse caminho, não haveria mais recuperação, em especial no caso dos “pinguços”, seja por uma questão de alcoolismo ou, principalmente, social. Aos “boys”, no entanto, por mais que cometessem essas mesmas infrações, havia uma tolerância. Por estarem em suas juventudes, construindo suas masculinidades, eles ainda não eram “homens de bem”. Nesse contexto, os desvios eram permitidos. Por fim, podemos inferir que os marcadores de gênero, em relação à masculinidade, passavam por questões de classe, em que transgredir é sempre mais possível a uns que a outros.

Ademais, as quebras do modelo de masculinidade “ideal” representadas pela atitude dos jovens perturbativos indicam que a relação entre o controle, as normas, o poder e os sujeitos eram complexas, envolvendo lutas e resistências, ou seja, os indivíduos nem sempre respondiam às expectativas comportamentais esperadas para si. Nessa perspectiva, entre os sujeitos extremos que trabalhamos neste capítulo existiam também outras masculinidades como a dos trabalhadores pobres, dos homens do campo, a dos criminosos, entre outros.

Além disso, em outra nota publicada, esta de 7 de janeiro de 1971, podemos observar como as denúncias do periódico pareciam produzir resultados, quando fora vinculada a informação de que a “[...] onda começou a ficar pesada para os ‘nhô-boys’ (boys do sítio) que andam fazendo zueira por aí. Eles quiseram exagerar nas suas gracinhas e o resultado foi esse: a cidade inteira bronqueou e agora a brincadeira pode terminar em cana. Bem que a gente avisou”²³⁸. A partir dessa nota observamos como o Jornal se organizava enquanto um mediador, construtor e interventor entre a população e o poder público, intervindo na política da cidade e na conduta de sua população.

Finalmente, notamos que o discurso da coluna social acerca dos “homens de bem” os constituía e veiculava as imagens desses sujeitos características como a

²³⁸ Folha do Norte do Paraná, n. 2281, 7/1/1971, p. 4.

[...] sua capacidade de ação, praticidade e objetividade, sucesso, força e iniciativa, e vinculavam-se os atributos da virilidade ao trabalho, que deveria desempenhar uma função central na vida do homem. O trabalho cumpria também a função de nomear o mundo subjetivo do homem, fazendo-o por meio de uma tentativa de eliminar o que nele havia de duvidoso, impreciso e disforme²³⁹.

Nesse sentido, eram publicadas imagens dos empresários da cidade, dos provedores de suas famílias, daqueles que zelavam e garantiam o desenvolvimento da comunidade, sendo esses “homens de bem” os que se aproximavam e mantinham uma masculinidade hegemônica na sociedade de Maringá.

3.2 A construção do descrédito dos “bebuns”

O discurso da Folha do Norte do Paraná em relação ao consumo das bebidas alcoólicas nos parece ambíguo. Ou seja, quando a prática de consumir álcool era associada aos populares, esse ato de lazer era estigmatizado e condenado pelo Jornal, constituindo-se em um elemento de descrédito e de desqualificação desses sujeitos. Quando, no entanto, associado à “alta e boa sociedade”, esse momento de sociabilidade relacionado ao ato de consumir bebidas, como cervejas e whisky, se caracterizava enquanto um elemento de distinção social. A identificação dessa característica do discurso do periódico nos permite ponderar acerca das *performances* de masculinidades que se buscavam hegemônicas e os outros modelos masculinos subordinados ou cúmplices.

Outro aspecto desses discursos do Jornal, que teciam relações entre os homens e as bebidas alcoólicas, era a apresentação diferenciada desses dois modelos de masculinidades. Os homens da coluna social eram apresentados de maneira séria a partir de diferentes aspectos, como suas sociabilidades, seus empregos, negócios e família, ou seja, aos “homens de bem” era conferido um controle sobre si que lhes autorizava o consumo alcoólico. Os homens “bebuns” da coluna policial, por sua vez, eram retratados como unidimensionais, aparecendo no periódico apenas sob o aspecto do descontrole, da desordem e da vadiagem decorrentes do consumo imprudente do álcool.

Focamos nossa análise nas maneiras como a coluna policial retratava e produzia discursos sobre os indivíduos que abusavam das bebidas alcoólicas, construindo esses sujeitos enquanto aqueles que contradiziam um modelo de masculinidade controlada, viril e de sucesso. Buscamos, portanto, analisar como as notas policiais, por meio de suas escolhas de vocabulário e da diagramação de suas edições, visava destacar algumas informações, construir imagens e discursos sobre os homens alcoolizados, considerando que esses elementos contribuía para a constituição de

²³⁹ MATOS, Maria Izilda Santos de, 2001, p. 42.

dois modelos opostos e complementares de masculinidades, representados pelos “bebuns” e pelos “homens de bem”.

Durante o processo de leitura e tabulação das edições do Jornal observamos que as notas acerca das prisões dos embriagados passaram a ser frequentes entre os anos 1969 e 1970, nos quais esse tipo de menção na coluna policial era quase que diário. Relacionamos esse aspecto com o crescimento da população urbana de Maringá, que, entre as décadas de 60 e 70, praticamente duplicou, introduzindo novos sujeitos no cotidiano da cidade, estranhos à dinâmica, organização e valores veiculados e defendidos no conteúdo do periódico. Ao apresentar esses indivíduos em suas edições, a Folha do Norte do Paraná contribuía para a localização desses homens no espaço urbano e sua hierarquização na sociedade local.

Além disso, esse período compreendia a consolidação e o endurecimento das políticas de moralização e de repressão movidas pela ditadura sobre sujeitos “desviantes”, como, por exemplo, os “alcoólatras” e as “prostitutas”, o que em parte explicaria o enfoque nas prisões e sua divulgação no Jornal. Conforme observamos na publicação de 5 de julho de 1969, ali consta uma lista das prisões por embriaguez e vadiagem relacionados abaixo da manchete “Ontem prenderam mais 21: operação limpeza continua”²⁴⁰. O encarceramento dessa população seria parte de uma política de contenção daqueles que não se adequavam ao discurso de ordem, progresso e trabalho.

Nesse contexto, uma das estratégias do Jornal era dar destaque e elogiar as ações policiais, como no texto “Bebuns em cana”, publicado em 24 de setembro de 1970, ao apresentar o trabalho da Rádio Patrulha:

No seu último expediente, da sexta para ontem, as viaturas da Rádio Patrulha apresentaram um bom rendimento, no que consiste na detenção de bebuns, desordeiros, vadios e outros perturbadores da ordem pública. Entre as detenções realizadas, oito pessoas foram levadas para a sala de plantão da 13ª Sub-divisão Policial.²⁴¹

O trecho acima elogia a detenção dos grupos de “bebuns, desordeiros, vadios e outros perturbadores da ordem pública”, nos indicando a busca pelo controle social dessa parcela da população considerada uma ameaça aos bons costumes e à cultura do trabalho. Ao nos aproximarmos das reflexões de Sidney Chalhoub²⁴², sobre o processo de combate à ociosidade no Rio de Janeiro no início do século XX, concebemos que o Jornal e as autoridades policiais

²⁴⁰ Folha do Norte Paraná, n. 1928, 5/7/1969, p. 2b.

²⁴¹ Folha do Norte Paraná, n. 2193, 24/9/1970, p. 5.

²⁴² CHALHOUB, Sidney. Op. cit., p. 70.

buscavam a vigilância dos populares e o combate à desordem produzida, supostamente, pelos vícios e pelo ócio, considerados um obstáculo à construção de sociedade ordeira.

De tal modo, assim como na repressão à prostituição, notamos que as ações das autoridades policiais e do periódico se somavam no enquadramento dos alcoólatras da cidade, entretanto o tratamento dado ao consumo em excesso de álcool possuía algumas particularidades. Entre elas o tom de zombaria que perpassa as notas policiais acerca das prisões dos indivíduos embriagados, diferente do aspecto condenatório e moralizante das notícias sobre a prostituição. Essa diferenciação da escrita do Jornal e na ação policial no tratamento entre os sujeitos masculinos e femininos, se materializava no número de campanhas organizadas contra a prostituição, no tom e nos adjetivos empregados pelo discurso. A especificidade da produção discursiva sobre esses sujeitos está relacionada com a posição que eles ocupavam na estrutura do gênero e na sociedade, em que os “bebuns” são apenas desqualificados e ironizados, enquanto que sobre as prostitutas recai o policiamento de suas posturas, comportamentos e corpos enquanto um espaço subalterno em cerceamento, disputa, controle e cuidado, reforçando a complementariedade e oposição dos sujeitos investigados nesta pesquisa.

Além disso, considerando o discurso do Jornal, observamos que, ao descrever as prisões em suas notas policiais, era associado o consumo de álcool à perturbação da paz, desordem e violência, como podemos perceber no texto veiculada em 14 de fevereiro de 1970, no qual era informado que “[...] também por estar bêbado foi recolhido o Valdemar Domingues Valadares, detido na Estação Rodoviária. Este, além de bêbado, estava praticando as maiores desordens e ainda agrediu uma outra pessoa”²⁴³. Esse trecho da matéria traz algumas informações como o nome do preso, local da prisão e motivos, noções básicas que localizavam os acontecimentos, associado ao emprego de termos e escolhas de diagramação, como o uso de letras maiúsculas indicando os nomes dos apreendidos, o que contribuía para a identificação, diferenciação e conexão entre esses sujeitos nomeados, o excesso de álcool e descontrole.

Nessa perspectiva, era publicada em 13 de janeiro de 1971 a nota intitulada “Encheu a cara”, cujo conteúdo apresentava que, “[...] às 21:15 horas de anteontem, foi posto em ‘cana’, o indivíduo Pedro Pereira Neto, funcionário da Empresa Andorinha, por embriaguez e desordens. Mas quando o policial Jatobá notou o ‘bagunceiro’, levou-o imediatamente para o xadrez”²⁴⁴. Essa nota em particular era uma das poucas que apresentava o local de trabalho do embriagado, o que contribuía

²⁴³ Folha do Norte do Paraná, n. 2109, 14/2/1970, p. 6b.

²⁴⁴ Folha do Norte do Paraná, n. 2286, 13/1/1971, p. 5.

para a associação entre os indivíduos alcoolizados e a vadiagem, constituindo esses sujeitos como avessos ao trabalho, ou seja, uma contradição da masculinidade “ideal” e provedora.

Em outro caso, publicado em 14 de janeiro de 1971, a nota informava que, “[...] às 20:50 horas, foram recolhidos em ‘cana’, os indivíduos Luiz Carlos (que tinha em seu poder Cr\$ 7,10; dois relógios de pulso; uma cinta. Estava sem documento) e Antonio Garcia Filho (um relógio de pulso; Cr\$ 20,75; um isqueiro; um crucifixo e sem documentos)”²⁴⁵. Ao descrever os pertences que esses homens carregavam, acreditamos que o Jornal associava esses sujeitos com o furto. De tal modo, assim como nas notas anteriores, esses textos transmitem a advertência em relação à perda de valores morais e a perversão relacionada com o consumo em excesso de bebidas alcoólicas.

A partir desses discursos, inferimos que o descontrole relacionado à embriaguez e à falta de moderação diminuía o valor social desses homens e os afastava de uma masculinidade hegemônica, tornando-os desordeiros, ladrões e vadios. De acordo com Vanderlei Machado²⁴⁶, os jornais e as ações policiais colaboravam no processo de qualificação e de desqualificação de determinados sujeitos masculinos, contribuindo para a sua ascensão social ou para o seu isolamento.

Desse modo, consideramos que a organização das notas policiais, nesse processo de (des)qualificação dos indivíduos embriagados, apresentava algumas características gráficas que construíam sentidos e possibilitavam a identificação dos comentários que se referiam a casos de embriaguez. Sendo assim, encontramos elementos-padrão de redação, como a divulgação dos nomes dos presos, dos locais das prisões, o uso de figuras de linguagem, que destacavam o humor, a ironia e o sarcasmo com que eram retratados os “bebuns”. Ademais, o uso pontual de letras maiúsculas para identificar os sujeitos, destacando seus nomes, os títulos chamativos e bem-humorados, também buscavam despertar atenção para o conteúdo produzido.

Neste contexto, eram publicadas notas como a de 25 de janeiro de 1968, a qual informava que fora “recolhido ao xilindró o indivíduo J. M. Filho, por ter engolido muita ‘purinha’ e se encontrar ‘ligeiramente’ embriagado. Foi preso na Avenida Tamandaré [...] ficando à disposição da autoridade competente”²⁴⁷. De forma geral, entendemos que, ao empregar alguns termos como “xilindró” e “purinha”, o Jornal acrescentava, a suas notícias, humor e zombaria – elementos que, assim utilizados, acabavam por colocar em dúvida o caráter do indivíduo, contribuindo para o seu descrédito e a sua desqualificação social.

²⁴⁵ Folha do Norte do Paraná, n. 2287, 14/1/1971, p. 5.

²⁴⁶ MACHADO, Vanderlei. Op. cit., p. 207-208.

²⁴⁷ Folha do Norte do Paraná, n. 1498, 25/1/1968, p. 8.

Da mesma forma, em 2 de fevereiro de 1968 foi divulgada uma lista de prisões por embriaguez, lista na qual novamente se sobressaía uma série de ironias e sarcasmos, como podemos observar:

João Pedro Bueno abusou da mandureba. Tomou umas e outras, ficou naquele estado que nós bem conhecemos e acabou sendo engaiolado.

Outro que andava pensando que cachaça era água foi o João Ferreira dos Santos. Acabou indo curtir a ressaca no gélido porão da divisão policial.

Ontem até parece que foi dia dos pé-de-cana. Outro que andou lambiscando umas e outras foi o Manoel José dos Santos. Azar ter encontrado os policiais João Ferreira e Hamilton, que o ajudaram a curtir a ressaca conduzindo-o para as grades.

Mais um, Lucindo Izaias Taborda, também “encheu o caco”. Os tiras João Ferreira e Hamilton encanaram-no para que o mesmo não ficasse perturbando.

A dupla João e Hamilton, ao que parece, só encana “bebum”. Outro que caiu nas malhas da dupla foi o Noel José J. Soares, que também estava em completo estado etílico.²⁴⁸

Ao nomear essas figuras masculinas, o discurso do Jornal os diferenciava e os individualizava. Assim, esses “bebuns” não representariam todos os homens da sociedade maringaense, eles se restringiam a apenas esses sujeitos identificados na coluna policial. Consideramos que esse processo de individualização dos sujeitos se relaciona com as considerações de Foucault acerca dos mecanismos de funcionamento das sociedades disciplinares, especialmente em relação à garantia da vigilância dos indivíduos por meio da visibilidade e do contínuo controle do tempo e espaço²⁴⁹.

Notamos também o uso do humor ao retratar os indivíduos presos por abuso alcoólico, apresentados de maneiras diferentes das outras “transgressões” veiculadas na coluna policial e que destacam a violência, o sensacionalismo ou o apelo moral. Inferimos que o recurso humorístico empregado nessa espécie de conteúdo se constituía enquanto um mecanismo que colaborava para desacreditar e desqualificar esses sujeitos, que transgrediam um modelo de masculinidade forte, viril e moderada, sendo considerados degenerados físicos e morais, obstáculos à consolidação de valores burgueses e capitalistas, como indica Maria Izilda Santos de Matos²⁵⁰ sobre as campanhas antialcoólicas no Brasil do início do século XX.

Dessa forma, também em 7 de julho de 1970 eram publicadas algumas notas nas quais o humor era outra vez acionado para descrever a prisão de “embriagados”, como podemos observar abaixo:

²⁴⁸ Folha do Norte do Paraná, n. 1505, 2/2/1968, p. 11.

²⁴⁹ FOUCAULT, Michel, 2004, p. 121.

²⁵⁰ MATOS, Maria Izilda Santos de. Op. cit., p. 10.

Pinga: B. J. dos Santos andou abusando o excesso de calibragem alcoólica, perdeu os controles e, por culpa da “pinga”, foi recolhido ao xadrez.

Cachaça: Por culpa da cachaça, o D. F. da Silva foi parar em cana. Ele começou a beber, gostou tanto que acabou se embriagando, sendo carregado ao cárcere.

Embriagues: Só dá bêbado nesta cidade? G. Dias. e D. Afravio foram detidos pelos agentes de ronda também por embriagues. Êta pinguinha...²⁵¹

Nesse texto, assim como em outras notas policiais, se repetia o emprego de alguns termos como “bêbados”, “pinguços”, “bagunceiro”, “bebum”, “amantes da branquinha”, “cidadão honorário da pinga”, “cachaça”, “pinguinha”, “cana”, “xilindró”, “xadrez”, “mansão amarela”, “pileque”, “corró”, utilizados com a função de zombar e, conseqüentemente, desacreditar esses sujeitos. Concebemos que o uso desse tipo linguagem contribuía no jogo de hierarquização social ao classificar os sujeitos e atribuir-lhes valores, ou seja, o Jornal, por meio desses mecanismos, colaborava para isolar esse grupo, colocando-os como *outsiders*²⁵² da comunidade maringaense.

Para além dos elementos já apresentados, as notas policiais também faziam uso de títulos chamativos, como o veiculado em 19 de junho de 1969, que dizia “Polícia: Prato do dia ainda são os bêbados”²⁵³ e, em seguida, apresentava uma lista das prisões por embriaguez ocorrida naquele dia. Ou ainda a manchete “O ‘bebum’ que está com a ‘barra suja’”²⁵⁴, publicada em 9 de novembro de 1969, que apresentava a prisão de um homem que estava embriagado associado a outros crimes. Essa seria mais uma das estratégias do jornalismo, em especial, o associado a fatos policiais, para despertar a atenção dos leitores e destacar o seu conteúdo do restante da edição diária do jornal.

Depois de recolhidos do espaço urbano, os embriagados eram, como ilustram as notas de 11 de fevereiro de 1968 e de 13 de junho de 1970, que, respectivamente, apresentavam: “[...] no posto Marília, os agentes de plantão prenderam o indivíduo F. V. da Costa, que abusou da ‘cachaça’, estando completamente embriagado. Foi curar a ‘ressaca’ no xadrez”²⁵⁵ e “[...] foi encanado o indivíduo Sebastião Generoso, por embriaguez. Melhorando do bebum foi ‘generosamente’ solto”²⁵⁶. A prática rotineira dessas “prisões de um dia” nos indica, como normativa em relação à abordagem dos alcoólatras, a sua apreensão não lhes garantia encaminhamento a locais de tratamento, como os sanatórios, por exemplo. Sendo assim, inferimos que o objetivo da repressão

²⁵¹ Folha do Norte do Paraná, n. 2132, 7/7/1970, p. 5.

²⁵² ELIAS, Nobert. Op. cit., loc. cit.

²⁵³ Folha do Norte do Paraná, n. 1914, 19/6/1969, p. 2b.

²⁵⁴ Folha do Norte do Paraná, n. 2035, 9/11/1969, p. 7.

²⁵⁵ Folha do Norte do Paraná, n. 1512, 11/2/1968, p. 8.

²⁵⁶ Folha do Norte do Paraná, n. 2113, 13/6/1970, p. 5.

aos “bebuns” não seria necessariamente sua reintegração à sociedade, mas sim, a punição, o isolamento e a desqualificação do sujeito.

Para além dos pontos já apresentados, a Folha do Norte do Paraná, ao apresentar os embriagados, ainda trazia algumas reflexões e anedotas antes das informações acerca das prisões, como na notícia de 17 de maio de 1970:

A Inezita Barroso lançou aquela música “A marvada Pinga”, que diz “é com a marvada pinga que me atrapaio; Ali mesmo eu bebo mesmo caio; Depois saio carregada por dois sordado; Ai muito obrigado”. Foi mais ou menos isso que aconteceu na Estação Rodoviária com os indivíduos Goes Rachiol e João Batista. Eles se embriagaram e o jeito foi saírem carregados pelos soldados, aí muito obrigado. Estão em cana.²⁵⁷

As linhas acima, ao relacionarem dois sujeitos embriagados com a música de Inezita Barroso, traçam um paralelo entre o descontrole do eu-lírico sendo carregado pelos soldados e os “bebuns” de Maringá sendo apreendidos pela polícia. Notamos que essa espécie de conteúdo indica como a falta de moderação em relação ao consumo de bebidas alcoólicas, principalmente, pelos populares, transformava esses homens, rompendo com as bases de uma masculinidade que se buscava hegemônica, ou seja, o controle do corpo, dos gestos e das emoções, tornando-os violentos, desordeiros, inaptos ao trabalho e vadios.

Encontramos também essa outra nota, que apresentava uma reflexão antes de veicular as informações sobre as prisões do dia. Foi a publicação em 1º de julho de 1970, em um texto que, em tom bem-humorado, introduzia a notícia da seguinte maneira:

Com esse tempo, ora quente ora frio. Com essa onda de gripe em todo mundo, cada um procura uma maneira de esquentar ou de evitar a gripe. O Francisco Vidal da Costa procurou a maneira mais tradicional para todos os males. Baseado naquele “slogan” de quem bebe morre, quem não bebe também, ele entrou na branquinha. Entrou tão firme que já estava sem firmeza de tão embriagado que ficou e acabou sendo detido na Avenida Mauá pelos agentes de plantão e recolhido ao xadrez.²⁵⁸

No exemplo acima observamos como o texto apresenta que o indivíduo estava “sem firmeza de tão embriagado” e foi detido pela polícia, o que se opunha a características como virilidade e força associadas uma *performance* masculina “ideal” e socialmente aceita. Seguindo as reflexões de Kety March²⁵⁹ sobre os processos criminais no Paraná na década de 1950 e sua relação na

²⁵⁷ Folha do Norte do Paraná, n. 2181, 15/5/1970, p. 8b.

²⁵⁸ Folha do Norte do Paraná, n. 2127, 1º/7/1970, p. 5.

²⁵⁹ MARCH, Kety Carla de. **Jogos de luz e sombra**: processos criminais e subjetividades masculinas no Paraná nos anos 1950. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

constituição das masculinidades, concebemos que a Folha do Norte do Paraná também constituía o abuso alcoólico como um elemento desqualificador do sujeito.

Ademais, outro mecanismo utilizado pelo Jornal, para dar destaque nas notas policiais relacionadas com a prisão de “embriagados”, era a apresentação e a ênfase a um indivíduo que era veiculado, frequentemente, em suas edições. Durante o ano de 1969, o sujeito era Benedito Mariano, selecionado pelo periódico como um dos principais alvos das zombarias, sendo diversas vezes mencionado nas colunas policiais, tendo sido apresentado a primeira vez em 16 de outubro de 1969, na nota intitulada “O bêbado do dia”, em que era informado que “outra vez. Apenas uma pessoa presa por “entortar” uma “branquinha”. O de hoje é BENEDITO MARIANO, detido na Vila Operária aos 45 minutos de ontem”²⁶⁰.

Assim como na nota anterior, notamos como nome do Benedito era veiculado em letras maiúsculas, facilitando a identificação das notícias relacionadas a esse personagem, como também podemos identificar, na publicação de 7 de novembro de 1969, que dizia:

[...] o famoso BENEDITO MARIANO. O Benedito, desta feita, tomou o maior “pileque” já no Maringá Velho e depois começou a promoção de desordens. Não tem jeito mesmo. Benedito sai da cadeia, algumas horas fora apronta, volta novamente. Já conhece todo mundo lá dentro.²⁶¹

Nesse trecho destacamos como o comportamento recorrente desse personagem o tornava popular, ao mesmo tempo em que a nota infantiliza seu comportamento ao dizer que Benedito sai da cadeia e sempre volta a “aprontar”. Ao aproximar a figura desse sujeito a de uma criança malcriada, essas notas policiais reforçavam a incompatibilidade entre o abuso do álcool e a construção de uma masculinidade honrada, viril e de sucesso, constituindo uma outra masculinidade “subordinada” associada à embriaguez, ao descontrole, à criminalidade e à degeneração física e moral.

Ao dar continuidade no acompanhamento dos feitos de Benedito, a Folha do Norte do Paraná veiculou, em 23 de novembro de 1969, a nota “Oh! Benedito”, informando que

Ele, o maior freguês, o abominável homem da pinga, BENEDITO MARIANO, o bom do copo – campeão halterocopismo, novamente está em cana. Entrou ontem às 2 horas da madrugada detido no Maringá Velho por um guarda noturno. Segundo ele, em “péssimo estado de embriaguez”.²⁶²

²⁶⁰ Folha do Norte do Paraná, n. 2013, 16/10/1969, p. 7.

²⁶¹ Folha do Norte do Paraná, n. 2033, 23/11/1969, p. 9.

²⁶² Folha do Norte do Paraná, n. 2046, 23/11/1969, p. 9.

O trecho acima dedica suas primeiras linhas a apresentar Benedito com um vencedor na arte de se embriagar, para, em seguida, informar a ocorrência de mais uma prisão desse indivíduo. A partir de notas como essa, construímos a hipótese de que o conteúdo produzido pelo Jornal em relação a esse sujeito e a outros “embriagados” possuía uma dupla função. Em primeiro lugar, seu discurso desqualifica esses indivíduos, por meio da ironia, do sarcasmo e da zombaria presentes em seus textos, destacando a falta de controle causada por essa prática. Em segundo lugar, essas menções eram alertas e avisos as/os leitoras/es para os perigos da falta de moderação em relação ao consumo do álcool.

Uma retomada histórica acerca dos posicionamentos e debates sobre o consumo de bebidas alcóolicas, especialmente, daqueles produzidos no início do século XX, em que em meio a um contexto de modificações no espaço e na produção industrial as discussões sobre o álcool eram protagonizadas pelo Estado, pela medicina higienista e indústria de bebidas alcóolicas. Neste contexto, o recorte de classe em relação ao consumo alcóolico se impunha de maneira que se acreditava na degeneração dos populares e trabalhadores, ao mesmo tempo em que as propagandas estimulavam a sua aquisição pelas classes altas e médias²⁶³.

A bebida, portanto, pode ser compreendida como um ato social, principalmente, a partir do espaço dos bares, refletindo a relação consumo alcóolico e sociabilidade masculina. Isto é, o ato de beber se masculinizava, era significado como um aprendizado do código masculino, no qual os bares eram palcos de masculinidade onde o excesso era considerado negativo e degenerativo, enquanto a socialização pela bebida era carregada com uma carga positiva²⁶⁴.

As constantes prisões de Benedito e o destaque de seu nome na coluna policial faziam com que os leitores com facilidade o localizassem dentro do periódico e acompanhassem sua vida, através do discurso do Jornal, como uma sucessão de peripécias. Isso o podemos observar na nota de 18 de novembro, intitulada “Eta Benedito”, em que o sujeito é preso por estar bêbado e causar desordem em uma churrascaria. O texto dizia: “Com o BENEDITO MARIANO na pinga não há quem possa. Não há de ver que ele ‘aprontou’ novamente. [...] já está tão acostumando a ser preso que até nós estranhamos o dia em que seu famoso nome não acontece nesta coluna. E o motivo é sempre o mesmo: pinga”²⁶⁵. Sendo assim, sua prisão passava a ser tratada de forma rotineira – seria ele o personagem constante e famoso no espaço das notas policiais.

²⁶³ SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. Gênero, Masculinidades e Alcoolismo: Brasil no início do século XX. **Revista Cadernos De Clio**, Curitiba, n.º 4, p. 169-200, 2013.

²⁶⁴ Idem.

²⁶⁵ Folha do Norte do Paraná, n. 2041, 18/11/1969, p. 9.

Além disso, como aponta outra notícia, esta publicada em 25 de novembro de 1969, sob o título “Será o Benedito?”, como uma brincadeira baseada no ditado popular que se refere a situações indesejáveis, fora veiculada mais uma prisão de nosso personagem. No texto era veiculado que “[...] ele é mesmo incorrigível. [...] E cada vez que o prendem é em lugares diferentes. Desta vez estava lá no Edifício Genko, “aprontando” uma das suas. Não adianta, Benedito! Você nunca vai conseguir acabar com a pinga da cidade”²⁶⁶. Observamos como, em todas as notas apresentadas, a busca por disciplinar, educar ou reintegrar o “incorrigível” parece não ser o objetivo. O Jornal não traz reivindicações acerca de medidas para ajudar esses sujeitos. Ao contrário, seus textos são estruturados com a perspectiva de desacreditar, de desqualificar e de isolar esses indivíduos.

Por fim uma das últimas publicações que identificamos sobre Benedito fora publicada em 27 de novembro de 1969, veiculando que,

Mais uma vez, o inveterado ‘bebum’ foi recolhido ao xadrez. BENEDITO MARIANO não se entende: não se sabe se ele gosta de ir preso ou gosta de beber. A verdade é que ele não sai da cana devido à cana. Pelo menos os nomes conjuminaram. Já fizeram até uma sugestão dar um prêmio ao BENEDITO quando ele completar mil prisões: como vítima, claro.²⁶⁷

Nas linhas acima, assim como nas notas anteriores, nós nos aproximamos de Benedito Mariano, que, apesar de nos parecer muito próximo e familiar por estar presente quase que diariamente nas edições da coluna policial, nos é um estranho, visto que conhecemos apenas um aspecto de sua vida, qual seja, a desordem e o descontrole causado pelo consumo excessivo de álcool. Nesse sentido, muitas perguntas rodeiam a figura de Benedito: Será que ele tinha família, filhos? Era casado? Qual a sua idade? Possuía um emprego? Onde e como vivia ou quando se iniciou seu problema com bebidas alcoólicas?

Talvez esses outros aspectos que envolviam a vivência de Benedito poderiam nos ajudar a compreender quem era esse homem e qual era a sua história. A partir do que nos informa o Jornal, podemos imaginar um sujeito adulto, afastado de seus familiares e que, provavelmente, também perdera seu emprego por conta do alcoolismo. Tratava-se, então, de um sujeito alvo de zombaria da imprensa, desacreditado social, mas que também era o bêbado camarada, amigável, não violento e que, possivelmente, constituiu uma rede de sociabilidade com os policiais, donos de bares e demais cidadão lhe eram próximos e garantiam sua sobrevivência.

²⁶⁶ Folha do Norte do Paraná, n. 2047, 25/11/1969, p. 9.

²⁶⁷ Folha do Norte do Paraná, n. 2049, 27/11/1969, p. 9.

Essas subjetividades desviantes, representadas por Benedito e por outros “bebuns”, são compreendidas por nós enquanto resistências, microlutas e relações de poderes. Esses indivíduos nos permitem pensar acerca do alcance da ação do discurso e de como suas indicações moralizantes e normativas incidiam sobre os sujeitos. Acreditamos que os conteúdos produzidos pelo Jornal eram assimilados de diferentes maneiras pelos indivíduos leitores. Assim, a presença de “embriagados” na cidade tecnicamente planejada indicava a não conformidade ou o não alinhamento, ainda que inconsciente, desses homens a um discurso que buscava reafirmar uma masculinidade moderada e controlada.

Assim, o conteúdo presente na coluna policial acerca das masculinidades denunciava um modelo de masculinidade “subordinada” e “desacreditada”, que se opunha a uma série de preceitos morais, considerados pelos grupos dominantes da sociedade de Maringá e pela Folha do Norte do Paraná, como base do desenvolvimento local, sendo eles a força, o esforço e o trabalho como lei suprema e reforço de uma masculinidade que se buscava hegemônica. O homem embriagado, por sua vez, era, ao contrário, ocioso, pervertido, violento, desordeiro, degenerado físico e moralmente.

O discurso do Jornal sobre essas masculinidades, de acordo com as contribuições de Butler²⁶⁸ sobre a construção dos gêneros, entendidos como uma prática discursiva contínua, estilizada por um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora rígida, nos permite notar que o desregramento e o descontrole diante do consumo de álcool desafiavam e se contrapunham à constituição de uma masculinidades hegemônica, pautada na moderação, na força, na virilidade, na elegância e no comprometimento com o desenvolvimento social da cidade.

Ademais, com base nas indicações de Sidney Chalhoub e a partir dos aspectos apresentados, podemos inferir que, mesmo o Jornal buscando construir linhas divisórias e dualidades acerca das subjetividades e dos espaços masculinos,

[...] o sistema se caracteriza por uma linha que une o mais moral ao menos moral no universo ideológico, e o mais rico ao mais pobre na estrutura social. Neste sentido, não há um dualismo, uma oposição entre dois mundos diferentes, isto é, não há um mundo do trabalho e outro da ociosidade e do crime – há, na verdade, apenas um mundo, coerente e integrado na sua dimensão ideológica. Não faz sentido, então, pensar o ocioso e o criminoso como indivíduos que vivem à margem do sistema, marginais em relação a um suposto mundo da ordem. Cabe pensar a ociosidade e o crime como elementos constituintes da ordem e, mesmo, como elementos fundamentais para a reprodução de um determinado tipo de sociedade.²⁶⁹

²⁶⁸ BUTLER, Judith. Op. cit., p. 242-243.

²⁶⁹ CHALHOUB, Sidney. Op. cit., p. 79.

Compreendemos que uma separação categórica dos sujeitos, como encontramos em algumas páginas do Jornal, se restringia ao discurso da Folha do Norte do Paraná, uma vez que ambos, os “homens de bem” e os “bebuns”, pertenciam a uma mesmo espaço urbano, a uma mesma organização social, que assim os constituía como um mecanismo de manutenção da ordem. Isto é, aqueles indivíduos que se aproximavam ou se distanciavam de um modelo de masculinidade que buscava se firmar enquanto “ideal” eram complementares e necessários entre si.

Além disso, como pontua Chalhoub, a existência “[...] do crime tem uma utilidade óbvia quanto interpretada do ponto de vista da racionalidade do sistema: ela justifica os mecanismos de controle e sujeição dos grupos sociais mais pobres”²⁷⁰. Nessa perspectiva, a denúncia dos “pinguços” nas notas policiais se configurava como uma justificativa para o controle e para a desqualificação desses indivíduos que possuíam uma leitura divergente acerca das normativas e dos modelos da masculinidade “ideal”.

Os conteúdos analisados reforçam os discursos que apontavam para os homens “bebuns” como vadios, descontrolados, degenerados e pervertidos pelo vício, que eram desqualificados e desacreditados pelos comentários e pelas zombarias presentes na coluna policial. Ao mesmo tempo reafirmavam, por meio de elogios, presentes na coluna social, qualificando os “homens de bem” como sujeitos provedores, administradores e empresários. Assim, portanto, com a veiculação de tais modelos, era cristalizado “[...] um ideal de masculinidade, exprimindo e condicionando o ser homem e trabalhador nesse período”²⁷¹.

Com tais características, concebemos que o esforço discursivo da Folha do Norte do Paraná em relação às masculinidades tinha por objetivo valorizar um modelo masculino baseado em “[...] sua capacidade de ação, praticidade e objetividade, sucesso, força e iniciativa, e vinculavam-se os atributos da virilidade ao trabalho, que deveria desempenhar uma função central na vida do homem”²⁷². Dessa maneira, era criado um dever-ser-masculino associado aos qualificados “homens de bem” presentes na coluna social.

Finalmente, podemos considerar que o discurso do Jornal procurava traçar, sobre o espaço urbano maringense, o desenho de um mapa dos lazeres legítimos e ilegítimos da cidade. Além disso, organizava um guia e inventário das masculinidades, qualificando, desqualificando, hierarquizando, descrevendo, dissecando seus cotidianos, seus gestos, trejeitos, formas de vestir e socializar, localizando-as e distribuindo de maneira funcional para a manutenção da ordem do sistema.

²⁷⁰ CHALHOUB, Sidney. Op. cit., p. 79.

²⁷¹ MATOS, Maria Izilda Santos de, 2001, p. 41.

²⁷² MATOS, Maria Izilda Santos de, 2001, p. 42.

Temos, no entanto, que lembrar que essas duas masculinidades enfocadas no discurso da Folha do Norte do Paraná, assim como as feminilidades, estavam inseridas em um contexto e sociedade dotados de uma complexidade que não era abarcada pelo periódico. Nesse sentido, acreditamos que os mesmos sujeitos podiam apresentar comportamentos diversos em espaços diferenciados, adaptando-se e produzindo suas próprias leituras dos discursos normativos do Jornal.

Assim, esses modelos de masculino e de feminino, como os “homens de bem”, “bebuns”, “senhoras da sociedade” e “vadias”, apresentados em nossa pesquisa e percebidos nos discursos do Jornal, provavelmente não eram os únicos modelos, ou seja, os cidadãos, possivelmente, eram forjados suas próprias normativas, muitas vezes, alheios à essas construções discursivas do periódico.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS: AFINAL O QUE NOS DIZEM OS HOMENS E MULHERES DE BEM, OS BEBUNS E AS VADIAS?

Iniciamos esta dissertação com versos da música *Triste, louca ou má*, que descreve e aborda a construção e reconstrução das feminilidades na atualidade, bem como o processo de empoderamento e libertação individual das mulheres. A partir dessas questões recuamos até os homens e as mulheres apresentados nas colunas sociais e policiais da Folha do Norte do Paraná, procurando no contexto de edificação e crescimento das cidades do interior do estado uma aproximação aos modelos de masculinidades e feminilidades que compunham essa sociedade.

Ao fazer a leitura e análise do Jornal, inicialmente produzido com a finalidade de transmitir informação objetivas e rápidas as/aos leitoras/es, impomos a esse veículo de comunicação uma nova temporalidade, um novo olhar atento as repetições, contradições, normatizações, orientações, as maneiras de dizer, as técnicas jornalísticas e aos mecanismos de funcionamento do discurso. Nesse processo, é que encontramos o valor da Folha do Norte do Paraná enquanto fonte de pesquisa, que nos permitiu a aproximação e abordagem de uma série de modelos de masculinidades e feminilidades presentes em seu contexto, e também produzidas em suas páginas.

Nesta perspectiva, tomamos contato com um universo de sujeitos femininos e masculinos que eram as senhoras da sociedade, as prostitutas, as debutantes, as/os assassinas/os as primeiras-damas, as/os trabalhadoras/es, as artistas, as mães e esposas, os bêbados, os pais e maridos, as/os ladras/ões, os empresários e industriais, entre muitos outros indivíduos que poderiam ser citados. Ao analisar a maneira como o Jornal apresentava e abordava esses indivíduos podemos perceber como seu discurso trabalhava com dualidades, distribuindo-os e os organizando de acordo com seu valor social e sua correspondência aos valores e orientações que regiam a equipe editorial.

Ao pensar nossa pesquisa, estabelecemos uma série de recortes que facilitaram nossa compreensão da maneira como eram tratadas as masculinidades e feminilidades, ou seja, de forma dualista, oposta e completar. Isto é, para produção de subjetividades masculinas e femininas havia sempre a relação com outro e com seus opostos. Dessa maneira, por meio da abordagem de colunas visivelmente distintas, como a coluna social e a policial, identificamos as contradições e repetições do discurso do Jornal em relação aos seguintes sujeitos, constantemente, apresentados nas edições eram elas/eles as “senhoras da sociedade”, as “vadias”, os “homens de bem” e os “bebuns”.

Consideramos que o enfoque nesses indivíduos se constituía como um dos mecanismos de funcionamento do Jornal, que os múltiplos recortes de gênero, classe, raça, etnia e geração estavam relacionados. Sendo assim, não poderíamos analisar o universo feminino desconsiderando o masculino, ou o cotidiano das “senhoras da sociedade” sem a problematização das “vadias”, ou dos “homens de bem” separados dos “bebuns”, uma vez que, ambos os sujeitos circulavam em um mesmo espaço urbano, que embora fosse segregado pelo próprio discurso do Jornal, também constituía redes de sociabilidades, encontros e narrativas comuns as figuras por nós investigadas.

Verificamos também que entre esses dois extremos femininos e masculinos coexistia uma série de outras feminilidades e masculinidades. Isto indica como as padronizações e os discursos de ordem moral publicados no Jornal não eram totalmente incorporados pela população, como nos indicam o constante ir e vir de “bebuns” e das prostitutas pela cidade; mesmo quando o Jornal lhes impunha zonas determinadas da cidade para permanecerem. Além disso, não eram somente os sujeitos “desajustados” que não se alinhavam totalmente as normativas presentes no discurso da Folha do Norte do Paraná, também as mulheres e homens de bem não se encaixavam no perfil criado para eles como, por exemplo, os jovens “perturbativos” e a deputada da cidade.

Assim, mesmo abordando apenas algumas das subjetividades apresentadas pelo Jornal consideramos a existência de múltiplos sujeitos, bem como o papel ativo do Periódico no sentido de apresentar e selecionar apenas alguns dos aspectos do cotidiano desses indivíduos. Dessa maneira, o silêncio do discurso da Folha do Norte do Paraná e suas interdições que recaíam, especialmente, sobre a vida das “vadias” e dos “bebuns”. Ambos os padrões eram apresentados de maneira unilateral, considerando apenas seu encontro com o poder, pelo controle e vigilância. Entretanto, o controle não era necessariamente limitado apenas a esses sujeitos ditos “desviantes”, uma vez que, aos homens e mulheres da sociedade também eram ditadas normas acerca de modelos ideais de masculinidades e feminilidades.

A partir dessas considerações podemos compreender que o discurso do Jornal produzia e reproduzia uma série de masculinidades e feminilidades, as selecionando e legitimando. Sendo assim, considerando que a produção discursiva disseminada no tecido social se configura enquanto um campo de lutas e de produção de sentidos e poderes, consideramos que o discurso apresentado na Folha do Norte do Paraná é “um bem finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de apropriação e de utilização um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas ‘aplicações práticas’) a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política”²⁷³. Desta feita, o poder de fala apresentado pelo discurso

²⁷³ FOUCAULT, Michel. 2007, p. 136-137.

do Jornal e sua produção associada, em sua maioria, por homens brancos da elite maringense, influenciava em sua constituição, especialmente, em relação a autoimagem criada para o seu grupo, assim como para a construção da imagem dos outros sujeitos. Ou seja, a construção de modelos masculinos e femininos estava associada a manutenção do *status quo* de um grupo social, garantida pelo domínio da prática social do discurso.

Ao apresentar uma leitura de seu tempo e dos papéis destinados a homens e a mulheres, a Folha do Norte do Paraná contribuía e intervinha no processo de construção das masculinidades e das feminilidades, de acordo com seus interesses, finalidades e preceitos. Nesse sentido, ainda que seu posicionamento não fosse único e universal, visto que coexistiam outros modelos e padrões de condutas, percebemos como o gênero se apresenta enquanto *performances* construídas discursivamente, nas quais as imagens de “vadias”, de “bebuns”, de “senhoras da sociedade” e de “homens de bem” são apenas algumas das muitas formas de apresentação dos sujeitos. Dessa maneira, consideramos como a constituição dessas subjetividades abordadas em nossa pesquisa envolvia uma série de rituais cotidianos como o debutar, o namoro, o casamento, a maternidade, o trabalho, entre outros. Nesse contexto, a correspondência e cumprimento dessas etapas eram elementos, inclusive no discurso do Jornal, que desqualificavam algumas posturas como a das “vadias” e a dos “bebuns”, enquanto valorizava o comportamento e estilo de vida das “senhoras da sociedade” e dos “homens de bem”.

Quando percorremos as festas e jantares nos clubes, os encontros em bares, restaurantes, lanchonetes e casas de prostituição, percebemos a busca por constituir fronteiras, delimitações, marcadores de diferenças, tanto entre homens e mulheres, quanto entre as/os trabalhadoras/es pobres e a “alta e boa sociedade”. Além disso, conseguimos abordar diversos aspectos relacionados a essas subjetividades construídas pelo discurso do Jornal, como, por exemplo, as sociabilidades desses sujeitos e as normativas que envolviam sua apresentação e circulação social.

Todos esses aspectos considerados durante a pesquisa nos trazem questionamentos acerca das feminilidades e masculinidades atualmente, uma vez que, o próprio problema de pesquisa surgiu de inquietações pessoais sobre a minha constituição enquanto sujeito mulher. Ao refletir sobre meu lugar dentro de um espectro de feminilidade, que comporta padrões como beleza, delicadeza, magreza, maternidade, heterossexualidade, fragilidade, recato, entre outras características, foram surgindo as questões acerca do processo de constituição desses modelos femininos. Em nosso percurso das décadas de 1960 e 1970 apresentadas pela Folha do Norte do Paraná encontramos com a necessidade de trabalhar com a dualidade e complementariedade de feminilidades e masculinidades, bem como de outros elementos como classe, geração, etc, esse

tecer da pesquisa com a atualidade nos indica uma série de rupturas e novos significados para o que é ser homens e mulheres, mas também nos aponta para permanências.

Assim, eram homens e mulheres, senhores e senhoras da “alta e boa sociedade” educados, de gostos refinados e consumos apurados, reunidos em clubes e associações, que garantiam a sociabilidade e a manutenção dos seus grupos, mas na vivência da cidade eram também bêbados engraçados e camaradas, eram mulheres dadas a servir ao prazer masculino, ainda que consideradas imorais. Ao pensarmos nesses sujeitos no presente, algumas questões se formam, como: quem seriam eles hoje? –Seguiriam os mesmos modelos do passado?

São questões que ficam e que devem ser levantadas em nossa constituição enquanto sujeitos, em nossas práticas de pesquisas, refletindo e desconstruindo os processos naturalizados em relação a construção de feminilidades e masculinidades. Visto que, como nos dizem os indivíduos investigados nessa dissertação, esses homens e mulheres eram constituídos por práticas e rituais, ou seja, discursos permeados por lutas e produção de saberes, poderes e sentidos; que organizavam e davam forma aos seres. Por fim, consideramos que olhar esses modelos nos aproxima dos processos de construção dos masculinos e femininos em nosso contexto atual, nos fazendo pensar as interseccionalidades dos discursos e das experiências que nos constituíam no passado e no presente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ângela Maria Menezes. Feminilidade – caminho de subjetivação. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 38, p. 29-44, 2012.

AREND. S. M. F.; HAGEMEYER, R. R.; LOHN, R. L. Ditadura Militar: mais do que algozes e vítimas – a perspectiva de Carlos Fico. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 5, n. 10, p. 464-483, 2013.

ARIAS NETO, João Miguel. Pioneirismo: discurso político e identidade regional. **História & Ensino**, Londrina, v. 01, p. 69-82, 1995.

BENATTI, Paulo Antônio. **O centro e as margens: boemia e a prostituição na “capital mundial do café”** (Londrina: 1930-1970). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Editora da USP, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Editora da USP, 1996. p. 81-116.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

_____. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 42, p. 249-274, 2014.

CAMPOS, Paulo Fernando de S. Moralizando o pobre: vadios, baderneiros e loucos na “cidade tecnicamente planejada para ser bela e sem problemas”. DIAS, Reginaldo B.; GONÇALVES, José H. R. **Maringá e o norte do Paraná**. Maringá, PR: Editora da UEM, 1999, p. 315 – 331.

CARVALHO, Francismar Lopes de. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. **Diálogos**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 149, 2005.

CASAGRANDE, Iolanda. O trabalhador rural volante (“bóia-fria”) na região de Maringá, nos anos 70. In: DIAS, R. Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo. **Maringá e o norte do Paraná**. Maringá, PR: Editora da UEM, 1999, p. 221.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

CHIES, Cláudia; YOKOO, Sandra Carbonera. Colonização do Norte Paranaense: avanço da cafeicultura e problemas decorrentes deste processo. **Rev. GEOMAE**. v.3, n. 1, p. 27-44, 2012.

CONNEL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-281, 2014.

CORDOVIL, Fabíola Castelo de Souza. **A aventura planejada, engenharia e urbanismo na construção de Maringá 1947-1982**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade São Paulo, São Carlos, 2010.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre a história e imprensa. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, 2007.

CUNHA, Maria de Fátima da. Homens e mulheres nos anos 1960/70: um modelo definido? **Revista História: Questões e Debates**, Curitiba, n. 34, 2001, p. 201-222.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 109.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle (1972-1990). In: _____. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 219-226.

DIAS, Reginaldo Benedito. Os trabalhadores e a esquerda na resistência à ditadura militar: a greve geral de outubro de 1968 em Maringá. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo (Orgs.). **Maringá e o norte do Paraná: estudos de história regional**. Maringá, PR: Editora da UEM, 1999. p. 179-219.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 19-50.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FÁVERI, Marlene. **Moços e moças para um bom partido** (a construção das elites de Itajaí, 1929-1960). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

FÁVERI, Marlene; SILVA, Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria (org.). **Prostituição em áreas urbanas: histórias do tempo presente**. Florianópolis: Editora da UDESC, 2010.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault**. Uma trajetória para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-229.

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GALVÃO, Bruno Abílio. A ética em Michel Foucault: do cuidado de si à estética da existência. **Revista Intutiu**, Porto Alegre, v. 7, n.1, p. 157-168, 2014.

GARUTTI, Sélson. **O poder do anel na diocese de Maringá**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

GONÇALVES, José Henrique Rollo. Escavando o chão da futilidade: colunas sociais fontes para o estudo das elites locais. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 35-59, 1999.

KIMMEL, Michel S. A produção de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 9, p. 103-117, 1998.

KUSHNIR, Beatriz. Pelo viés da colaboração: a imprensa no pós-1964 sob outro prisma. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 27-38, dez. 2007.

LASSEN, Dulce Beatriz Mendes. Efeitos de sentido: a tentativa de contenção e deslizamento. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 40, p. 73-82, 2010.

LIMA, Tânia Andrade. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 5, p. 97-127, 1997.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 113-153.

MACARANI, José Pedro. A política econômica do governo Médici: 1970-1973. **Nova Economia**, Belo Horizonte, n. 15, p. 53-92, 2005.

MACHADO, Vanderlei. **Entre Apolo e Dionísio**: a imprensa e a divulgação de um modelo de masculinidade urbana em Florianópolis (1889-1930). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2007.

MARCH, Kety Carla de. **Jogos de luz e sombra**: processos criminais e subjetividades masculinas no Paraná nos anos 1950. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

MARIA, Maurício de Fraga Alves. **Crônicas da alta sociedade**: discursos, representações e cotidiano nas colunas sociais do jornal Folha do Oeste (Guarapuava, PR, 1959-1964). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciência e Letras de Assis – Unesp, Assis, 2011.

MARTINS, Ana Paula Vosne. A feminilização da filantropia. **Gênero**, Niterói, v. 15, n. 2, p. 26, 2015.

MATOS, Maria Izilda. História das mulheres e gênero: usos e perspectivas. In: MELO, Hildete Pereira de; PISCITELLI, Adriana; MALUF, Sônia Weidner; PUGA, Vera Lúcia (Org.). **Olhares feministas**. Brasília, DF: Ministério da Educação/UNESCO, 2007. p. 284.

_____. **Meu lar é o botequim**: alcoolismo e masculinidade. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARZ, Lilia Moritz (Org.). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia da Letras, 2006. p. 559-658.

MOREIRA, Elmo Nélio. Valores do salário mínimo desde a sua instituição até o dia de hoje. **Economia e finanças**, 2014. Disponível em: <http://www.gazetadeitauna.com.br/valores_do_salario_minimo_desde_.html> . Acesso em: 20 dez. 2014.

NONNENMACHER, Marilenge. Conselheiro Mafra – a alma de uma rua chamada ‘pecado’. In: FÁVERI, Marlene de; SILVA, Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Prostituição em áreas urbanas**: histórias do tempo presente. Florianópolis, SC: Editora da UDESC, 2010. p. 95-114.

OLIVEIRA, Semí Cavalcante de. A economia cafeeira no Paraná até a década de 1970. **Vitrine da Conjuntura**, Curitiba, v. 2, n. 4, 2009.

PAULA, Antônio Roberto de. **O jornal do bispo**: a história da Folha do Norte do Paraná. Disponível em: <<http://jornaldobispo.blogspot.com/2010/04/livro-o-jornal-do-bispo-historia-da.html>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas**: uma questão de classe. Florianópolis, SC: UFSC, 1994.

_____. As mulheres e a separação das esferas. **Diálogos**, Maringá, v. 4, n. 4, p. 33-39, 2000.

_____. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, 2003.

PEREIRA, Ivonete. **“As decaídas”**: prostituição em Florianópolis (1900-1940). Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2004.

PEREIRA, Ronyelssom Cezar Souza. **“Gay macho”, “travesti”, “bicha pintosa”?** – A produção discursiva sobre representações homoeróticas no Jornal Lampião da Esquina (1978-1981). Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2017.

PISCITELLI, Adriana. “Pioneiros”: masculinidades em narrativas sobre fundadores de grupos empresariais brasileiros. In: SCHPUN, Mônica Raísa (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Bom tempo Editorial, 2004. p. 175-202.

PRIORI, Ângelo. Lutas sociais e conflito político: alguns temas da história de Maringá (O II Congresso de Trabalhadores Rurais e a formação da Frente Agrária Paranaense). In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo (Orgs.). **Maringá e o norte do Paraná**: estudos de história regional. Maringá, PR: Editora da UEM, 1999. p. 179-219.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1830-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 3, p.11-27, 1994.

RIBAS, Ana Cláudia. **A “Boa Imprensa” e a “Sagrada Família”**: sexualidade, casamento e moral nos discursos da imprensa católica em Florianópolis – 1929/1959. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Santa Catarina, 2009.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 158, 2003.

_____. Modernização e concentração: a imprensa carioca nos anos 1950-1970. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia Maria Bressoni. **História e imprensa: representações culturais e práticas de poder**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 417.

ROBLES, Orivaldo. **A Igreja que brota da mata**. Maringá, PR: Dental Press, 2007. p. 214.

SANTOS, Rubens Rodrigues dos. **Colonização e desenvolvimento do norte do Paraná**. Disponível em: <<http://www.cmnp.com.br/melhoramentos/50anos-cmnp/files/CMNP.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

SAVIAN, Zulemar Augusta Giroto. Gênero, Masculinidades e Alcoolismo: Brasil no início do século XX. **Revista Cadernos De Clio**, Curitiba, n.º 4, p. 169-200, 2013.

SILVA, Ana Cristina Teodoro da. **Temporalidades em imagens da imprensa**: capas de revistas como signos de olhares contemporâneos. Maringá, PR: Editora da UEM, 2011.

_____. Introdução à análise das imagens da imprensa. In: PÁTARO, C. S. de O; HAHN, F. A.; MEZZOMO, F. A. (Orgs). **Instituições e sociabilidades**: religião, política e juventudes. Campo Mourão, PR: Editora da Fecilcam, 2013. p. 107.

SILVA, Márcia Pereira da; FRANCO, Gilmara Yoshihara. Imprensa e política no Brasil: considerações do jornal como fonte de pesquisa histórica. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 4, n. 8, p. 9, 2010.

SKURA, Ivânia. **Sociedade e imprensa**: representações de beleza de mulher no jornal Folha do Norte do Paraná. Dissertação, Unespar, Campo Mourão, 2015.

SOUZA, Ney de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. **Revista de Teologia e Cultura**, São Paulo, n. 2, 2005.

TOMAZ, Paulo César. A região norte do Paraná e a formação da cidade de Maringá. **Revista Semina**, v. 8, n. 2, p. 1-19, 2010.

TOMAZI, Néelson Dácio. **“Norte do Paraná” história e fantasmagorias**. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

VELHO, Gilberto. O estudo do comportamento desviante: a contribuição da antropologia social. In: VELHO, Gilberto. **Desvio e divergência**: uma crítica da patologia social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VENERA, Raquel Alvarenga Sena. A cidade das Camélias e as Camélias da cidade. In: FÁVERI, Marlene de; SILVA, Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Prostituição em áreas urbanas**: histórias do tempo presente. Florianópolis, SC: Editora da UDESC, 2010, p. 115-132.

VESTERGAARD, Torben; SCHRODER, Kim. **Estratégias de comunicação**: sexo e classe. In: **A linguagem da propaganda**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 105-107.